Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira 23.5.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 644 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

VACINAÇÃO DE ADULTOS PODE POUPAR 245 MILHÕES AO PAÍS

SAÚDE Há vacinas que, se estivessem disponíveis de forma universal para a população portuguesa, poderiam prevenir algumas doenças e reduzir os custos com o seu tratamento. Esta é a conclusão de um estudo feito pela Escola Nacional de Saúde Pública, da Universidade Nova de Lisboa. A Sociedade Portuguesa de Saúde Pública e o projeto *+Longevidade* vão propor que estas vacinas sejam incluídas no Plano Nacional de Vacinação, evitando desigualdades na população.

PÁG. 12



REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

JOÃO COTRIM DE FIGUEIREDO

“A EXTREMA-DIREITA USA A IMIGRAÇÃO PARA CRIAR UMA EUROPA-FORTALEZA, QUE ESTÁ NOS ANTÍPODAS DA VISÃO DA IL”

PÁGS. 4-7

IMIGRAÇÃO Corrigir a “asneira” da AIMA é prioridade do Governo PÁG. 8

ECONOMIA Portugal vai estar no “*top*-10” dos países com mais pagamentos do PRR PÁG. 14

DIPLOMACIA Reconhecer a Palestina, significa o quê na prática? PÁG. 17

ATLETISMO Nelson Évora está de volta e quer dar mais “uma alegria aos portugueses” PÁG. 21

CANNES *Grand Tour*: A grande beleza asiática de Miguel Gomes PÁG. 27

TAYLOR SWIFT Rainha dos palcos, das bilheteiras... e dos boletins de voto PÁGS. 24-25

RELATÓRIO MENORES EM RISCO: NEGLIGÊNCIA É A PRINCIPAL RAZÃO DE DENÚNCIAS PÁG. 10-11



Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira

Diretor adjunto do Diário de Notícias

Tanto que se aprende sobre a UE a olhar para um mapa com pontinhos verdes

Ainda há três semanas, a 1 de maio, a UE celebrou os 20 anos do mais amplo e ambicioso dos seus alargamentos. Amplo, pois incluiu dez países; ambicioso, já que oito dos novos membros eram países da Europa Central e Oriental, que tinham passado a maior parte do pós-Segunda Guerra Mundial governados por regimes comunistas (sete deles também sob tutela do Kremlin), o que os deixou mais pobres do que as nações da Europa Ocidental, incluindo Portugal. Mas olhando agora para um mapa das regiões europeias, mostrado ontem por Elisa Ferreira num encontro com jornalistas em Lisboa, percebo que o sucesso de checos ou lituanos, que já ultrapassaram o rendimento dos portugueses em termos de paridade de poder de compra, não pode ser contado como um conto de fadas. Sobretudo, é importante perceber que há lições a tirar dos pontos verdes que vi a brilhar em muitos países em que a cor dominante era o rosa, por vezes o rosa-escuro. Quanto mais intenso o verde, mais rica a região europeia, quanto mais intenso o rosa, menos rica – aliás, mais do que rosa, estamos a falar por vezes de roxo.

A comissária europeia da Coesão, agora a terminar o mandato, confirmou que os novos membros – contando também com a Roménia e a Bulgária, que aderiram em 2007, e a Croácia, que entrou no clube em 2013 – conseguiram um progresso real e uma aproximação à média da UE, embora o ritmo dos checos não se possa comparar, de forma alguma, ao dos búlgaros. Uma aproximação fruto, claro, da entrada num vasto mercado único, também da generosidade dos fundos comunitários, os tais que ainda antes do PRR já visavam reforçar a coesão europeia e que muito fizeram também por Portugal, sobretudo na década que se seguiu à nossa entrada na então CEE, em 1986.

O caso da República Checa é mesmo o mais impressionante, pois desde 2004 ultrapassou Espanha, Portugal e Grécia e ameaça ultrapassar, um dia destes, até a Itália. Mas mesmo os checos exibem um dos tais pontinhos verdes rodeado por tons de rosa, mesmo que alguns sejam rosa clarinho, o menos mau deles.

Quem souber um pouco de geografia facilmente perceberá não haver mistério no ponto verde no meio da República Checa: trata-se de Praga. Tal como o ponto verde na Roménia é Bucareste, o na Hungria é Budapeste, o na Polónia é Varsóvia e o na Lituânia é Vílnius. Sim, as capitais brilham mais, não só no mapa que Elisa Ferreira nos foi explicando, mas na realidade da vida das pessoas. O efeito positivo da adesão sente-se mais na grande cidade.

Há até o caso de Bratislava, bela capital junto ao Danúbio, que destoa tanto do resto da Eslováquia quanto combina com a vizinha Áustria, beneficiando de ser vizinha de Viena. No tempo do Império Austro-Húngaro, quando se chamava Pressburg, era ainda mais evidente essa relação face àquela que foi a capital dos Habsburgos.

Numa leitura simplificada, a UE é atravessada por uma faixa central de tons de verde, que começa a meio da bota italiana e se estende até à Dinamarca, prosseguindo para norte até à Suécia. Áustria, boa parte da Alemanha e da Bélgica e ainda o Luxemburgo e a Holanda, também fazem parte dessa faixa. Verde, verdíssima até, é igualmente a Irlanda, agora isolada, consequência desse *Brexit* que é sinónimo de saída do Reino Unido da UE, um caso único em 67 anos da organização.

Em contraponto, numa descrição geral, o Leste é rosa, incluindo a antiga Alemanha comunista, também a Grécia e o Sul de Itália e a Península Ibérica. Com alguma surpresa para mim, também quase toda a França mostra os tons rosa que não são de futuro rosa. Uma análise mais fina revela já o impacto da quebra demográfica.

Atenção que quem está a escrever é um europeísta assumido, tal como o são Sofia Moreira de Sousa, a anfitriã ontem na representação da Comissão Europeia em Lisboa e, sem dúvida, Elisa Ferreira, que me cativou tanto pelo conhecimento técnico que mostrou ao longo de duas horas de conversa, como pela convicção nos méritos deste projeto de construção europeia que poderá, num futuro mais ou menos próximo, abranger 35 países, contando com os Balcãs Ocidentais e também uma Ucrânia que, em guerra com a Rússia, vê a UE como sinónimo de paz.

Mas as diferenças enormes de cores no mapa da riqueza relativa das regiões europeias não podem ser ignoradas, mesmo que devam ser encaradas mais como sinais de alerta do que fracasso. A coesão tem mesmo de ser levada muito a sério, não só entre países, mas dentro dos próprios países.

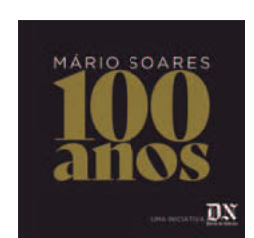
Madrid verde no meio do rosa padrão espanhol (as outras exceções são o País Basco e Navarra), Paris verde no meio do rosa padrão francês (tirando a Cote D'Azur), Lisboa verde no rosa padrão português (sem mais exceções). Também Berlim, verde único no rosa padrão do que até 1990 era o território da RDA. Que ilações tirar?

Aqui socorro-me do que disse a comissária europeia: é preciso cada país apostar numa economia diversificada e com múltiplos polos de desenvolvimento. Uma capital nunca deixará de ser uma capital, e o caso de Paris, com todo o seu dinamismo, com a excelência das suas universidades e a presença de grandes empresas, até consegue garantir que a França é um dos motores da UE. Mas o melhor exemplo a seguir provavelmente é o alemão (apesar do Leste): múltiplos polos de desenvolvimento, várias cidades capazes de rivalizar com Berlim, como Munique ou Frankfurt. Claro que o passado ajuda a explicar, pois é um país que só se unificou na segunda metade do século XIX, herdeiro de vários reinos e principados e cidades-livres, portanto muito descentralizado. E que ainda hoje se mantém firmemente federalista.

> **"Debater a Europa é também debater o que se quer que Portugal seja na Europa. Temos de ser ambiciosos. A UE é um projeto de futuro, um íman, basta ver como vários países anseiam entrar. Temos de saber tirar o melhor de fazermos parte deste projeto."**

Só cinco capitais europeias apresentam níveis de rendimento abaixo da média europeia. A regra é o oposto. Mas todas as 27 exibem um rendimento acima da média do respetivo país. Lisboa, por exemplo, está bem acima da média portuguesa e consegue estar também, como já vimos, acima da média da UE. Mas há vários anos que perde dinamismo, como mostra outro gráfico apresentado no Centro Jean Monnet: os lisboetas chegaram a ter, em média, um pouco mais de 120% do rendimento médio da UE; em 2011, quando a crise fez o Governo chamar a *troika*, já era de 110%; e tem vindo sempre a cair, mesmo quando a economia recupera, o que aconteceu a seguir à pandemia, o que significa que outros países europeus estão a crescer mais e sobretudo várias regiões desses países, a tal faixa central verde, continuam a crescer, sendo já muito ricas. E também algumas regiões do Leste crescem muito, embora, nesse caso, vindas de pontos de partida muito baixos. Então o que fazer?

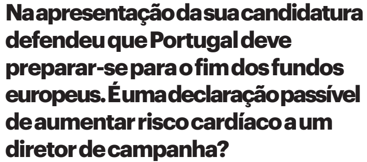
Aproveitar ao máximo o PRR e os fundos de coesão. Como diz Elisa Ferreira, desta vez não é a falta de dinheiro o problema, é a falta de políticas públicas que o aproveitem para relançar o país. E relançar o país – digo eu, que sou setubalense de nascimento e vivo em Lisboa – significa relançar Lisboa, aproveitá-la no seu potencial (que é muito mais do que o turismo), mas também relançar o Porto, Coimbra, Aveiro, Braga, Faro, todas as regiões do interior e as ilhas, onde as universidades e os politécnicos têm de ser vistos como aliados das empresas para criação de riqueza e de emprego qualificado. Debater a Europa é também debater o que se quer que Portugal seja na Europa. Temos de ser ambiciosos. A UE é um projeto de futuro, um íman, basta ver como vários países anseiam entrar. Temos de saber tirar o melhor de fazermos parte deste projeto. Talvez, a par de falarmos a nível europeu de um novo alargamento, tenhamos que voltar a nível nacional a debater os prós e os contras da regionalização!





Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **NotíciasMagazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.


Volta ao Mundo
ANTÁRTIDA A EXPEDIÇÃO PORTUGUESA QUE VEIO DO FRIO
Volta ao Mundo
NATUREZA EXUBERANTE
COSTA Rica
MARRAQUEXE A CIDADE E O DESERTO
INGLATERRA NA PEGADA DE SHAKESPEARE
ASSINATURA ANUAL
PAPEL+DIGITAL
39,90€ ~~60,00€~~
ASSINE JÁ
OU LIGUE PARA O
219249999





JOÃO COTRIM DE FIGUEIREDO

“Nos que gostam da Europa, há os que acham que isto vai lá com umas massagens e uns retoques”

O cabeça de lista da Iniciativa Liberal às Eleições Europeias defende que a União Europeia precisa de “reformas a sério” para garantir crescimento económico, que não envolvem manter Ursula von der Leyen à frente da Comissão ou ter António Costa na presidência do Conselho Europeu. Avisa que afastar hipótese de enviar tropas para a Ucrânia é fortalecer Putin, diz que é populista falar em emergência climática e garante que Portugal tem condições para integrar bem os imigrantes. Quanto ao resultado eleitoral, nega que eleger-se só a si próprio seja “uma façanha”.

ENTREVISTA **LEONARDO RALHA** FOTOS **REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS**

Na apresentação da sua candidatura defendeu que Portugal deve preparar-se para o fim dos fundos europeus. É uma declaração passível de aumentar risco cardíaco a um diretor de campanha?
Parece-me óbvio que os fundos não serão eternos e, se contarmos com os inevitáveis impactos do alargamento, esse prazo será provavelmente mais curto do que alguns esperariam. Tendo em conta a reprodutividade da aplicação dos fundos no passado, era bom que os anos que nos restam da utilização de quadros financeiros plurianuais sejam diferentes. Se isso não acontecer, não estaremos mesmo preparados para viver sem fundos.
Admite que os fundos são o principal ponto de ligação entre os portugueses e a União Europeia?
Alguns, é isso que automaticamente mais associam. Até começarem a perguntar se apreciam a facilidade de circular no espaço europeu, com a ausência de fronteiras, e a facilidade de utilizarem a mesma moeda em 19 dos 27 estados, e a oportunidade que deu às empresas de exportar ou importar do espaço europeu sem tarifas. Quando se particulariza tantas coisas boas que o projeto europeu trouxe, as pessoas reconhecem que é isso que as faz gostar.
Mas certamente será menos fácil ser europeísta quando Portugal não receber fundos.
O que, paradoxalmente, não parece uma coisa má. Se estamos interessados num contrato, neste caso, político ou social, por causa do dinheiro, não temos verdadeiro apreço ou estima. Temos interesse. E os interesses não são base suficientemente forte para uma aliança com a dimensão e ambição do projeto europeu.
Portugal tem levado com excesso de leveza essa dimensão, como quando o ex-primeiro-ministro António Costa fez a rábula com a presidente da Comissão Europeia se podia ir ao banco levantar o cheque?
Não ajuda. Até porque a naturalidade e a velocidade com que saiu esse comentário pode representar que é isso que está no topo da cabeça dos decisores políticos.
Já disse que não foi retirado o devido proveito dos 160 mil milhões de euros, a preços correntes, que Portugal recebeu desde a adesão. Quais foram as principais falhas e o que ainda pode ser feito para as reparar?
Quando continuamos a ter deficiências nas infraestruturas básicas de comunicações e energia, quando continuamos a ter nos serviços públicos falta de instalações condignas para o Serviço Nacional de Saúde ou Educativo, quer dizer que não investimos na parte estrutural. Muitos nos acusam de querer acabar com o investimento público, e é uma boa oportunidade de esclarecer que os liberais não são libertários e muito menos anarquistas, pelo que defendem um Estado forte nas suas funções. E uma delas é



PERFIL

João Cotrim de Figueiredo tem 62 anos e volta a apresentar-se a votos, enquanto cabeça de lista da Iniciativa Liberal, menos de dois anos após surpreender o partido com o anúncio de que iria deixar a liderança, meses depois de contribuir para a eleição de oito deputados nas Legislativas de 2022. Não foi o primeiro momento insólito na carreira política do gestor lisboeta, que ao ser eleito deputado único dos liberais em 2019 acabou por se tornar presidente do partido, na sequência da renúncia do anterior líder, Carlos Guimarães Pinto. Antes foi administrador de diversas empresas, presidente da comissão executiva do Banco Privado Português, diretor-geral da TVI e ainda presidente do Conselho Diretivo do Turismo de Portugal, tendo sido um dos responsáveis pela vinda da Web Summit para Portugal.



"Era bom que os anos que nos restam da utilização de quadros financeiros plurianuais sejam diferentes. Se isso não acontecer, não estaremos mesmo preparados para viver sem fundos."



"O tema [imigração] tem de ser discutido, quanto mais não seja para não o deixar como um exclusivo da extrema-direita e dos populistas, que o usam como pretexto para fechar fronteiras, numa Europa-fortaleza que está nos antípodas da visão da IL."



"Alterações climáticas são um risco não só económico, mas sobretudo humano, que temos de minimizar o mais rapidamente possível. O que contestamos é que a lógica não pode ser alarmista."

criar condições para o exercício da liberdade económica, o que implica acelerar infraestruturas, até porque não são as coisas que a iniciativa privada faz mais rapidamente. Pode e deve ser o Estado a dar o primeiro passo, em colaboração com privados e outras instituições.

Como é que as instituições comunitárias podem potenciar um crescimento que torne a Europa mais competitiva em relação aos outros blocos, o que tem sido um ponto recorrente na sua campanha?

Fazendo, à escala europeia, o que Portugal devia ter feito, que era preocupar-se com infraestruturação mais do que com regulação e intervenção excessiva. Em segundo lugar, continuando o processo, que desacelerou muito, de integração de mercados. Existe há muitas décadas o mercado único de bens e serviços, que é muito imperfeito, com muitas diretivas não-totalmente aplicadas ou transpostas da forma mais exata, e continua a haver obstáculos. Tem de se acelerar o mercado único digital, fazer o mercado único de energia e acabar a união bancária. E dar passos decisivos, o que para Portugal seria importantíssimo, no mercado único de mercados de capitais. A disponibilidade assimétrica de capital para financiar ideias e projetos é um dos motivos mais permanentes da desigualdade de desenvolvimento entre os Estados-membros. Boas ideias vão havendo na cabeça de europeus de vários países. A capacidade de os concretizar é que varia muito.

É uma questão de massa crítica?

Há setores onde a dimensão é importante. A ausência, nas 20 ou 30 maiores empresas globais, de empresas europeias de relevo é preocupante, mas é mais um sintoma de que não estamos a conseguir o *scaling-up*. Uma ideia que tem possibilidade de se expandir para além das fronteiras do país onde nasceu, não consegue financiar-se ou encontra obstáculos em cada passo de desenvolvimento. Se uma empresa americana, incorporada no Delaware, quiser apelar a investidores disponíveis para investir em empresas na fase mais precoce, consegue que, em qualquer um dos 50 estados dos Estados Unidos, adiram com uma única formalização e com documentos que são aceites, vindos do estado que vier. Na Europa, 27 Estados-membros vão precisar de 27 idas ao notário e 27 exibições de documentos, iguais ou diferentes. São obstáculos à real circulação. É a quinta liberdade que queremos juntar ao mercado único. Não só bens, não só serviços, não só capital, não só pessoas, também conhecimento.

Há que temer que nunca haja uma Meta, uma Alphabet, uma Tesla ou uma Apple na União Europeia?

Não, pois há condições de conhecimento e de iniciativa suficientes. Não as perdemos totalmente. Num certo sentido, não as perdemos de todo. Há o problema de financiar o crescimento, mas hoje está no *top-20* mundial em termos de capitalização a Novo Nordisk, que encontrou um nicho de mercado em medicamentos que eram para tratar a diabetes e agora têm aplicações na redução de peso, pelo que teve uma evolução brutal na capitalização. Dizem que é sorte, mas não.

A sorte dá trabalho...

Isto indica outra coisa, que é um credo muito liberal, e de que a IL tem falado muitas vezes: a única maneira de encontrar nichos que podem produzir grandes empresas, ou de encontrar pequenas *nuances* que podem fazer a diferença entre o médio e o bom, e entre o bom e o ótimo, é ter muitas ideias, ter muitas tentativas, ter muita gente. Por isso fazemos muita força na desburocratização, simplificação e remoção de obstáculos. Não queremos mil, não 10 mil, mas um milhão de europeus a tentar. A probabilidade de acertar é baixa para todos, mas alguns negócios terão capacidade de se transformarem em grandes empresas.

O combate às alterações climáticas e a aposta na transição energética são as prioridades certas para assegurar prosperidade ou, levados ao extremo, põem-na em causa?

As alterações climáticas são um risco não só económico, mas sobretudo humano, que temos de minimizar o mais rapidamente possível. O que contestamos é que a lógica não pode ser alarmista e os mecanismos não podem ser proibições ou obrigações. Têm de ser mecanismos de mercado, ou seja, criar incentivos para fomentar os comportamentos mais benéficos do ponto de vista ambiental, com menos emissões de gases com efeito de estufa. Senão, vamos estar numa tensão mal arbitrada entre os danos que as alterações climáticas e o empobrecimento podem trazer à saúde e à longevidade humanas. Se só assumirmos soluções que envolvam redução da atividade económica vamos empobrecer inevitavelmente as pessoas. A essência da política é encontrar equilíbrios e fazer escolhas certas. Neste momento, o *European Green Deal* é demasiado proibicionista, em alguns casos demasiado protecionista, para o bem da Europa a médio e longo prazo.

Em sua opinião, a expressão "emergência climática" é populista?

É, porque faz aquilo que os populistas fazem, que é jogar com as emoções mais básicas para forçar alterações que lhes sejam politicamente vantajosas. Por isso não surpreende ninguém que em todas as manifestações em defesa do planeta e do combate às alterações climáticas apareçam inevitavelmente cartazes e faixas contra o capitalismo. É o objetivo principal de quem torna o tema uma questão de emergência que parece justificar todas as medidas, mesmo as que levam ao empobrecimento das pessoas.

Fala muito de emigração, nomeadamente da forma de evitar que

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

seja uma inevitabilidade. Diria que a imigração está a ter um peso desproporcionado no discurso político?
O tema tem de ser discutido, quanto mais não seja para não o deixar como um exclusivo da extrema-direita e dos populistas que usam a imigração como pretexto para fechar fronteiras, numa Europa-fortaleza que está nos antípodas da visão da IL. Os motivos pelos quais às vezes a discussão é empolada é porque se pega em casos particulares e se tenta generalizar, ou ver o assunto como uma conspiração mundial de substituição de populações e teorias parecidas que, infelizmente, se ouvem cada vez mais. A agenda migratória também é uma forma de extremar posições entre os Estados-membros, e isso enfraquece as democracias e há quem tenha interesse nisso. Mas não pode ser um tabu dos populistas, nem à esquerda, nem à direita, e é importante perceber que, se há uma perceção generalizada de que está descontrolada, de que há falta de organização, fiscalização e integração, é nossa função, como políticos responsáveis, desfazer essa perceção.
Qual foi a ideia mais desprovida de sentido sobre imigração que ouviu dos outros partidos na campanha?
Não uma ideia, mas sim a ausência de ideias. No debate com a cabeça de lista do Bloco de Esquerda, perante a discussão de que pode haver 200 milhões de migrantes a procurar o espaço europeu nos próximos anos, dos quais alguns milhões poderiam querer estabelecer-se em Portugal, as soluções eram sobre a regularização dos 400 mil que já cá estão. E a questão não é essa, e sim os 400 mil que podem vir a seguir ou outros 400 mil a seguir a esses. Sobre o que falta fazer ouvimos zero, e isto é de uma irresponsabilidade brutal, pois, se não fizermos nada, vamos criar um problema social e político.
É indiferente chegarem 400 mil brasileiros, cabo-verdianos, angolanos ou ucranianos ou 400 mil de outros países e outras culturas?
É indiferente, com a exceção da língua, pois a integração de quem fala português é naturalmente mais fácil. Nesse sentido, ensinar português como língua não-materna a esse conjunto de pessoas tem de ser programado e previsto. Em tudo o resto, Portugal tem mais do que condições para integrar bem.
A escolha de um cabeça de lista da Aliança Democrática como Sebastião Bugalho indicia que Luís Montenegro quer apelar aos jovens. Considera ter condições para concorrer por esse eleitorado, apesar de ser um dos "adultos na sala"?
Dizem-me que tenho condições de disputar o eleitorado jovem, até porque Sebastião Bugalho, tendo biologicamente menos anos do que eu, não tem mostrado ideias mais frescas do que as da IL.
Acha que ele se identifica com uma idade diferente da biológica?









★

"Ninguém me vai conseguir convencer, e o próprio não ficará convencido, de que António Costa [enquanto presidente do Conselho Europeu] é capaz de corporizar essas reformas."



"Dizer que há opções que não vamos tomar é um fortalecimento de Putin. Foi nesse sentido que entendi as palavras de Macron. Não interessa até que ponto aquilo [enviar tropas para a Ucrânia] é uma hipótese."

Ou alguém lhe disse que poderia ser um *handicap* parecer demasiado novo e está a conter-se na irreverência mais própria da sua idade.
Já afastou a possibilidade de uma leitura nacional dos resultados das Eleições Europeias.
É um desejo. Sei que será difícil.
Tendo em conta que a IL não obteve nenhum eurodeputado em 2019, eleger-se já é uma vitória, ou é preciso que o partido tenha mais representantes no Parlamento Europeu?
Eleger um deputado, não tendo nenhum, é sempre positivo, embora reserve a palavra "vitória" para façanhas mais notáveis. Decorridas três semanas de pré-campanha, acho que estamos a conseguir passar as mensagens e, sobretudo, a noção de que, quando queremos alguém que nos represente num projeto de que gostamos – e parto do princípio de que o afeto pela União Europeia e pelo projeto europeu existe na maioria dos portugueses –, vamos juntar as ideias que a pessoa defende com a competência e capacidade de as transformar em influência positiva. Não basta ir para lá fazer proclamações ideologicamente muito bonitas, mas que depois não impactem o processo legislativo, e não interessa muito impactar o processo legislativo se não se tiver convicções ideológicas fortes.
Como reagirá se um eurodeputado de outro país disser que os portugueses não são conhecidos por serem muito trabalhadores?
Aconteceu em tempos no Eurogrupo. Sentir-me-ei ofendido, pessoalmente e em nome dos eleitores que represento, não lhe cortarei a palavra e responderei de uma forma que não seja preconceituosa ou insultuosa, mas que possa fazer pensar duas vezes na próxima vez que atribuir a um grupo qualquer, neste caso a uma nacionalidade, uma determinada característica.
Nas Legislativas, a IL manteve a representação parlamentar enquanto o Chega passou de 12 para 50 deputados. As Europeias são uma oportunidade para retomar o crescimento?
Não é assim que as vemos, mas do ponto de vista político seria uma hipótese de demonstrar que o projeto liberal está longe de ter atingido o seu potencial máximo.
Em 1987, quando houve Legislativas e Europeias no mesmo dia, o CDS ficou reduzido a *Partido do Táxi* em São Bento e Lucas Pires teve 15% para o Parlamento Europeu. Paradoxalmente, um resultado particularmente bom da sua lista podia acrescentar pressão à atual liderança da IL?
Era incapaz de ter um bom resultado se não tivesse a qualidade do trabalho político do partido por trás. Qualquer mau resultado será porque não consegui levar ideias com o potencial que têm até onde deveriam. Se conseguir um bom resultado, basta ver a qualidade da equipa que me acompanha, na lista e na campanha, para perceber que não será um resultado meu; será um resultado do partido.
O deputado ou deputados que a IL eleger para o Parlamento Europeu irão integrar-se na Renew Europe, posicionada entre o Partido Popular Europeu e os Socialistas e Democratas, e que tem sido dominada pelo Renascimento, de Emmanuel Macron. Definiria o presidente francês e o seu partido como liberais?
Não, para ser totalmente franco. A tradição francesa é o que é, com costelas estatistas que já tive ocasião de partilhar com os responsáveis franceses no Parlamento Europeu que não nos fascinam. Mas, não sendo liberal em toda a linha, defende, do lado económico, muitas coisas suficientemente liberais.
Há alguma força que possa ser considerada um partido irmão da IL?
Gosto particularmente das discussões com o FDP [liberais alemães] e tenho muita pena de não ter já na família europeia os liberais-democratas do Reino Unido, com quem também temos muita afinidade e que continuam a participar em algumas reuniões do ALDE [Aliança dos Liberais, corrente da Renew Europe]. São os dois partidos com que mais facilmente chegamos a entendimentos. Aqui há uns meses teria dito bastante bem do VVD [liberais holandeses], que depois de um longo período de negociação, acabou por aceitar integrar Governo com o partido de extrema-direita PVV. O VVD sabe o que pensamos sobre isso, até porque, tendo noção da decisão polémica, contactaram alguns partidos do ALDE para perceber como seria a reação. Fomos claros: não defenderíamos a opção, por acharmos que estão a vender um conjunto de princípios a troco de manutenção do poder.
Poderão defender que estão a ceder em troco da governabilidade.
Poderão, mas é demasiado arriscado. Vê-se, pelo teor do entendimento, que pagaram um preço demasiado alto. Nunca o pagaríamos.
O que Geert Wilders obteve com o PVV, no que depender de si, André Ventura nunca terá com a IL?
Nunca.
A Renew Europe fez uma declaração conjunta com os Socialistas e Democratas, os Verdes e a Esquerda, garantindo que "nunca irão cooperar ou formar uma coligação de qualquer nível com partidos radicais e de extrema direita". Faz sentido assinar um documento que exclui os conservadores do ECR, e a Identidade e Democracia, mas conta com comunistas?
Percebo o que está a perguntar, e só posso dizer que não gosto dos cossignatários, e que não sei como foi o processo de elaboração desse documento. Mas subscrevo a essência do que está escrito.
A partir do momento em que o Partido Popular Europeu (PPE) fica fora deste "Não é não", abre-se a hipótese de uma maioria alternativa no Parlamento Europeu, com as três famílias mais à direita. Vê-o como uma hipótese real?
Hipótese teórica é, certamente. Dos estudos de opinião que conheço, nenhum apresenta esse cenário como sendo provável e muito menos como o mais provável. O mais provável é que a maioria continue nos mesmos grupos parlamentares, sendo certo que, se o PPE optar por outras estratégias de alianças, vai perder apoio noutros sítios.
A manutenção de Ursula von der Leyen à frente da Comissão Europeia é necessariamente má?
Acho é que devemos fazer melhor.
Quando diz isso, fala sobretudo do quê? Da gestão da pandemia?
As tendências naturais de Ursula von der Leyen não são particularmente liberais. Têm laivos de conservadorismo e de protecionismo que nos preocupam. Mas trata-se de algo mais profundo, que é chegar ao fim destes cinco anos e fazer um balanço, até globalmente positivo do mandato, mas sobretudo no contexto das crises: primeiro a pandemia e, depois, a guerra na Ucrânia. Uma Comissão que se consegue mexer com velocidade e alguma eficácia em crises, não o faz no dia a dia. Se me dessem a escolher, preferia uma Comissão competente no dia a dia, e mais atrapalhada nas crises. É a falta de competência no dia a dia que gera a desilusão e a frustração das legítimas expectativas geradas em grande parte da população europeia, que depois aceita outras ideias, mais simplistas e radicais, porque se sente excluída do processo de geração de riqueza na Europa. A única



maneira de recuperar esta geração, que vai viver pior que os pais pela primeira vez, e que se sente discriminada, é gerir o dia a dia de forma competente, com maior crescimento económico, integração de mercados e geração de oportunidades. Precisamos de uma Comissão muito mais capaz de não tirar os olhos da bola, de não privilegiar respostas de curto prazo a problemas importantes, procurando soluções estrategicamente sólidas, baseadas em convicções daquilo que funciona, para termos uma Europa que gere riqueza e oportunidades para as pessoas.

Não vê nenhuma circunstância em que seja positivo que António Costa presida ao Conselho Europeu?

Vejo. Se o outro candidato for ainda pior. Não é um grande *endorsement*, eu sei... Tenho todo o desejo de que a vida corra bem a António Costa, mas a Europa vai precisar de reformas sérias. Nesta eleição, para quem não tenha percebido, há obviamente uma escolha entre os partidos que são europeístas e os que não são. Essa espero que seja relativamente fácil, quer para os que não gostam da Europa, quer para os que gostam. Mas, nos que gostam da Europa, há os que acham que isto vai lá com umas massagens e uns retoques, e os que percebem que os problemas são grandes, complexos e estruturalmente difíceis, e que precisam de reformas à séria. Ninguém me vai conseguir convencer, e o próprio não ficará convencido, de que António Costa é capaz de corporizar essas reformas.

Reformas que, segundo a IL, nunca foram feitas em Portugal.

Nunca. Ele é alguém que, confessadamente, se arrepia quando ouve falar de reformas estruturais. E estaria a presidir a um órgão eminentemente político, de representação dos Estados-membros, onde a capacidade de mobilizar as vontades de 27 chefes do Governo num determinado sentido exige enorme convicção nas reformas. Agora, se me diz se entre duas pessoas com as mesmas condições, o gosto ou a falta de gosto para reformas, sendo um português, prefiro o português.

Portanto, entre ele e Pedro Sánchez, podia ser o António Costa?

Excelente exemplo. Entre ele e Sánchez, preferia António Costa.

Quem gostaria de ver como representante de Portugal na próxima Comissão Europeia? Se não disser o nome, pelo menos o perfil.

Vou começar pelo pelouro. Devia ser alguém particularmente interessado em fazer a integração dos vários mercados. Havia um pelouro chamado Mercado Interno, que está tão fragmentado que haverá vários pelouros relacionados. A integração é aquilo que mais beneficia os Estados mais pequenos e, como no caso de Portugal, relativamente periféricos. Nesse pelouro, o perfil da pessoa seria, essencialmente, alguém que conhecesse bem os mecanismos de relação, comércio e negócio transfronteiriços, para que percebesse a natureza dos obstáculos e tivesse sempre a preocupação de os remover. Alguém com experiência, prática da vida e que, já agora, tenha um pendor liberal, porque isso ajudava muito a tornar a integração mais útil para as nossas empresas e, por essa via, para as nossas pessoas.

Presumo que, entre os candidatos de que se fala, não encontre ninguém com esse perfil.

Até agora não ouvi falar de nenhum nome que me fascinasse.

Até hoje, qual foi o português ou portuguesa que melhor exerceu funções na Comissão Europeia?

Ocorre-me Carlos Moedas, pois teve o mérito de dar um impulso novo à investigação. Alguns programas mais importantes, como o *Horizon*, foram criados sob a sua égide, e teve a preocupação de integrar o conhecimento científico com a sua utilização industrial e empresarial.

A União Europeia necessita de ter a Ucrânia no alargamento?

É um dever moral, desde logo, pois entrámos na Comunidade Económica em boa parte para fortalecer e solidificar a nossa opção democrática, e, todos os países que estejam em circunstâncias idênticas, temos a obrigação moral de os acolher. Por uma questão política, para aumentar o espaço geográfico europeu, solidificando os valores democráticos e o respeito pela economia de mercado. E do ponto de vista económico, porque, mesmo sem a Turquia, são quase 70 milhões de habitantes que podem vir a aderir. É um acréscimo significativo, com uma população mais pobre do que a média, o que tem implicações na distribuição dos fundos, mas com oportunidades económicas interessantes de parte a parte.

E até onde é que a União Europeia deve ir para ajudar a Ucrânia a resistir à invasão russa?

As guerras só acabam com a rendição de uma das partes – o que não me parece que vá acontecer neste caso – ou com negociação. Importa que seja feita com igualdade de argumentos e não em posição de inferioridade. E o desenvolvimento da situação militar na Ucrânia indica alguma inferioridade, pelo que a primeira função da União Europeia, e de todos os aliados da Ucrânia, é inverter a situação, com apoio militar, diplomático e político. E fazer com que esta iniciativa insana de Putin tenha custos. Tenho a responsabilidade de dizer que nenhuma das opções para que esse equilíbrio negocial se possa atingir deve ser retirada da mesa. Mesmo aquelas que não consideraria em circunstâncias quase nenhumas.

Incluindo a intervenção europeia no terreno?

Dizer que "há opções que não vamos tomar na Ucrânia" é fortalecer Putin. Foi nesse sentido que entendi as palavras de Macron [que admitiu o envio de tropas ocidentais para a Ucrânia se os russos avançarem]. Não interessa até que ponto aquilo é uma hipótese. Neste momento não devemos excluir nenhuma. Putin não pode ganhar a guerra e deve perder alguma coisa para que pense três vezes antes de dar outro passo, na Moldávia, nos países bálticos ou na Geórgia. Nenhum de nós pode dizer, com um mínimo de segurança, que Putin não se atreveria a invadir qualquer um desses sítios, uma vez livre do problema em que se meteu na Ucrânia.

A União Europeia deve estar preparada para o confronto direto?

A nossa posição é pública: o reforço da capacidade militar da Europa deve ser feito no contexto do pilar europeu da NATO. Está na altura de voltar a sentar a NATO com a União Europeia. Não existe uma sobreposição perfeita – quatro países da União Europeia não estão na NATO e sete estão na NATO fora da União Europeia –, mas todos podem fazer parte do mesmo acordo para garantir que as opções políticas de Defesa são tomadas pela União Europeia e as execuções de operação militar são tomadas pelo pilar europeu da NATO.

O almirante Gouveia e Melo disse ao DN, referindo-se aos militares portugueses, que "Vamos morrer onde tivermos de morrer para defender a Europa". Tira-lhe o sono pensar que pode ficar ligado a decisões políticas que possam ter essas consequências?

São decisões de enorme responsabilidade. Mas qualquer opção que se retire de cima da mesa agora é fortalecer Putin.



PERCURSO NA EUROPA

A estreia da Iniciativa Liberal em Eleições Europeias não foi brilhante. Teve 29 120 votos em 2019, o que correspondeu a 0,88% dos eleitores que foram às urnas a 26 de maio. Não só não conseguiu eleger nenhum deputado para o Parlamento Europeu como ficou atrás do Aliança, do Livre, da coligação Basta (com André Ventura, ainda sem o Chega legalizado) e ainda do Nós, Cidadãos. A lista que ficou em 11.º lugar na preferência dos portugueses tinha como cabeça de lista o independente Ricardo Arroja e como N.º 2 a dirigente liberal Catarina Maia, que entretanto se desfiliou. Já na altura o partido integrava a família liberal europeia ALDE, agora integrada no Renew Europe, que juntou o partido de Emmanuel Macron.



O ministro da Presidência, António Leitão Amaro, tem a tutela das migrações.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Governo ouve partidos e promete medidas rápidas. Corrigir "asneira" da AIMA é prioridade

MIGRAÇÕES António Leitão Amaro esteve reunido com a oposição (e PSD e CDS) para ouvir propostas para a área. E há uma certeza: "nenhum partido" quer o regresso do SEF tal como era.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

As prioridades do Governo para as migrações estão plasmadas no seu programa: garantir "uma política de imigração regulada" que assegure que quem chega a Portugal "tenha os seus direitos fundamentais respeitados e promovidos", atrair "imigrantes profissionais qualificados" e "garantir um controlo efetivo das fronteiras portuguesas e da fronteira externa da União Europeia [UE]".

O que propõe o Executivo para isso? Entre outras medidas, "combater a imigração ilegal e tráfico humano", alterar o regime para que "as autorizações de residência se possam basear em contratos de trabalho" celebrados de forma prévia ou, então, "através de um visto de procura de trabalho". E reestruturar a "Agência para a Integração, Migrações e Asilo [AIMA], de forma a corrigir falhas" também é passível de ser avaliado.

Ontem, o ministro que tutela a pasta das migrações (António Leitão Amaro) reuniu-se com os partidos para ouvir propostas de modo a criar um plano de ação para a imigração.

O governante afirmou que o atual modelo de fiscalização de quem chega ao país é uma "asneira" e que o Governo vai mesmo avançar com a sua revisão. Significa isto voltar com o SEF tal como existia? Não. "Nenhum partido se pronunciou" nesse sentido. Mas tal não vincula o Governo a manter a AIMA, reforçou, dizendo que um anúncio concreto será feito nas "próximas semanas".

Essas mexidas incluirão também uma "correção no domínio institucional", apontou.

Preocupado com o "aumento da atividade" das redes de tráfico humano, que causam que cada vez mais haja gente a viver em "situações indignas", Leitão Amaro reforçou a ideia de avançar com correções nesta área. É necessário "corrigir a grande asneira" do Governo de António Costa, que decidiu pelo fim do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, que deu lugar a outras "instituições que não funcionam". Uma herança que o ministro da Presidência classificou como "pesada".

Tendo em conta que o Executivo de Costa proporcionou a existência de "situações que não são tratadas e que não são regularizadas", bem como "um sistema informático de controlo das fronteiras, sobretudo as fronteiras aéreas portuguesas, que têm estado em situação de pré-colapso" e um "processo de integração" que também "está em causa", o Governo prometeu-se (como já havia feito) a apresentar um pacote de medidas nos primeiros 60 dias de funções (que se assinalam a 1 de junho).

No final de um dos encontros, Cristina Rodrigues, deputada do Chega, assumiu que o Governo tinha mostrado "alguma abertura" para impor quotas de imigração. Mas Leitão Amaro recusou essa abertura. "Foi seguramente uma confusão", porque o Executivo não "se pronunciou" e "nem uma palavra foi dita" sobre quotas de imigração.

AIMA: preocupação comum a PS, Governo, Chega e CDU

Ainda que não se tenham avançado medidas concretas para o tema das migrações, olhar para os programas eleitorais (e do Governo) pode dar uma ideia daquilo que, da esquerda à direita, será tido como prioritário para as migrações.

Começando pelo PS, os socialistas querem, tal como o Governo, reforçar os meios para prevenir e combater a imigração ilegal e o tráfico de seres humanos. E a AIMA é também referida, sendo defendida a "disponibilização *online*" de todos os seus serviços.

O Chega, por sua vez, quer reverter a extinção do SEF (ou seja, terminar com a AIMA). Além de querer estabelecer as quotas anunciadas por Cristina Rodrigues, o partido de André Ventura quer ainda dar ao Estado "meios para proceder a uma fiscalização efetiva das situações potenciais de tráfico de seres humanos, auxílio à imigração ilegal". Ainda à direita, a IL não fala na agência, mas quer, entre outras, "fazer depender a imigração de prova de meios de subsistência", assegurados pelo imigrante e empresa, e, também "eliminar o regime de regularização permanente".

O BE, por sua vez, propõe, entre outras, "combater as formas de exploração de imigrantes, desde agiotas a redes de angariação de mão-de-obra", por exemplo.

Mas a AIMA volta a ser uma preocupação para o PCP, que diz ser necessário "criar equipas temporárias com vista à regularização dos processos pendentes transitados do SEF para a AIMA".

O Livre quer, por exemplo, rever o Estatuto do Refugiado ou dar condições "dignas e humanas de acolhimento" para combater a exploração laboral. Por fim, o PAN quer "pugnar pelo princípio de iguais contribuições e iguais prestações através da revisão de toda a legislação, para que, até serem legalizados, os imigrantes que paguem contribuições sociais possam aceder ao SNS e a prestações sociais, por exemplo.

Outras reuniões com os partidos

RITA JÚDICE
MINISTRA DA JUSTIÇA

A ministra da Justiça foi a primeira governante a ouvir partidos com assento parlamentar. O anúncio tinha sido feito por Luís Montenegro (a 2 de abril) e, no dia 19, os partidos começaram a ser recebidos pela ministra, que os ouviu para reunir propostas para o combate à corrupção – uma das prioridades definidas pelo executivo no seu programa eleitoral.

MIGUEL PINTO LUZ
MINISTRO DAS INFRAESTRUTURAS E HABITAÇÃO

O ministro – que tem também a tutela do aeroporto – ouviu os partidos para debater e acolher propostas sobre a habitação. No final dos encontros, Pinto Luz definiu-os como "profícuos", onde foram discutidas "ideias interessantes" para o Governo avaliar. Sem adiantar mais, disse apenas haver "pontos de contacto" com alguns partidos e "divergências" com outros.


PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Mendonça Mendes considera "haver condições" para um consenso.

PS trava votação da proposta de IRS do Governo e assume esperança em "chegar a acordo"

IMPOSTOS Socialistas criticaram o que PSD e CDS apresentaram. Mas um consenso ainda pode ser possível.

O PS entregou um requerimento potestativo para adiar a votação do texto de substituição do PSD e do CDS-PP da proposta do Governo de redução do IRS.

Os partidos que apoiam o Governo tinham agendado para ontem a votação da proposta, mas o requerimento do PS adiou o processo, tendo o deputado socialista António Mendonça Mendes referido que o objetivo é "chegar a acordo neste processo", acreditando que "há todas as condições para isso". Um adiamento que levou o deputado do PSD Hugo Carneiro a "lamentar" este "bloqueio", sublinhando que não vão deixar de tentar "concluir o processo".

Para o antigo secretário de Estado dos Assuntos Fiscais e atual deputado do PS António Mendonça Mendes o adiamento da votação do texto de substituição da proposta do Governo sobre a redução do IRS, subscrito pelo PSD e CDS-PP não impede que trabalhadores e pensionistas possam beneficiar de novas tabelas de retenção na fonte a partir do início de julho.

Mendonça Mendes justificou ainda este adiamento com o facto de ter sido ajustado um calendário para que possam ser entregues propostas de alteração até 31 de maio, tendo igualmente sido decidido manter no processo de redução do IRS a proposta de lei do Governo e os projetos de lei que baixaram à comissão sem votação. "O que nos parece importante é que devemos dar uma oportunidade à negociação e não precipitar uma votação", disse António Mendonça Mendes, sublinhando que o objetivo dos socialistas é "dar uma oportunidade" para que se negoceie e consiga chegar a acordo.

Os dois partidos que apoiam o Governo apresentaram um texto de substituição da proposta do Executivo sobre descida do IRS que mantém o desagravamento deste imposto no sexto, sétimo e oitavo escalões, embora no sexto escalão com uma redução inferior ao que pretendia inicialmente o Governo.

A taxa marginal atualmente em vigor sobre os 6.º, 7.º e 8.º escalões do IRS é de, respetivamente, 37%, 43,5% e 45%. A proposta de alteração do PSD aponta para taxas de, pela mesma ordem, 35%, 43% e 44,75%. A proposta inicial do Governo era de 34% para o 6.º escalão e idêntica à do texto de substituição para os restantes. Já o PS propõe para o 6.º escalão uma taxa de 35,5% e mantém inalteradas as taxas em vigor para o 7.º e 8.º escalões.

O texto de substituição de PSD/CDS-PP pede ainda ao Governo que avalie, no Orçamento do próximo ano, a atualização da dedução específica com base na evolução do Indexante de Apoios Sociais e da dedução à coleta com juros do crédito à habitação.

Em conferência de imprensa, os líderes parlamentares dos dois partidos que apoiam o Governo, Hugo Soares (PSD) e Paulo Núncio (CDS-PP), apresentaram um texto de substituição à proposta do Executivo – que baixou à especialidade sem votação – com o objetivo de ser ontem admitido na Comissão de Orçamento e Finanças e votado no plenário de amanhã, na generalidade, especialidade e votação final global.

Nesse dia, o PS insistiu que o texto de substituição apresentado pelo PSD era "unilateral" e não resultava de um esforço de negociação entre todos os partidos. Os socialistas já fizeram cedências, mas um consenso ainda não foi possível. **DN/LUSA**



Opinião
Pedro Marques

5 motivos para votar nas Eleições Europeias

Com a data das Eleições Europeias cada vez mais próxima, intensificam-se os esforços para garantir a ida dos cidadãos às urnas. Em Portugal, trata-se do ato eleitoral com menor mobilização popular, tendo já atingido uma abstenção perto dos 70%.

Uma participação exígua, sobretudo para um país que tão abertamente se afirma europeísta. Segundo o último *Eurobarómetro*, 69% dos portugueses têm uma imagem positiva da União Europeia, muito mais do que a média europeia (47%).

Parte da equação é resolvida do ponto de vista logístico, onde já têm sido preparadas as condições para encorajar a afluência eleitoral: através do voto antecipado, à semelhança do que tem vindo a acontecer nas eleições mais recentes, mas também da possibilidade de votar em qualquer ponto do país no próximo dia 9 de junho.

Não obstante, o combate à abstenção nas Eleições Europeias implica uma dimensão acrescida, focada no conteúdo e capaz de esclarecer o que está em jogo. Vincar, com exemplos concretos, de que forma a eleição dos eurodeputados tem influência na forma como a União está presente nas nossas vidas. Cinco exemplos, entre muitos, onde o voto faz a diferença.

1. Habitação. A única instituição com competência para escrutinar o Banco Central Europeu é o Parlamento Europeu. Em relação à política monetária, há uma clara divisão entre os grupos europeus: à direita, o grupo de PSD e CDS chegou a apelar à subida dos juros; à esquerda, convergência sobre a necessidade de aliviar as famílias. Uma diferença também presente nos programas eleitorais, com o PS a defender, ao longo do mandato e a reiterar agora, a proposta de um plano europeu para a habitação acessível.

2. Ucrânia. O apoio à Ucrânia implica coesão e coordenação entre os Estados-membros, mas também um apoio político alargado no Parlamento Europeu. Está em causa a segurança da Europa. Nesta matéria, destaca-se a existência de um vasto consenso, com exceção de partes do grupo político mais à esquerda (com destaque aqui para o PCP) e o da extrema-direita (de que o Chega faz parte).

3. Solidariedade. Em contraste com os cortes e austeridade na resposta à crise financeira, a Europa uniu-se perante a pandemia e fez parte da solução na compra das vacinas e no fundo de recuperação financiado por dívida comum. Triunfou a lógica solidária que os Socialistas Europeus sempre defenderam (durante muitos anos com a rejeição absoluta da direita europeia)– e que poderia agora consolidar-se através de um instrumento de investimento permanente.

4. Fundos. A Europa não pode ser reduzida a fundos. Mas o seu papel é crítico para garantir convergência socioeconómica entre todos os países e regiões da União. Com as perspetivas de alargamento, mas também de mais despesa com a autonomia e Segurança Europeia, há que defender os fundos para a coesão territorial e para as transições justas.

5. Extrema-direita. Reflexo da dinâmica nacional, também no Parlamento Europeu se perspetiva um crescimento dos grupos de extrema-direita. Infelizmente, tem havido várias cedências da direita democrática – recuo no compromisso climático, rejeição do aborto como direito fundamental, retórica agressiva nas migrações – e acordos ao nível dos Governos nacionais e regionais, que suscitam a possibilidade de uma colaboração dos grupos europeus de direita com a extrema-direita, em vez da tradicional cooperação entre europeístas.

A ida às urnas no dia 9 de junho pode mudar a forma como a Europa está presente nas nossas vidas. Se há momento para os cidadãos se fazerem ouvir, em defesa da democracia europeia, é agora.

Eurodeputado

6 VALORES

José Pedro Aguiar-Branco

Não se compreende o critério do atual presidente da Assembleia da República. Já advertiu deputados, até para pedir moderação nos aplausos; mas escusou-se de qualquer reparo perante afirmações claramente racistas. Mau serviço à democracia.

Em 2023, foram comunicadas quase 55 mil situações de perigo que envolviam crianças e jovens

BALANÇO Comissões de proteção receberam no ano passado mais 10,5% de queixas sobre menores em risco do que em 2022. A maioria envolvia jovens dos 11 aos 18 anos, mas os 23% das queixas que envolvem o grupo dos 0 aos 5 anos ainda são "uma preocupação", diz Rosário Farmahouse, presidente da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e da Proteção das Crianças e Jovens. Estes dados constam do sumário do relatório de atividade das CPCJ e foram ontem debatidos no Encontro Anual deste organismo, na Covilhã.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

As denúncias feitas às 312 Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) existentes no país, referentes ao ano de 2023, não deixam margem para dúvidas. Em Portugal, a negligência passou a ser a principal razão das denúncias e das situações diagnosticadas que envolvem menores, passando a violência doméstica para segundo lugar, revela o sumário do *Relatório de Atividade da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e da Proteção das Crianças e Jovens* (CNPDPCJ) que ontem foi debatido no Encontro Anual deste organismo, na Covilhã. Mas há outro dado novo, segundo o documento, o número de situações de perigo comunicadas às CPCJ (54 746) aumentou 10,5% em relação a 2022, embora a presidente da CNPDPCJ, Rosário Farmhouse – que ontem no evento anunciou que está de saída do cargo que ocupa há sete anos –, diga que tal não significa que tenha havido, efetivamente, um aumento de situações de risco, mas que a sociedade em geral está mais atenta, não se remetendo ao silêncio.



Queixas que envolvem menores em risco dos zero aos cinco anos são uma preocupação para as comissões

Mas se olharmos para o balanço feito à atividade das comissões, pode dizer-se que, ao longo de 2023, estas movimentaram um total de 84 196 processos de promoção e proteção, mais 7,70% do que em 2022, o que, refere o relatório, "confirma uma tendência crescente verificada desde 2020". No entanto, a este total é preciso subtrair 4685 processos referentes a situações de duplicação que envolvem a mesma criança ou jovem. Por isso, esclarece o documento, só "foram acompanhadas, efetivamente, 79 511 crianças e jovens". O que, mesmo assim, corresponde a um aumento da ordem dos 6,7% de menores acompanhados face ao ano anterior. Este sumário da atividade revela também que, dos 84 196 processos movimentados inicialmente, 51 764 foram abertos em 2023 (42 622 novos e 9142 reabertos) e 32 432 transitaram de 2022. As entidades que mais comunicam às CPCJ as situações de perigo são as Forças de Segurança (GNR e PSP), escolas e cidadãos.

Risco afeta tanto rapazes como raparigas

Quanto ao escalão etário onde se registam mais comunicações, o mesmo documento demonstra que a maioria das situações envolve, em primeiro lugar, jovens entre os 15 e os 18 anos (26,8%) do total das denúncias, em segundo lugar jovens entre os 11 e os 14 anos (25,7% das comunicações) e, em terceiro lugar, o grupo dos 0 aos 5 anos, representando 23,5% das comunicações, o que segundo Rosário Farmhouse, presidente da CNPDPCJ, "ainda é uma grande preocupação" (*ver entrevista*). Em relação ao género, o relatório revela que a distribuição das queixas é relativamente homogénea (53,54% rapazes e 46,46% raparigas).

No texto, a Comissão Nacional faz notar que, apesar de a lei decretar um prazo de seis meses para a conclusão do diagnóstico da situação da criança ou do jovem, esse tempo não foi atingido na totalidade dos casos. Ou seja, para 47 537 casos foram necessários menos dias, em média 170.

Outro dado a destacar é que, do total de casos com diagnóstico, 14 284 tiveram proposta de aplicação de medidas de promoção e proteção. Na sua maioria, casos que envolviam rapazes, numa relação de 7676 (53,74%) para 6608 raparigas (46,26%), com idades entre os 11 e os 14 anos. O relatório de atividade da CNPDPCJ ressalva ainda que "para cada criança há mais do que uma situação de perigo diagnosticada", mas que estas, e como foi referido, envolvem, em primeiro lugar, a "negligência" (5514 queixas), que representam 33,45% dos processos de promoção e de proteção (PPP) instaurados, e, em segundo, a "violência doméstica" (4338 queixas), equivalentes a 26,31% dos PPP.

No ano de 2023, foram ainda aplicadas 954 medidas cautelares (as que são decretadas pelos tribunais), mais 86 do que no ano anterior, sendo a medida mais prevalente a de Apoio Junto dos Pais (64%). Em relação às medidas não-cautelares (as que são definidas pelas CPCJ após a conclusão da avaliação diagnóstica), foram aplicadas 31 147, mais 1740 do que as registadas no ano anterior, resultantes de processos relativos a 28 799 crianças e jovens. Do universo das medidas de proteção aplicadas, a maioria destinou-se a rapazes (54%), dos 15 aos 17 anos (27%) e dos 11 aos 14 anos (26%).

Medida de Apoio junto dos Pais foi a mais aplicada

No relatório pode ler-se ainda que, comparativamente a 2022, houve um aumento na aplicação de três tipos de medidas (Apoio Junto dos Pais, Apoio Junto de Outro Familiar e Acolhimento Familiar) e uma diminuição noutros três tipos de medidas (Confiança a Pessoa Idónea, Apoio para a Autonomia de Vida e Acolhimento Residencial). A medida "Acolhimento Familiar" foi a que registou o aumento mais significativo, de 96,3% (mais 26), apesar de, no conjunto, ser uma medida ainda residualmente aplicada (0,4%).

Segundo a CNPDPCJ, as medidas aplicadas em 2023 revelam existir uma clara prevalência das medidas executadas em meio natural de vida (no seio da família biológica) face às medidas executadas em regime de colocação (acolhimento em instituição, por exemplo), numa relação de 28 868 (92,68%) para 2279 (7,32%). Existe também "uma clara prevalência da medida de Apoio Junto dos Pais (83,39%), conclui o relatório.

Há a destacar que das crianças e jovens acompanhados, 2 665 tinham nacionalidade estrangeira, sobretudo do continente americano (51,52%), em particular do Brasil (99,78%), tendo-se constatado também que 947 crianças e jovens (3,29%) tinham algum tipo de deficiência ou incapacidade, maioritariamente a nível mental ou intelectual (28,72%). Apurou-se ainda que 345 crianças e jovens (1,20%) tinham a decorrer, em paralelo, um outro processo em tribunal, maioritariamente processos tutelares cíveis (88,41%).

Por fim, em 2023, as CPCJ cessaram a sua intervenção em 46 564 processos, mais 3 893 processos que no ano 2022, o que corresponde a um aumento de 9,12%.

anamafaldainacio@dn.pt

Rosário Farmhouse
"Negligência tornou-se a principal razão de risco para menores e isso é importante"

ENTREVISTA Para a presidente da Comissão Nacional, o relatório deste ano tem novidades, mas o objetivo de quem trabalha esta área será sempre o de "melhorar o sistema" e de "encontrar soluções para o que é difícil".

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Em 2023, as CPCJ receberam 54 746 comunicações de situações de perigo, mais 10,5% do que em 2022. O que dizem estes números sobre Portugal? São normais ou algo está a falhar?
Creio que esta tendência de aumento se deve a uma maior sensibilização e capacitação da população para comunicar situações de perigo. Ou seja, não me parece que haja concretamente mais crianças ou jovens em perigo, mas há mais sensibilidade da população em geral para este tema. Posso dizer que as campanhas que a Comissão Nacional tem desenvolvido no sentido de "Proteger as crianças compete a todos" – que levaram ao aumento das ferramentas através das quais todos podem comunicar estas situações, quer seja através dos nossos formulários *online* ou das formações dadas a várias entidades com competências na infância e juventude, como escolas, forças de segurança, IPSS – têm ajudado. E para a Comissão Nacional estes números revelam esse combate à indiferença da população.

A população está mais atenta e comunica...
Sim. E, na dúvida, comunica. Depois todas as situações serão avaliadas e diagnosticadas pelas CPCJ para sabermos se se confirma ou não a situação de perigo. E isto revela um enorme ato de cidadania, que deve continuar, porque o que fizermos ou não pelas crianças e jovens será decisivo naquilo em que se vão tornar a breve, a médio e longo prazo. É decisivo para a vida de uma criança que está numa situação de perigo, seja por negligência, maus-tratos físicos, psicológicos, emocionais ou abuso sexual, haver uma decisão atempada. Portanto, a situação tem de ser comunicada para podermos atuar.

A maioria das situações reporta a jovens dos 11 aos 18 anos, só depois vêm os escalões mais jovens. Há uma inversão nas idades?
Esta tendência de situações com crianças mais crescidas já existia. Ou porque só mais tarde é que as próprias crianças dão sinais e verbalizam o que se está a passar, mas também porque a terceira categoria de perigo mais comunicada tem a ver com os comportamentos na infância e na juventude, o que é mais identificado quando atingem as faixas etárias mais crescidas. Ainda assim, o grupo dos 0 aos 5 anos representa 23,5% das comunicações, o que nos preocupa muito. São crianças muito pequeninas sobre as quais queremos intervir atempadamente nas suas vidas para mudar o rumo ao seu crescimento integral.



Este ano fica marcado pelo facto de a negligência ter ultrapassado a violência doméstica como razão principal nas situações de risco? O que significa em termos sociais?
A violência doméstica era sempre o primeiro motivo das comunicações de perigo, mas, depois, quando as CPCJ iam avaliar as denúncias para aferir o principal perigo percebiam que, afinal, esta não era, de facto, a principal causa. Ou seja, a principal razão era a incapacidade de que havia de proporcionar às crianças e aos jovens a satisfação dos seus cuidados básicos, como higiene, alimentação, afeto, saúde, educação e, muitas vezes, até a indiferença aos ambientes a que os sujeitavam e que não eram, de todo, saudáveis.

Mas refere-se concretamente a que ambientes?
Ambientes violentos, geralmente de famílias que não têm uma vida muito estruturada, embora se deva reforçar que os maus-tratos são transversais a todas as classes sociais. Até porque há situações de perigo que ocorrem por razões secundárias, como doenças psiquiátricas dos cuidadores ou problemas de consumos (álcool ou substâncias), o que os torna incapacitados para protegerem as crianças e de as ajudar a fazer o seu caminho.

De acordo com o sumário do *Relatório Anual* foram reabertos quase dez mil processos (9142). É uma preocupação?
As situações de perigo são muito variáveis e o facto de um processo ser reaberto pode significar que, em determinado momento, este foi arquivado porque estava sarada a indicação de perigo, mas que surgiram novas circunstâncias que estariam a colocar a criança ou o jovem em perigo. E, nesse sentido, o processo é reaberto. O importante é que não se descanse nas situações e quando há novas circunstâncias se volte ao processo para proteger as crianças. Faz parte do sistema e da intervenção das comissões.

O relatório revela também haver 2665 crianças e jovens de nacionalidade estrangeira em situações de perigo, é uma novidade?
É um dado que temos vindo a recolher, mas não é por a criança ser estrangeira que está em perigo. Isso tem a ver com as circunstâncias em que vive. A situação de perigo é completamente transversal às crianças portuguesas ou estrangeiras. É um número que não é significativo, mas é uma realidade nova.

Quais as preocupações que vão ser debatidas neste Encontro Anual e as recomendações que podem ser feitas?
Este Encontro Anual tem como mote *Enquanto houver estrada para andar. O presente e o futuro do Sistema de Promoção e Proteção.* Portanto, vamos falar das principais dificuldades do sistema, da composição e funcionamento das CPCJ, vamos falar das fragilidades mas também das boas-práticas para se olhar para o futuro e conseguirmos melhorar o sistema, torná-lo cada vez mais eficaz. Vamos à procura de soluções para o que é mais difícil.



Opinião
Rute Agulhas

"Não fales com estranhos!"

A maior parte dos adultos alerta as crianças para terem cuidado com as abordagens por parte de estranhos, seja tentar meter conversa, oferecer um doce ou dar uma boleia. Quando, em boa verdade, quem mais maltrata as crianças são as pessoas conhecidas, muitas vezes dentro da própria casa onde todos vivem.

Alertar as crianças para os perigos associados aos estranhos é importante, naturalmente, tendo em conta que estas situações são relativamente pouco frequentes mas, ainda assim, existem. Não podemos é esquecer-nos de que, nos tempos que correm, as abordagens por parte de pessoas desconhecidas é, sobretudo, feita através das tecnologias. Assim, é necessário informar e educar as crianças para uma utilização segura da internet.

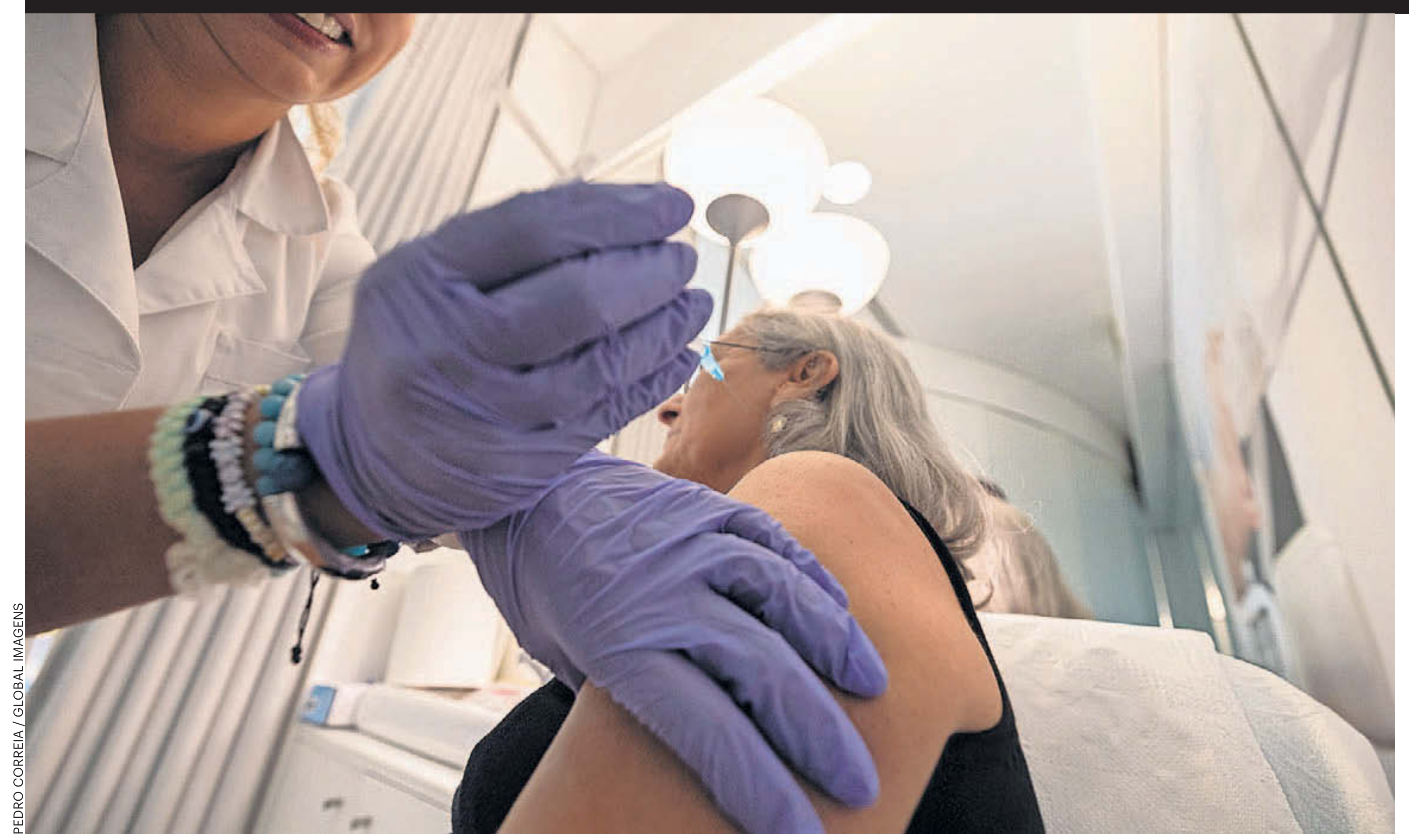
Em paralelo – e é disso que muitas vezes nos esquecemos –, devemos ajudar as crianças a compreender que também as pessoas conhecidas, simpáticas e agradáveis podem manter comportamentos desajustados. Com isto não se pretende, de todo, transmitir às crianças a ideia de que não podem confiar em ninguém – pois isto geraria um aumento de ansiedade e uma desconfiança básica que em nada contribui para um processo de crescimento saudável. Pelo contrário, pretende-se ajudar as crianças a saber que, mesmo que os comportamentos desadequados (maltratantes ou abusivos) venham da parte de pessoas de quem gostam e em quem confiam, têm o direito a ser protegidas e devem pedir ajuda.

Neste processo de pedir ajuda é fundamental que as crianças identifiquem mais do que uma pessoa de confiança – idealmente, cinco adultos a quem possam recorrer em caso de necessidade. E porquê cinco? Porque devemos antecipar a possibilidade de alguém não acreditar naquilo que lhe é relatado, desvalorizar a situação ou mesmo culpabilizar a criança, o que equivale a dizer que esta não será devidamente protegida.

Neste contexto, aumentar a segurança das crianças significa que as devemos informar sobre os diversos tipos de situações de risco que podem vivenciar, seja por parte de estranhos ou de conhecidos, como devem reagir e, acima de tudo, a quem devem pedir ajuda.

> "Aumentar a segurança das crianças significa que as devemos informar sobre os diversos tipos de situações de risco que podem vivenciar, seja por parte de estranhos ou de conhecidos, como devem reagir e, acima de tudo, a quem devem pedir ajuda."

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal


PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

Portugal tem 2,5 milhões de pessoas com mais de 65 anos e estes deveriam ser vacinados.

Vacinação dos adultos pode poupar 245 milhões ao país

ANÁLISE Há vacinas que não estão acessíveis de forma universal à população adulta portuguesa e que, se estivessem, poderiam prevenir algumas doenças e reduzir os custos com o seu tratamento ao país. Esta é a conclusão de um estudo feito pela Escola Nacional de Saúde Pública, da Universidade Nova de Lisboa. A Sociedade Portuguesa de Saúde Pública e o projeto +*Longevidade* vão propor que estas vacinas sejam incluídas no Plano Nacional, até para evitar desigualdades na população.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

A junção de vacinas para os vírus da gripe, herpes zóster, vírus sincicial respiratório (VSR), para a doença pneumocócica e para o vírus do papiloma humano (HPV) podem representar uma poupança significativa no Orçamento do Estado, na ordem dos 245 milhões de euros, tendo em conta as consequências que o desenvolvimento destas doenças tem na população adulta em termos de saúde, sociais e económicas. Esta é a principal conclusão de um estudo desenvolvido pela Escola Nacional de Saúde Pública no âmbito do projeto +*Longevidade* – um *think thank* dedicado à vacinação no adulto recentemente coordenado pelo laboratório de investigação Nova Center for Health da Nova Information Management School.

Conforme explicou ao DN o presidente da Sociedade Portuguesa de Saúde Pública e *chairman* do projeto +*Longevidade*, Francisco George, o mote para este estudo foi "o impacto económico e social inerente às doenças preveníveis por vacinação no adulto" e os seus resultados são inequívocos.

"Está demonstrado que os adultos que são vacinados contra alguns vírus, como o herpes zóster, o sincicial, o papiloma humano e o da doença pneumocócica, têm menos probabilidade de serem infetados e, até, no caso de contraírem as doenças, de serem internados numa Unidade de Cuidados Intensivos. E os especialistas da área da Economia da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), que fizeram esta análise, concluíram que o investimento necessário nestas vacinas, de forma a torná-las mais acessíveis às populações de risco, compensa os custos com o tratamento destas infeções."

O ex-diretor-geral da Saúde sublinha ainda que este investimento é tanto mais importante, quanto se pensa que, em Portugal, "cerca de 2,5 milhões de pessoas têm mais de 65 anos, e que, destas, 30% têm mais de 80 anos, o que corresponde a 760 mil pessoas. Ora, sabendo nós que são estes adultos que são os mais afetados pelos vírus referidos neste estudo, o Estado deveria criar condições para que as vacinas que podem prevenir estas infeções integrem uma fase do calendário nacional para a vacinação dos adultos".

Francisco George sublinha mesmo ao DN que tal "é importante não só para a profilaxia e para a prevenção destas doenças, mas também para que não existam desigualdades na população no acesso a este tipo de cuidado".

Para o *chairman* do projeto +*Longevidade* "este é mesmo o momento em que as autoridades de saúde devem analisar de forma muito sistemática, e não pontual, a distribuição igual da vacinação para todos os adultos e idosos".

Aliás, tendo por base as conclusões do estudo da ENSP, o projeto +*Longevidade* está "a pensar recomendar a inclusão universal destas vacinas no Plano Nacional, sem o prejudicar, mas de forma a evitar as desigualdades que ainda existem, porque, agora, quem tem dinheiro paga as vacinas e corre menos risco de contrair uma destas doenças, mas quem não tem fica sem acesso à profilaxia e prevenção".

O estudo da ENSP foi desenvolvido pelos investigadores Henrique Vasconcelos e José Miguel Diniz, com o apoio de Julian Perelman, e teve por intento "quantificar o impacto económico para o Sistema de Saúde e para a sociedade decorrentes de infeção, em idade adulta, provocada por um conjunto de doenças para as quais existem vacinas disponíveis", explicam ao DN.

A equipa começou por fazer uma estimativa baseada na extrapolação direta dos custos quantificados em vários países da UE (Itália, França, Bélgica, Espanha), assumindo uma proporcionalidade da despesa em Saúde. E o resultado desta simulação levou à estimativa de que Portugal gastaria menos 245 milhões de euros com os custos de hospitalização, ambulatório e perdas de produtividade associados à gripe, ao herpes zóster, ao vírus sincicial respiratório (VSR), à doença pneumocócica e ao vírus do papiloma humano (HPV).

O mesmo estudo destaca que "todas estas doenças, juntamente com a covid-19, têm em comum o facto de serem preveníveis por vacinação na idade adulta", lembrando, no entanto, que tais doenças não têm a sua prevenção garantida através da resposta do Programa Nacional de Vacinação (PNV), como é o caso do vírus sincicial respiratório, da doença pneumocócica e do herpes zóster – só estas representam mais de 55 milhões de euros em custos para o país.

Francisco George reforça que foram estes dados e as tendências da evolução demográfica (uma população cada vez mais envelhecida) e epidemiológica (uma sociedade mais globalizada, com menos barreiras de circulação, mas também com crescente prevalência de doenças crónicas), que levaram "os especialistas que compõem o *think tank* +*Longevidade* a reconhecerem a necessidade de melhorar a resposta preventiva destas doenças, através de uma atualização do PNV", considerando que é necessário incluir neste "mais vacinas dirigidas a adultos e reforçar a narrativa de sensibilização dirigida especificamente a este grupo populacional".

O PNV inclui 12 vacinas, das quais nove dirigidas a crianças e apenas três – covid-19, tétano, difteria e tosse convulsa (Tdpa) – destinadas à população adulta. Uma realidade que, diz Francisco George, "contrasta com outros países, como França e Espanha".

Mas "é fundamental que se reconheça que o contexto de envelhecimento crescente em Portugal traz consigo maiores riscos de perda de anos de vida saudáveis". E é isto que na visão dos especialistas do +*Longevidade* "pode e deve ser combatido com o reforço do calendário de vacinação no adulto, através da inclusão de outras soluções vacinais capazes de reduzir o impacto destas patologias na saúde da população e na resposta e disponibilidade do Sistema de Saúde", conclui este médico.

anamafaldainacio@dn.pt



"Estamos a pensar recomendar a inclusão universal destas vacinas no Plano Nacional Vacinação, sem o prejudicar, mas de forma a evitar as desigualdades que ainda existem na população."

Francisco George
Presidente da Soc. Portuguesa de Saúde Pública

Araújo sai com reparos à ministra. SNS fica nas mãos de um militar

SAÚDE António Gandra d'Almeida, tenente-coronel, é o novo diretor-executivo do SNS. Na AR, o anterior titular disse que tinha um plano preparado, mas Governo queria "um processo diferente".

TEXTO **RUI FRIAS**

Na manhã em que estava agendada a audição em Comissão Parlamentar do diretor-executivo demissionário do SNS, Fernando Araújo, a ministra da Saúde jogou em antecipação e anunciou ainda antes das 8.00 horas, em comunicado às redações, a entrega do cargo a um médico com formação militar, António Gandra d'Almeida. A pronta nomeação por Ana Paula Martins, no dia seguinte a Araújo ter entregado o requisitado *Relatório de Atividades* que assinalou a sua saída de funções (*ver caixa*), assinalou o objetivo de virar rapidamente a página na Direção Executiva do SNS, cuja redefinição de funções ainda não está formalizada pelo novo Governo da AD. E não deixou abrir um vazio de poder no cargo, ao mesmo tempo que procurou esvaziar as atenções sobre a audição do demissionário Fernando Araújo no Parlamento.

Perante os deputados, sem nunca explicar diretamente a sua demissão, apresentada em abril, o agora antigo DE do SNS deixou alguns reparos à atuação da ministra Ana Paula Martins, com quem, garantiu, "nunca" teve qualquer reunião onde lhe tivesse sido apresentado "o plano estratégico do novo Ministério".

Fernando Araújo disse que, quando o Governo tomou posse – e ao contrário do que foi afirmado pela ministra –, tinha "um plano preparado para os próximos meses com um conjunto de medidas (...) que não [colocou] no terreno por vários motivos: umas tinham sido amplamente criticadas e havia vontade de mudar o processo para um diferente". O responsável garantiu que o plano estava desenhado e contemplava medidas para enfrentar o próximo verão e o inverno "de uma forma articulada e bem-organizada".

Contudo, a nomeação de uma equipa para preparar um Plano de Emergência para o SNS, encomendado pelo Governo, à margem da Direção Executiva liderada por Araújo, levou o ex-responsável a entender que o Governo teria ideias diferentes. "Explicámos à senhora ministra exatamente isso: que era mais avisado que o plano fosse preparado pela equipa que estava a preparar o Plano de Emergência de acordo com a estratégia e com a visão que a nova equipa tivesse, que nós não conhecíamos", acrescentou. Recorde-se que essa equipa é coordenada pelo presidente do Conselho Regional da Ordem dos Médicos do Norte, Eurico Castro Alves.



ARQUIVO / GLOBAL IMAGENS



IGOR MARTINS / GLOBAL IMAGENS

António Gandra d'Almeida (*à esquerda*) sucede a Fernando Araújo como diretor executivo do SNS.

Enquanto na Comissão Parlamentar o PS, através do deputado João Paulo Correia, acusava o Governo PSD/CDS-PP de interromper a "reforma em curso" no Serviço Nacional de Saúde e considerava que, "a partir de hoje", a ministra é responsável por "todos os prejuízos" nos cuidados de saúde, Ana Paula Martins, após uma visita ao Centro de Saúde de Algueirão-Mem Martins, preferiu esvaziar o tema, dizendo que Fernando Araújo "cumpriu a sua missão" e que lhe agradeceu "o que fez por Portugal e pelos portugueses".

Novo militar em cargos de Saúde

Ana Paula Martins realçou o currículo de António Gandra d'Almeida para ocupar o cargo de diretor-executivo do SNS, considerando que este tem uma visão que vai potenciar a capacidade do serviço público de Saúde. Tenente-coronel, de 44 anos, Gandra d'Almeida foi também, até 31 de janeiro, diretor da Delegação Regional Norte do INEM.

A nomeação apanhou de surpresa os dois sindicatos dos médicos, que, amanhã, sexta-feira, iniciam o processo de negociações com a nova ministra da Saúde.

Ao DN, tanto a presidente da Federação Nacional dos Médicos (Fnam), Joana Bordalo e Sá, como o secretário-geral do Sindicato Independente dos Médicos (SIM), Nuno Rodrigues, disseram nada ter a comentar sobre o escolhido, competência "única e exclusiva da tutela",

> *[António Gandra d'Almeida] "tem uma visão para o SNS que cumpre aquilo que o estatuto do SNS define para a Direção Executiva, que é, no fundo, garantir uma articulação, potenciar a capacidade do SNS e de as suas Unidades de Saúde trabalharem em rede."*
>
> **Ana Paula Martins**
> *Ministra da Saúde*

mas esperam que este tenha a noção que vai "abraçar uma missão muito difícil", ressalva Joana Bordalo e Sá. "Porque não é possível fazer mudanças e tentar melhorar o SNS sem médicos. E ainda não vimos medidas a serem aprovadas e aplicadas que se destinem a fixar médicos no SNS."

O secretário-geral do SIM, Nuno Rodrigues, aguarda com expectativa o início da ação do novo DE-SNS, esperando que, pela sua formação de base, médico e militar, e já pela sua experiência em determinadas funções, "possa vir a melhorar o SNS em termos de organização, planeamento e gestão de recursos, porque não podemos ter diferentes SNS no país". Ou seja, "com cada Unidade Local de Saúde a trabalhar de forma diferente".

Por seu lado, o bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, destacou a "visão transversal" de Gandra d'Almeida, "um conhecedor do SNS e um defensor do SNS".

Já Xavier Barreto, dos Administradores Hospitalares, afirmou que o mais importante é saber a visão que a ministra e o novo diretor executivo do SNS têm para a função: "O Governo ainda não anunciou quais as mudanças que quer fazer na Direção Executiva."

Com ANA MAFALDA INÁCIO e LUSA

RELATÓRIO

Cinco mil reformas este ano

São 646 páginas de *Relatório*, mais cerca de oito mil em anexos, que compõem o documento que Fernando Araújo entregou à ministra da Saúde com o balanço da atividade desenvolvida ao longo de 16 meses pela sua equipa na Direção Executiva do SNS. O *Relatório de Atividades* deixa uma radiografia geral do Serviço de Saúde, dos recursos humanos ao financiamento.

"É crítico cativar médicos"
Cerca de 5000 profissionais do Serviço Nacional de Saúde deverão aposentar-se este ano, estima a Direção Executiva que está de saída, alertando que é "crítico conseguir cativar" novos especialistas e médicos que trabalham fora das unidades públicas. Desses 5000 profissionais em idade de aposentação 1901 são médicos. A anterior DE-SNS estima que se possam reformar ainda 699 enfermeiros, 1158 assistentes operacionais, 171 técnicos superiores de diagnóstico e terapêutica, 794 assistentes técnicos, 139 técnicos superiores, 37 farmacêuticos e 198 profissionais de outras áreas.

Urgências Obstétricas
A equipa de Fernando Araújo considera que a polémica *Operação Nascer em Segurança*, que incluiu o encerramento de blocos de partos e a criação de escalas de rotatividade entre maternidades, se revelou segura. "Houve um aumento do número total de partos no SNS no ano de 2023", lê-se no documento, que recorre ainda a dados do Instituto Nacional de Estatística para destacar a diminuição da mortalidade infantil no país, de 2,6 para 2,5 óbitos de crianças com menos de 1 ano de idade por cada 1000 nados-vivos, em 2023.

11,6 mil milhões de euros para as ULS em 2024
As 39 Unidades Locais de Saúde (ULS) vão dispor de 11,6 mil milhões de euros em 2024, através de um novo modelo de financiamento que "precisa de ser aperfeiçoado nos próximos anos", indica o *Relatório* entregue por Fernando Araújo. As ULS de de Coimbra (826 milhões), de São João , no Porto (706 milhões), de Lisboa Norte (680 milhões) e de Lisboa Central (680 milhões) recebem as maiores fatias de financiamento.

Portugal vai ser o nono país mais rápido da Europa a aprovar os pagamentos do PRR

FUNDOS País é célere a receber e lento a gastar. Governo quer gastar dinheiro do Plano de Recuperação e Resiliência mais depressa. Rácio de execução final, hoje nos 19% do total, é para chegar a 37% no final do ano.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

Portugal está prestes a entrar no *top* 10 dos países mais rápidos da União Europeia (UE) a obter a aprovação dos pagamentos dos fundos do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), indicam cálculos do DN/Dinheiro Vivo com base nos dados mais recentes da Comissão Europeia (CE) e do Governo.

Até meados deste mês, o país conseguiu fazer aprovar 7772 milhões de euros em 11 transferências relativas a subvenções e empréstimos do PRR (sejam em forma de pré-financiamento ou de pagamento efetivo). Isto coloca o país em 11.º lugar do *ranking* europeu, com 35% do bolo total do PRR já desbloqueado, pago a Portugal, e acima da média da UE, que não chega a 34%.

Mas ontem, no segundo evento anual do PRR, que decorreu no ISCTE, em Lisboa, o ministro adjunto e da Coesão Territorial revelou que Portugal vai acelerar nos pedidos de pagamento, contando receber mais 713 milhões de euros nos próximos meses, o que fará o país subir no *ranking* europeu dos mais rápidos a receber as verbas, passando para nono lugar, segundo contas do DN/Dinheiro Vivo.

Assim, deverá acumular as verbas recebidas da Comissão Europeia até 8,5 mil milhões de euros, ou mais de 38% do PRR nacional. Pode assim ultrapassar neste rácio de execução dos pagamentos países como Croácia e Lituânia, indicam as mesmas contas.

Os dois países mais expeditos a receber fundos do PRR são Dinamarca e França. Os mais atrasados são Hungria e Bélgica.

"Foram assinados os contratos que faltavam para completar as metas equivalentes ao 3.º e 4.º pedidos de pagamento pelo que, no próximo mês, pediremos a entrega dos 713 milhões de euros que ficaram retidos em Bruxelas, portanto, podemos agora concentrar-nos nas condições para apresentar o 5.º pedido de pagamento", afirmou o ministro Manuel Castro Almeida.

Portugal já estava a ser rápido a receber de Bruxelas e agora deve acelerar mais. No entanto, o atual Governo queixa-se que coisa diferente é a transmissão destes fundos à economia real, o pagamento efetivos aos destinatários finais.

Neste domínio, o Governo e o ministro Castro Almeida estão algo descontentes. Dizem que Portugal devia estar a ser mais expedito na execução final para não correr o risco de perder parte dos fundos em causa. Mesmo sendo pagos, o país tem de cumprir prazos de contratualização, os que definem se as verbas chegaram ou não aos beneficiários finais. Se esses prazos não forem respeitados, o país pode ter de devolver dinheiro do PRR.

Segundo o ministro Castro Almeida, "nos próximos meses deverão ser lançadas obras de mais de dois mil milhões de euros se o país não quiser perder fundos". Castro Almeida voltou a recordar que é preciso "recuperar os atrasos na aplicação do PRR".

"Estou confiante de que no final deste ano, o PRR irá cumprir prazos ainda mais ambiciosos do que os definidos para o Portugal 2030", sendo que "muitas metas do PRR terão de ser contratualizadas imediatamente com os beneficiários finais, sob pena de não serem cumpridas dentro dos prazos", acrescentou, de acordo com a Lusa.

Os projetos mais urgentes e que podem ser decisivos para acelerar a execução final e no terreno do PRR "são obras de construção civil para fazer escolas, centros de saúde, habitações e residências universitárias", as tais avaliadas em mais de dois mil milhões de euros.

"Se os contratos para estes investimentos não forem assinados no início do verão e se os concursos para as empreitadas não forem lançados nos dias imediatamente a seguir, não conseguiremos que as construções se iniciem no próximo outono e não será possível garantir o cumprimento dos prazos", avisou o ministro.

Rápidos a receber, mais lentos a gastar

De acordo com a monitorização mais atualizada do PRR, feita pela estrutura Recuperar Portugal, o país já terá cumprido 22% dos marcos e das metas a que se propôs, 105 num total de 463 pontos que é obrigatório alcançar.

Mas em termos de implementação financeira (a tal execução final em que o dinheiro chega aos beneficiários), o rácio de execução está nos 19% do total de 22 216 milhões de euros, o valor do PRR que tem de ser usado impreterivelmente até ao final de 2026, o último ano do Plano. Se não for, o dinheiro perde-se.

Segundo os dados oficiais do Governo, cerca de 4314 milhões de euros já foram pagos aos beneficiários diretos e finais. E outros 688 milhões de euros "estão em trânsito nos beneficiários intermediários", diz o Governo. Dá um total de quase cinco mil milhões de euros efetivamente aplicados em obras e projetos em andamento.

No mesmo evento, o presidente da Estrutura de Missão Recuperar Portugal, Fernando Alfaiate, disse, citado pela Lusa, que o objetivo "é reforçar os pagamentos aos beneficiários do Plano, para os 37%, no final de 2024", o tal rácio de execução final que, atualmente, está em 19%. "Para tal, precisamos também de ter aprovações a 100% até final de 2024. De 80% de verbas contratualizadas temos que passar rapidamente para 100% para termos capacidade de obter esta execução", considerou o mesmo responsável.

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt



Portugal já estava a ser rápido a receber verbas da Comissão Europeia, liderada por Ursula von der Leyen, e agora deve acelerar mais.

PAULO ALEXANDRINO/GLOBAL IMAGENS

EXECUÇÃO DOS PAGAMENTOS DO PRR FEITOS PELA COMISSÃO EUROPEIA

Em % do PRR total nacional

	País	Taxa de execução
1	Dinamarca	59,3%
2	França	58,1%
3	Estónia	53,0%
4	Itália	52,7%
5	Malta	50,7%
6	Eslováquia	41,7%
7	Grécia	41,4%
8	Luxemburgo	39,2%
9	Portugal	38,2%
10	Croácia	36,5%
11	Lituânia	35,2%
	Média europeia	**34,0%**
12	Roménia	33,0%
13	Eslovénia	31,3%
14	Áustria	30,1%
15	R. Checa	29,2%
16	Finlândia	25,6%
17	Bulgária	24,1%
18	Letónia	23,6%
19	Espanha	23,6%
20	Alemanha	22,3%
21	Chipre	21,5%
22	Polónia	19,0%
23	Bélgica	17,3%
24	Hungria	8,8%

Fonte: Comissão Europeia, Governo de Portugal e cálculos DV


RUI MANUEL FONSECA / GLOBAL IMAGENS

17% dos portugueses dizem que fazem compras semanalmente e 47% mensalmente.

Subida de preços leva oito em cada dez portugueses a reduzir gastos

ESTUDO Atenção dos consumidores ao custo dos produtos redobrou nos últimos três anos e 87% compram apenas o necessário.

TEXTO **MARIANA COELHO DIAS**

Oito em cada dez consumidores gostariam de gastar mais, mas nos últimos três anos exatamente a mesma proporção viu-se obrigada a reduzir despesas. A conclusão pertence a um estudo divulgado ontem pela Cofidis Portugal, que revela também que na hora de desembolsar, 95% dos portugueses prestam atenção ao custo dos produtos, 94% refletem cuidadosamente antes de efetuar a compra e 87% admitem adquirir apenas o necessário.

O Estudo Europeu sobre os Hábitos de Compra dos Consumidores foi conduzido pela agência internacional Harris Interactive, entre 28 de fevereiro e 8 de março deste ano, e incluiu participação de 9872 pessoas de dez países europeus, entre os quais Portugal, França, Alemanha, Itália, Espanha, Bélgica, Polónia, Dinamarca, Suécia e Países Baixos. Em território nacional, a amostra foi de 1055 cidadãos.

"Compre agora pague depois" ganha força

Os hábitos de pagamento dos portugueses também sofreram alterações significativas nos últimos três anos, refletindo a simplificação e maior acessibilidade dos processos de compra, citada por 46% dos inquiridos. Já 43% atribuem esta mudança à inflação e destacam a opção *buy now pay later* (BNPL) – "compre agora, pague depois" – como o método de pagamento preferido, seguido pela diluição de pagamentos em três ou quatro prestações.

Neste campo, os consumidores mostram estar mais informados sobre as opções de pagamento *online* do que em lojas físicas. No âmbito do digital, 48% dos inquiridos afirmam conhecer a divisão de pagamentos em três ou quatro prestações, 39% dizem estar informados sobre a possibilidade de crédito e 38% indicam ter conhecimento da opção BNPL. O cenário muda nas lojas físicas, sendo as percentagens de 42%, 40% e 38%, respetivamente.

É sobretudo na compra de eletrodomésticos, produtos tecnológicos e férias que os portugueses mais recorrem à facilidades de pagamento – tanto em contexto de *e-commerce* como presencialmente. Segundo o levantamento efetuado pela agência, a pedido da Cofidis, os montantes médios gastos em cada modalidade de pagamento são de 972 euros para compras a crédito, 458 euros para pagamentos em três ou quatro prestações, e 453 euros através de BNPL. Os valores comparam com uma média europeia de 1135, 734 e 684 euros, pela mesma ordem.

Uma compra *online* por mês

O estudo concluiu também que o cartão continua a ser o método preferido em lojas físicas para nove em cada dez consumidores. Pagamentos por Apple Pay, Google Pay, Samsung Pay ou MB Way são usados por 55% dos consumidores e, curiosamente, 45% dos portugueses utilizam pagamentos por código QR, superando a média europeia de 33%. A par, 37% pagam com recurso ao *smartphone* do retalhista, em comparação com a média europeia de 33%.

Ainda sobre os hábitos de consumo, 39% dos inquiridos admitem fazer compras *online* pelo menos uma vez por mês e 8% semanalmente, sendo a preferência *sites* de marcas com lojas físicas, especialmente nas categorias de eletrodomésticos, tecnologia e desporto. Já em modo presencial, 17% dos portugueses fazem compras semanalmente e 47% mensalmente, destacando-se produtos de tecnologia, eletrodomésticos, jogos e brinquedos.

Os dados recolhidos indicam, por fim, que a acessibilidade das marcas e websites é fundamental para a maioria dos consumidores (90%) e que 75% deles tendem a repetir as compras nas mesmas lojas. No comércio online, 97% dos inquiridos em Portugal consideram que marcas de pagamento como Visa, Mastercard, PayPal ou seu banco oferecem maior segurança.

mariana.pinto@dinheirovivo.pt

Novos comboios regionais entram nos carris em 2026

FERROVIA Unidades híbridas e elétricas terão capacidade para 450 passageiros e poderão circular até uma velocidade máxima de 160 quilómetros por hora.

TEXTO **DIOGO FERREIRA NUNES**

A partir de 2026, os utentes do serviço regional da CP vão poder utilizar os 22 novos comboios encomendados em 2021 à Stadler. A fabricante suíça anunciou ontem, no Entroncamento, que o novo material circulante vai receber passageiros dentro de dois anos, depois de passarem pelo processo de testes e de homologação em território nacional ao longo de 2025.

Os novos comboios poderão ter três ou quatro carruagens, conforme a configuração, podendo acolher um total de 450 passageiros. A velocidade máxima será de 160 km/h (em modo elétrico), detalhou a fabricante suíça durante uma apresentação na cimeira ferroviária nacional. Dos 22 novos comboios, 12 serão híbridos, podendo circular em modo elétrico-diesel ou elétrico conforme a existência ou não de catenária na linha.

Por exemplo, na Linha do Douro, as novas unidades, com o número de série 2700, poderão circular em modo elétrico entre o Porto e Marco de Canaveses; daí até à Régua ou ao Pocinho será necessário ligar o motor a gasóleo. O mesmo acontecerá na Linha do Oeste: movido a eletricidade entre Mira Sintra-Meleças e Caldas da Rainha (assim haja catenária em 2026); da cidade de caldense até Louriçal em modo diesel. Nessas linhas, o novo material irá substituir as automotoras diesel que a CP aluga à Renfe desde 2011 e que já têm mais de 40 anos. Os novos comboios poderão ainda circular a gasóleo entre Casa Branca e Beja e entre Abrantes e Elvas.

geral@dinheirovivo.pt



Rishi Sunak diz que chegou o momento de os britânicos escolherem o seu futuro.

HENRY NICHOLLS / AFP

Aposta ou capitulação? Sunak anuncia eleições para 4 de julho

REINO UNIDO Conservadores surgem na mais recente sondagem 21 pontos percentuais atrás dos trabalhistas. Primeiro-ministro tinha até janeiro para a realização das eleições gerais.

TEXTO **ANA MEIRELES**

É uma espécie de prenúncio para aquele que deverá ser o próximo capítulo da política britânica: enquanto o primeiro-ministro Rishi Sunak anunciava à porta do Número 10 de Downing Street, debaixo de uma forte chuvada, a decisão de convocar eleições gerais para 4 de julho, a sua voz era quase abafada pelo som do hino de campanha do *Labour*, *Things can only get better* (As coisas só podem ficar melhores, em português), vindo da rua ao lado. Uma ida às urnas que terá como desfecho mais do que esperado a vitória dos trabalhistas, pondo fim a 14 anos dos conservadores no poder, e chegada de Keir Starmer à liderança do Governo.

"Espero que o meu trabalho desde que me tornei primeiro-ministro mostre que nós temos um plano em que estamos preparados para tomar ações ousadas necessárias para o nosso país florescer", afirmou Sunak, admitindo que "não posso e não vou afirmar que acertámos em tudo. Nenhum Governo poderia, mas estou orgulhoso do que alcançámos juntos, das ações ousadas que tomamos. Estou confiante sobre o que podemos fazer no futuro."

Falando no seu adversário político mais direto, Rishi Sunak garantiu que "não posso dizer o mesmo do Partido Trabalhista porque não sei o que eles oferecem. E, na verdade, acho que vocês também não sabem. E isso é porque eles não têm plano. Não há ação ousada. E, como resultado, o futuro só pode ser incerto com eles." "No dia 5 de julho, Keir Starmer ou eu seremos primeiro-ministro. Ele mostrou repetidas vezes que escolherá o caminho mais fácil e fará qualquer coisa para obter poder", vaticinou o primeiro-ministro britânico, cargo que ocupa desde outubro de 2022, e que irá agora, pela primeira vez, discutir a liderança do Governo numas eleições gerais.

A marcação de eleições para 4 de julho apanhou muitos de surpresa, inclusivamente entre os conservadores, e é vista como uma jogada de risco por parte de Sunak, já que o Partido Conservador tem surgido sempre atrás dos trabalhistas em todas as sondagens desde dezembro de 2021 e o estudo de opinião mais recente, conduzido nos últimos dois dias pela Survation, dá 47% das intenções de voto ao Labour, 21 pontos à frente dos *tories*.

Rishi Sunak – que podia esperar até janeiro para a realização das eleições gerais – não deu ontem qualquer explicação para as estar a convocar já para 4 de julho, quando até muito recentemente planeava eleições no outono, tendo dito apenas que "agora é o momento para o Reino Unido escolher o seu futuro".

"A sua corrida às urnas a 4 de julho sugere que um primeiro-ministro com reputação de cautela e obsessão por folhas de cálculo é na verdade um jogador", defendia ontem Jon Craig, correspondente chefe de Política da Sky News. "Convocar eleições gerais com o seu partido consistentemente atrás do Trabalhista por 20 pontos na sondagem Sky News, na melhor das hipóteses, parece corajoso e, na pior, imprudente. Se conseguir, no entanto, terá alcançado a maior vitória eleitoral dos Conservadores contra todas as probabilidades desde que John Major obteve uma maioria de 21 lugares em 1992", prosseguiu.

"Alguns comentadores descrevem isto como uma *aposta*, mas isso implica que Sunak espera um resultado positivo. Isto parece mais uma capitulação, um reconhecimento de que todas as suas outras opções são piores", escrevia ontem, por seu turno, o jornal *The Guardian*.

ana.meireles@dn.pt

14

Anos Os conservadores estão no poder desde a eleição de David Cameron em 2010. Nestes 14 anos, contabilizam cinco primeiros-ministros.

"Espero que o meu trabalho desde que me tornei primeiro-ministro mostre que temos um plano em que estamos preparados para tomar ações ousadas necessárias para o nosso país florescer."

Rishi Sunak
Primeiro-ministro britânico



"Um voto no Labour *é um voto na estabilidade, económica e política, uma política que pisa com mais leveza todas as nossas vidas. Uma votação para acabar com o caos."*

Keir Starmer
Líder do Partido Trabalhista



"Em muitas partes do país são os Liberais Democratas que podem derrotar os Conservadores, que durante tanto tempo deram as pessoas por garantidas."

Ed Davey
Líder dos Liberais Democratas



"Este é o momento de remover o Governo conservador e colocar a Escócia em primeiro lugar votando no SNP. Trabalharemos noite e dia para vos proteger dos danos causados por Westminster."

John Swinney
Líder do SNP e primeiro-ministro da Escócia



Uma foto de março, com a bandeira palestiniana pintada no famoso touro espanhol.

OSCAR DEL POZO / AFP

Madrid, Oslo e Dublin reconhecem a Palestina: o que é que isso significa?

DIPLOMACIA Israel criticou o "prémio ao terrorismo", mesmo se a decisão é principalmente simbólica. Para o Hamas é "um passo importante para afirmar o nosso direito à nossa terra".

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Espanha, Noruega e Irlanda anunciaram ontem a decisão de reconhecer o Estado da Palestina na próxima terça-feira, esperando que outros países se juntem à iniciativa – Malta e Eslovénia podem ser os próximos. Israel, criticou o que apelidou de "prémio ao terrorismo" e chamou os seus embaixadores nestes três países para consultas. Isto apesar de o gesto político ser principalmente simbólico.

"Só uma solução de dois Estados [Israel e Palestina] que convivam em garantias de segurança permite a paz. Para o conseguir, as duas partes devem sentar-se em igualdade de condições", defendeu o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, no anúncio no Congresso, deixando claro que a sua decisão não é contra Israel ou o povo israelita, nem a favor do terrorismo. "Lutar contra o Hamas é legítimo, mas com Netanyahu a solução dos dois Estados está em perigo. A solução que promoveu só leva ao ódio. Não o podemos permitir", acrescentou, referindo-se ao primeiro-ministro israelita.

"No meio da guerra, com dezenas de milhares de mortos e feridos [em Gaza], temos de manter viva a única alternativa que oferece uma solução política para israelitas e palestinianos: dois Estados, a viver lado a lado, em paz e segurança", indicou, por seu lado, o primeiro-ministro norueguês, Jonas Gahr Store. "Reconhecer a Palestina é uma forma de apoiar as forças moderadas que têm vindo a perder terreno neste conflito prolongado e brutal", acrescentou.

Face aos que criticam o momento do reconhecimento do Estado Palestiniano, o chefe do Governo irlandês, Simon Harris, limitou-se a dizer: "Nunca é o momento errado para fazer a coisa correta." E lembrou a própria história do seu país: "Tal como o reconhecimento da Irlanda como um Estado levou eventualmente ao estabelecimento da nossa agora república pacífica, acreditamos que o Estado Palestiniano vai contribuir para a paz e a reconciliação no Médio Oriente."

Resposta israelita

Israel reagiu de imediato ao anúncio, chamando os seus embaixadores para consultas e indicando que irá repreender os diplomatas dos três países. "A intenção de vários países europeus de reconhecerem o Estado Palestiniano é uma recompensa ao terrorismo. 80% dos palestinianos na Judeia e Samaria [o nome que os israelitas dão à Cisjordânia] apoiam o terrível massacre do 7 de Outubro. O mal não pode receber um Estado", escreveu Netanyahu no X. "Este seria um Estado terrorista. Tentará repetir, uma e outra vez, o massacre do 7 de Outubro. Não o vamos permitir. Recompensar o terrorismo não vai trazer paz nem nos vai travar de derrotar o Hamas", concluiu o primeiro-ministro israelita.

> Espanha não prevê abrir embaixada em Ramallah, com o cônsul-geral em Jerusalém a assumir a responsabilidade no território. Questão das fronteiras também se coloca.

Pelo contrário, a notícia foi muito bem recebida pelos palestinianos. A decisão contribui para a "consagração do direito do povo palestiniano à autodeterminação na sua terra", disse o presidente da Autoridade Palestiniana, Mahmud Abbas. Para o Hamas, é "um passo importante para afirmar o nosso direito à nossa terra".

Mas o que muda?

A decisão política é principalmente simbólica, já que não existe um território delimitado do que é a Palestina, nem um governo único. Além disso, na prática não se alteram os laços entre estes países e a Organização para a Libertação da Palestina (que é vista como a legítima representante do povo palestiniano) ou com a Autoridade Palestiniana, que gere de forma limitada a Cisjordânia ocupada. O Hamas controlava a Faixa de Gaza.

Espanha, por exemplo, não planeia abrir embaixada em Ramallah (sede da Autoridade Palestiniana), sendo o atual cônsul-geral em Jerusalém que representará o país. Outra questão que se coloca é: que território se está a reconhecer? Normalmente aponta-se às fronteiras prévias a 1967, quando Israel, durante a Guerra dos Seis, ocupou a Cisjordânia, Jerusalém Oriental e Gaza. Os colonatos israelitas, que têm crescido na Cisjordânia, complicam a delimitação do território.

A 15 de novembro de 1988, Yasser Arafat proclamou a independência do Estado da Palestina, que englobava a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, com capital em Jerusalém Oriental. A proclamação foi feita em Argel, num encontro do exilado Conselho Nacional Palestiniano, que estabeleceu como objetivo a solução de dois Estados. A Argélia foi o primeiro país a reconhecer o novo Estado, sendo que em poucas semanas dezenas de outros países, a maioria árabes, seguiram o mesmo caminho.

Atualmente, 142 dos 193 países das Nações Unidas reconhecem o Estado da Palestina, incluindo alguns europeus. A Suécia, com uma importante comunidade palestiniana, deu esse passo em 2014, sendo que outros seis países da União Europeia o tinham reconhecido antes da adesão. Há uma década que o Parlamento Europeu votou uma resolução a favor de um Estado Palestiniano, da mesma forma que algumas assembleias nacionais – como a espanhola, também em 2014, ou a portuguesa, em dezembro do ano passado.

Fonte do Ministério dos Negócios Estrangeiros português disse ao DN que o Governo mantém a posição desde o primeiro momento, que segue também a do executivo anterior, de reconhecer o Estado Palestiniano. Contudo, consideram que "este não é o momento", defendendo a existência "do maior consenso possível" dentro da União Europeia, estando a trabalhar como "mediadores" nesse sentido. Uma posição partilhada ontem por Marcelo Rebelo de Sousa: "Não é o momento adequado."

Desde 2012 que a Palestina tem, nas Nações Unidas, o estatuto de "Estado observador não-membro", tendo a Assembleia Geral aprovado por larga maioria, a 11 de maio, dar-lhe novos "direitos e privilégios". Isto depois de, em abril, no Conselho de Segurança, os EUA terem vetado uma resolução que visava reconhecer o Estado Palestiniano, argumentando que isso só deveria acontecer a partir de negociações que tenham em conta os interesses de Israel em matéria de segurança.

susana.f.salvador@dn.pt

Escândalo da AfD pode mudar desenho europeu da extrema-direita

EUROPEIAS Maximilian Krah, cabeça-de-lista da AfD, saiu da campanha e demitiu-se do seu cargo no partido após dizer que os membros das SS não são "automaticamente criminosos".

TEXTO **ANA MEIRELES**

O cabeça-de-lista da Alternativa para a Alemanha (AfD) anunciou ontem o seu afastamento da campanha para as europeias, mas também a demissão da comissão executiva federal do partido de extrema-direita, na sequência da polémica que causou ao afirmar que os membros do grupo paramilitar nazi SS não são "automaticamente criminosos". "É preciso avaliar a culpa caso a caso. No final da guerra, havia quase um milhão de SS. Até Günter Grass foi membro das Waffen-SS", afirmou Maximilian Krah aos *media* italianos no fim de semana. Marine Le Pen e outros líderes da extrema-direita europeia mostraram o seu repúdio a estas declarações e defenderam um corte com a AfD.

"Reconheço que as minhas declarações factuais e matizadas estão a ser mal utilizadas como pretexto para prejudicar o nosso partido", escreveu ontem Krah na rede social X. "A última coisa de que precisamos neste momento é de um debate sobre mim. A AfD deve manter a sua unidade. Por esta razão, vou abster-me de mais aparições na campanha com efeito imediato e demitir-me como membro da Comissão Executiva Federal", acrescentou. Apesar de Krah se ter tornado num risco, a AfD não tem outra opção senão mantê-lo como cabeça de lista para as europeias, já que as regras proíbem quaisquer modificações após 18 de março – a única exceção seria uma condenação criminal com pena de prisão de pelo menos cinco anos. Krah pode, no entanto, decidir ele próprio não assumir o mandato após a eleição.

Eurodeputado desde 2019, Maximilian Krah não é um estreante no que diz respeito a polémicas. Ele e Petr Bystron, outro candidato da AfD às europeias, vieram recentemente a púbico negar as alegações de que aceitaram dinheiro para divulgar posições pró-Rússia num *site* de notícias financiado por Moscovo. Paralelamente, a justiça alemã lançou uma investigação preliminar contra Krah devido a relatos de pagamentos suspeitos recebidos da China e da Rússia.

Esta sucessão de escândalos tem causado danos nas intenções de voto da AfD – em dezembro, as sondagens davam ao partido de extrema-direita alemão 25%, altura em que estava a capitalizar o descontentamento com o aumento da imigração e uma economia fraca, mas desde então tem vindo a cair na sequência das polémicas, tendo atingindo os 15% numa sondagem feita na semana passada.

Aproximação entre grupos

As más notícias para a AfD ganharam contornos europeus esta quarta-feira quando o Reagrupamento Nacional de Marine Le Pen anunciou que "terá novos aliados no final das eleições europeias, mas não se sentará mais ao lado da AfD". "A AfD está a passar de provocação em provocação", disse Le Pen à rádio Europe 1. "É hora de romper totalmente com este movimento, que não é administrado e que obviamente está sob a influência de grupos radicais internos", acrescentou a francesa. Até agora, a AfD e o RN eram as duas principais forças do grupo Identidade e Democracia no Parlamento Europeu, atualmente com 58 eleitos.

Outros representantes do ID anunciaram também que iriam pôr fim à sua aliança com o partido alemão por causa dos comentários, como o Liga de Matteo Salvini ou o Partido Popular Dinamarquês. "Se a AfD não aproveitar a situação e se livrar de Krah, a posição do DF é que a AfD deve deixar o ID", referiu Anders Vistisen, cabeça-de-lista dos dinamarqueses, antevendo a expulsão dos alemães.

Mas, no que diz respeito ao Reagrupamento Nacional, o futuro poderá passar por uma mudança para o outro grupo parlamentar de extrema-direita, o Reformistas e Conservadores Europeus (ECR), onde, entre os 69 deputados se encontram eleitos do Irmãos de Itália, de Giorgia Meloni.

Não só os franceses falaram ontem ter "novos aliados no final das eleições europeias", como Meloni e Le Pen têm dado pistas sobre a possibilidade de unirem forças em Estrasburgo. Num comício de extrema-direita em Madrid no domingo, a francesa declarou: "Estamos todos juntos na reta final para fazer de 9 de junho um dia de libertação e esperança". Um dia depois, a italiana disse que queria replicar o sucesso doméstico do seu partido e "fazer a mesma coisa na Europa: aliar partidos que sejam compatíveis entre si em termos de visão, mesmo com nuances completamente diferentes".

ana.meireles@dn.pt

Debate entre os *spitzenkandidaten*

O hemiciclo do Parlamento Europeu, em Bruxelas, vai ser hoje palco, a partir das 14.00 (hora de Lisboa), de um debate entre os candidatos a presidente da Comissão Europeia: Ursula von der Leyen (Partido Popular Europeu), Nicolas Schmit (Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas), Sandro Gozi (Renovar a Europa), Terry Reintke (Partido Verde Europeu) e Walter Baier (Partido da Esquerda Europeia). Estes *spitzenkandidaten* irão discutir seis temas – economia e emprego, defesa e segurança, clima e ambiente, democracia e liderança, migração e fronteiras e inovação e tecnologia – que foram escolhidos com base nas prioridades dos eleitores identificadas no Eurobarómetro e o formato do debate terá respostas rápidas. Alguns eleitores que vão votar pela primeira vez nas europeias vão poder colocar questões aos candidatos.



JENS SCHLUETER / AFP

Krah está a ser investigado pelo recebimento de pagamentos suspeitos vindos da Rússia da China.

BREVES

Russos voltam a tomar aldeia a sul de Bakhmut

A Rússia afirmou que as suas forças capturaram Klishchiivka, uma das poucas aldeias da frente oriental de que a Ucrânia retomou o controlo na contraofensiva do verão passado, em setembro. As tropas russas haviam capturado Klishchiivka pela primeira vez em janeiro de 2023. Klishchiivka situa-se a sul da cidade de Bakhmut, na linha da frente, que foi destruída e é atualmente detida pela Rússia. Antes do conflito, tinha uma população de cerca de 500 pessoas. Em entrevista ao *The New York Times*, o presidente Zelensky disse agora esperar uma decisão sobre o envio de sistemas de defesa aérea Patriot adicionais durante a cimeira da NATO, que irá decorrer em Washington, em julho. O líder ucraniano, que chegou a pedir 25 sistemas para a defesa do seu país, disse agora que sete é o número mínimo para proteger as regiões fundamentais para a economia e para o setor energético do país.

EUA diz que Moscovo lançou arma espacial

O Departamento de Defesa dos EUA acusou a Rússia de lançar uma arma espacial e de colocá-la na mesma órbita de um satélite do governo norte-americano. Segundo o Pentágono, a alegada arma espacial russa foi lançada em 16 de maio. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, recusou-se a comentar o assunto, tendo no entanto defendido "a proibição de todas as armas no espaço". Nos últimos meses, os dois países têm trocado acusações e propuseram resoluções rivais sobre a não-proliferação espacial na ONU. A Rússia vetou a iniciativa dos EUA no mês passado, enquanto a proposta de Moscovo falhou na segunda-feira. O diplomata dos EUA Robert Wood disse que a proposta russa era uma distração. Segundo Wood, a arma espacial russa é "presumivelmente capaz de atacar outros satélites na órbita baixa da Terra".


LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Gonzalo Gutiérrez Reinel

"Comunidade Andina faz 55 anos e tem sido muito bem-sucedida na integração dos seus quatro países"

GEOPOLÍTICA O diplomata Gonzalo Gutiérrez Reinel, antigo ministro peruano dos Negócios Estrangeiros, é o secretário-geral da organização que junta Bolívia, Colômbia, Equador e Peru (mais de 100 milhões de pessoas e quase quatro milhões de km²). Esteve em Lisboa a convite do Instituto para a Promoção da América Latina e Caraíbas (IPDAL).

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

São três as línguas oficiais da Comunidade Andina: o espanhol, claro, mas também o *aimará* e o *quéchua*. É apenas simbólico ou há uma aplicação efetiva das línguas indígenas, por exemplo na documentação desta organização que junta Bolívia, Colômbia, Equador e Peru?
Trabalhamos muito com a comunidade indígena. Temos um Conselho de Povos Indígenas que se reúne para discutir questões ligadas às comunidades indígenas da nossa região. Existe uma forte preocupação com o desenvolvimento social. Ou seja, não se trata apenas de proteger as línguas, mas igualmente de tratar dos problemas, das questões que interessam a estes povos, sejam aimará, quéchua ou de outras origens.

Quando se olha para a América Latina, há regiões onde a grande maioria da população veio da Europa, como o Cone Sul, e outras, como a América Central, que têm um elemento indígena muito forte. A Comunidade Andina distingue-se também por essa marca indígena?
Certamente que em países como Equador, Peru e Bolívia a ascendência *quéchua* e *aimará* é muito forte. Talvez no Peru e na Bolívia mais. Mas existem outros tipos de descendentes de povos indígenas na Colômbia, também de povos nativos das Caraíbas, e, claro, em todos os países há pessoas de ascendência africana, cujos antepassados foram trazidos nos século XVI ou XVII como trabalhadores forçados, como escravos.

Também há fortes comunidades asiáticas, especialmente no Peru.
No caso do Peru, é uma experiência diferente. Fui embaixador na China e conheço bem essa história. Desde meados do século XIX, o que temos é uma grande migração de trabalhadores chineses que atravessam o Oceano Pacífico e vão trabalhar na costa do Peru, especialmente nas plantações de cana-de-açúcar e de algodão. Em condições muito difíceis. Não eram escravos, mas trabalhavam em condições muito difíceis. Mas depois as condições mudaram e muitos ficaram. E existem estatísticas que dizem que, no Peru, 10% da população tem algum ancestral chinês, um em cada dez peruanos.

Também há uma comunidade de origem japonesa, até deram o presidente Alberto Fujimori. Quando começaram a chegar ao Peru?
O primeiro navio com migrantes japoneses chegou ao Peru em 1899. O *Sakura Maru* foi o primeiro navio que chegou com trabalhadores migrantes, também inicialmente destinados aos trabalhos agrícolas, mas que depois se adaptaram muito rapidamente ao país e ocuparam um lugar importante, tal como os chineses, no comércio. Com o passar dos anos, originaram um fenómeno empresarial muito interessante.

É mera coincidência que os quatro membros da Comunidade Andina tenham integrado, pelo menos em parte, o Império Inca no máximo da sua extensão, antes do século XVI?
Bom, é simplesmente uma coincidência histórica, mas sim, são quatro países que tiveram grande presença inca. Mas, sobretudo, completamos agora 55 anos e, através da Comunidade Andina, temos um mecanismo de integração que tem sido muito bem-sucedido, mesmo que as pessoas possam não se aperceber. Com o mecanismo de livre comércio na região, as mercadorias circulam com tarifa zero entre os quatro países. E, tal como aqui na União Europeia, entre os quatro países da Comunidade Andina os cidadãos viajam apenas com o documento de identidade, não há necessidade de visto, não há necessidade de passaporte. Temos outros tipos de vantagens, por exemplo, o *roaming*, que foi antes aprovado aqui em toda a União Europeia, mas alguns anos depois na Comunidade Andina, passámos também nós a ter o *roaming* gratuito.

Pensar numa moeda única para os quatro países, isso é mais difícil?
Essa já é uma tarefa muito mais difícil, porque implica ter uma política económica e uma política monetária totalmente integradas. Podemos imaginar, até, esse passo no futuro, mas lembro que ainda não é um passo que tenha sequer sido dado por todos os países europeus.

Na sua fundação, em 1969, a Comunidade Andina incluía o Chile, e associo o Chile aos Andes, mas também associo a Argentina. Em algum momento, a Argentina esteve para ser um dos países fundadores?
Os quatro países do Mercosul, que são o Brasil, a Argentina, o Uruguai e Paraguai, são países associados à Comunidade Andina e, ao mesmo tempo, os quatro países da Comunidade Andina são associados ao Mercosul. Portanto, há hoje uma relação comercial muito fluida entre as duas organizações, mas não, a Argentina não foi contemplada originalmente. O Chile foi membro-fundador e saiu, mas é preciso ter em conta que quando a Comunidade Andina foi fundada, as ideias, a perceção económica e comercial, na América Latina, tinham muito a ver com a visão da CEPAL, de Raúl Prebisch, que era a substituição de importações, desenvolvendo setores industriais.

Era antiliberal, de certa forma?
Tratava-se mais de desenvolvimento endógeno do que de desenvolvimento endógeno antiliberal, mas isso limitou enormemente a capacidade de atrair investimento estrangeiro. Foi promovido o crescimento de uma indústria regional. E foi isso que basicamente motivou a saída do Chile, com a mudança de Governo.

É curioso, porque há duas saídas da Comunidade Andina, que é a do fundador Chile, uma decisão de Augusto Pinochet, uma ditadura de direita, e a outra saída é a da Venezuela, que é um parceiro posterior, decidida por Hugo Chávez, que se assumia da esquerda revolucionária.
E saem exatamente pelas mesmas razões, mas na direção oposta. No caso do Chile, em 1976, porque a Comunidade Andina tinha um regime de tratamento do capital estrangeiro que o Chile não estava disposto a manter. E no caso da Venezuela [membro entre 1973 e 2006], porque a Comunidade Andina liberalizou-se para negociar, especialmente com a União Europeia, e a Venezuela não se sentiu parte da iniciativa.

Então é possível dizer que estes quatro fundadores, que se mantêm na Comunidade, têm uma certa coerência em termos de grandes opções políticas e económicas?
Existem diferentes posições, especialmente, eu diria, no campo político. Existem diferentes tendências. No entanto, os quatro países estão convencidos de que este mecanismo de integração lhes é útil, começando com o que mencionei há pouco. É o primeiro mercado, o mercado mais próximo, e é o mercado onde são comercializados os produtos de maior valor acrescentado.

Estamos a falar de 110/115 milhões de pessoas. Portanto, se a Comunidade Andina fosse um país, seria o segundo país de língua espanhola nas Américas, depois do México.
Sim. E estamos a falar também de uma área geográfica bastante grande, quase três milhões de km². Ocupa boa parte da América do Sul.

Quando se pensa nos países andinos, pensa-se também no problema da produção e tráfico de drogas. Existe cooperação entre os países?
Após os incidentes recentes ocorridos no Equador, onde houve o assassinato de um candidato à vice-presidência e a ocupação de um canal de televisão, houve uma reação muito concertada dos quatro países andinos, e foi aprovado um plano de ação decisivo, que inclui 13 áreas de coordenação para combater a criminalidade penal internacional, que vão desde mineração ilegal, tráfico de drogas, contrabando, controlo da movimentação de pessoas ilegais, controlo da movimentação de capitais ilegais, enfim, criar um banco de dados de informações sobre segurança, criar um sistema chamado 24-7, para que as autoridades policiais estejam todas interligadas o tempo todo. Tudo isto faz parte de uma iniciativa que surgiu desde janeiro deste ano e que já está a dar resultados.



Opinião
João Almeida Moreira

Leite azedo

Os grandes líderes revelam-se nas crises, conta-nos a História. Há exemplos fora da política, como o de Katharine Graham, a viúva que se viu, da noite para o dia, dona de um jornal, *The Washington Post*, e, mesmo sob pressões que jamais imaginara, decidiu publicar os escândalos *Pentagon Papers* e *Watergate* em nome da imprensa livre.

Ou o de Ernest Shackleton, o explorador que trouxe de volta sã e salva toda a tripulação do *Endurance*, navio que naufragou na Antártica em pleno inverno, graças a muito sangue frio – gelado, no caso.

Além, dos óbvios exemplos de presidentes e primeiros-ministros, como Lincoln, que mudou a História num momento em que os EUA pareciam despedaçar-se, ou Churchill, o primeiro-ministro inglês que viveu, em plena guerra mundial, a sua *finest hour*.

Eduardo Leite, o governador do Rio Grande do Sul, como Graham, Shackleton, Lincoln ou Churchill, está a viver uma situação limite – a terrível catástrofe das enchentes no estado que dirige – mas, ao contrário daqueles determinados e resilientes exemplos, ele hesita, contradiz-se, baralha-se.

Depois de as autoridades gaúchas, que lidera, pedirem apoio em forma de doações a que o Brasil, e não só, respondeu de forma avassaladora, Leite chegou à conclusão de que não, de que a onda de solidariedade não era bem-vinda: "Na verdade, quando você tem um volume tão grande de doações físicas chegando ao estado, há um receio sobre o impacto que isso terá no comércio local, o restabelecimento desse comércio fica dificultado."

Para, no dia seguinte, dizer que "o impacto nos comércios locais vai ser preocupação para um outro momento, não durante esta onda de solidariedade que está nos abraçando, ao falar sobre essa situação eu acabei misturando".

Alertado há anos para chuvas de enormes proporções no Rio Grande do Sul, contou que na altura estava com a cabeça noutro lugar (cá para nós estava em tórrido romance com o Governo negacionista de Bolsonaro). "Eu tive esses estudos, sim, eles de alguma forma alertam, mas um Governo também vive de outras agendas…".

Depois, disse que se expressou mal: "Que fique claro, nós temos uma série de agendas, mas a do meio ambiente, sem dúvida nenhuma, é importantíssima".

Numa manhã, disse a' *O Globo* que, tendo em conta o drama das enchentes, as eleições municipais brasileiras de outubro deviam ser adiadas porque campanha, votação e eventual troca de prefeitos não ajudam na reconstrução – "esse é um debate pertinente", afirmou.

Na noite do mesmo dia, em entrevista na TV Cultura, considerou essa discussão (que ele próprio lançou horas antes) "precipitada".

Eduardo Leite sabe que, por ser branco, de classe média-alta e liberal na economia, não desagrada totalmente ao bolsonarismo raiz. Mas que, por viver em união estável com um homem, também marca pontos na esquerda identitária. Além disso, é o paraíso dos *marqueteiros*: é jovem, é bem-parecido, é bem-falante.

E é ambicioso ao ponto de ter largado o Governo do Rio Grande do Sul para concorrer à Presidência do Brasil em 2022 pelo PSDB. Como, no entanto, perdeu as primárias, ainda tentou concorrer por outro partido, sem sucesso.

De mãos a abanar, voltou à base e recandidatou-se ao mesmo Governo estadual que abandonara. Com um bolsonarista limitadíssimo (perdão pela redundância) como rival e o apoio de última hora de Lula, os gaúchos perdoaram-lhe a traição e deram-lhe a vitória.

Mas na crise vem se revelando um pequeno líder.

Jornalista, correspondente em São Paulo



Análise
Germano Almeida

As eleições só valem se ganharem

Estamos longe de saber quem vai vencer a eleição presidencial norte-americana de 5 de novembro (Trump lidera a corrida a 167 dias da decisão; Biden tem margem para recuperar), mas de uma coisa podemos já ter a certeza: se Trump perder, grande parte dos seus apoiantes não vão acreditar – e não vão aceitar.

Os principais apoiantes da via trumpista recusam-se a comprometer-se a aceitar os resultados das eleições de 2024. Para estes novos "republicanos", versão populista, as eleições só valem se ganharem. Em caso de derrota, usa-se a tese da fraude e atira-se lama para confundir os incautos que ainda caem nas falsas equivalências. Resultado: todo o sistema democrático fica posto em causa.

É assim que as Democracias morrem

Sim, é possível que o 6 de janeiro de 2021 – ataque ao Capitólio – volte a acontecer. Um dos sinais de alarme é a consistência na resposta dos possíveis candidatos a "vice" de Trump, no sentido de porem em causa a legalidade de uma eventual reeleição de Biden e um reforço na tese de "fraude" na eleição de 2020, acusação que, embora falsa, esteve claramente na base do que incitou os invasores do Capitólio.

Um dos mais prováveis candidatos à vice-presidência pelo *ticket* republicano, o senador Tim Scott da Carolina do Sul, tem-se recusado a dizer se aceitará o resultado, fazendo aumentar as preocupações de que os EUA possam assistir a uma repetição das violentas consequências da derrota de Trump há quatro anos.

Michael K. Miller, professor de Ciências Políticas da Universidade George Washington, especialista em Democracia, disse que republicanos como Tim Scott estão "claramente a querer ser o vice-presidente, por isso precisam de adotar a retórica preferida de Trump". "É assim que as democracias se desintegram."

Mike Pence, vice-presidente de Trump no mandato 2017-2021, rompeu com o chefe precisamente por causa desse dia. A 6 de janeiro de 2021, por se recusar a seguir a via do golpe, Pence terá escapado por um minuto e pouco à fúria da turba invasora.

Na recente entrevista à revista *Time*, Donald Trump não descartou a possibilidade de violência política caso perca novamente. Embora tenha dito que não achava que iria haver violência, ressalvou: "Dependerá sempre da justiça da eleição." Trump minimizou os acontecimentos de 6 de janeiro, disse que não se arrependia de contestar os resultados de 2020 e instou as pessoas a "seguirem o seu coração" em eleições desafiadoras.



Para estes novos 'republicanos', versão populista, as eleições só valem se ganharem. Em caso de derrota, usa-se a tese da fraude e atira-se lama para confundir os incautos que ainda caem nas falsas equivalências. Resultado: todo o sistema democrático fica posto em causa."

Joe Biden, precavido e sem ilusões, deixa o aviso: "Se eu vencer as eleições de novembro, Trump não admitirá a derrota. Não se pode amar o nosso país apenas quando ganhamos."

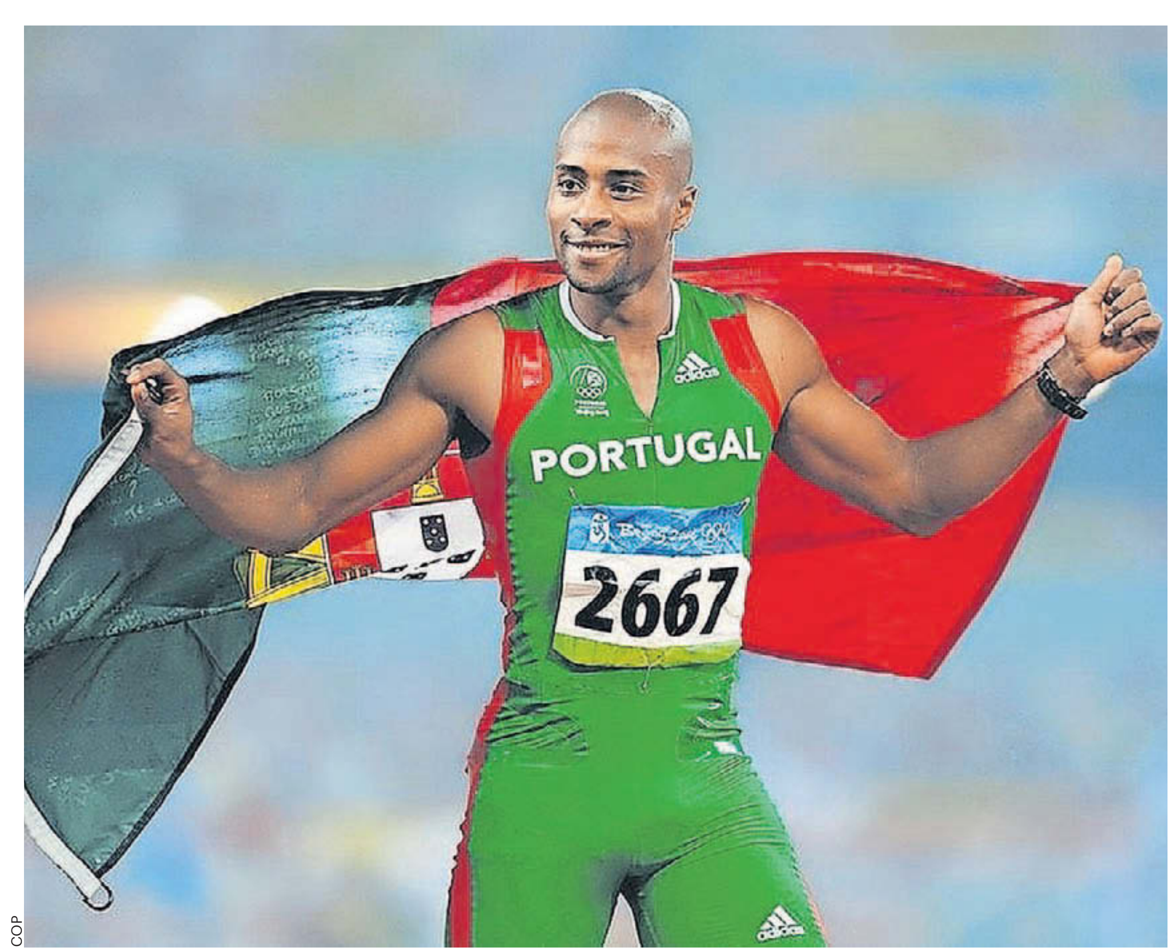
Na mesma linha, Bennie Thompson, congressista democrata do Mississípi, que presidiu ao Comité Especial da Câmara dos Representantes que examinou o ataque ao Capitólio, alega: "Existe potencial para outro 6 de janeiro."

"A maioria das pessoas que orquestraram o dia 6 de janeiro dizem agora, com todas as palavras: 'Não tenho certeza se aceitarei as conclusões das eleições de 2024'."

As sondagens mostram que os eleitores – especialmente os republicanos – estão longe de confiar na democracia americana. Um estudo do Quinnipiac, realizado em março, descobriu que os eleitores estavam quase igualmente divididos sobre se achavam que o sistema democrático dos EUA estava a funcionar. No caso dos republicanos, apenas 45% disseram que sim. O valor dos democratas era ligeiramente superior.

Ainda assim, questionados sobre o quão confiantes estavam de que os votos serão contados com precisão em novembro, dois terços dos eleitores, em geral, disseram estar "muito" ou "um pouco" confiantes.

Especialista em Política Internacional



COP

Nelson Évora “Estou bem física e mentalmente. Não vou terminar sem dar mais uma alegria aos portugueses”

ATLETISMO Campeão olímpico do triplo salto em Pequim2008 quer voltar a representar Portugal. E está a treinar com Mário Aníbal para tentar regressar às pistas: "A minha carreira espelha-se um pouco no cair e levantar." Polémica com Pichardo é um assunto arrumado.

ENTREVISTA **ISAURA ALMEIDA**

Nelson Évora não compete ao mais alto nível desde 2021, foi operado a um joelho em janeiro e fez 40 anos em abril. Mas ainda não está preparado para dizer adeus às pistas. Foi campeão europeu, mundial e olímpico, e esteve ontem no II Seminário da Saúde Mental da Associação de Atletas Olímpicos de Portugal *(ver caixa)* para partilhar a sua história. E falou ao DN sobre a importância de ter ajuda profissional.

Como está a saúde mental do Nelson Évora?
Está boa. Nunca esteve tão equilibrada. E tanto está boa que vim partilhar um pouco daquilo que foi a minha experiência. A vida de um atleta de alta competição é sempre uma montanha russa emocional, as coisas mais simples acabam por ser as mais complexas. Um campeão olímpico também vai ao supermercado comprar pão e leite e não precisa de ser visto como um *alien* ou passar a ser um alvo a abater. A saúde mental ou a falta dela deixa feridas bastante profundas. Se tivermos ajuda psicológica no momento certo, essas cicatrizes podem ser superficiais ou pelo menos não tão profundas. Em muitos momentos, com as ferramentas certas, teria menos cicatrizes hoje certamente.

Que cicatrizes são essas? E estão cicatrizadas ou ainda há algumas feridas abertas?
Não vou especificar. Está tudo bem cicatrizado. Hoje já são dramas de um atleta que conquistou tudo o que tinha para conquistar. Nem todas são profissionais, também há cicatrizes pessoais como a morte da minha mãe. Ela era a minha psicóloga. Era a ela que eu ligava antes de ir para as pistas em cada competição e ela sabia sempre o que eu precisava de ouvir. Sem a minha mãe andei meio perdido, mas com ajuda de profissionais voltei ao topo. Há 20 anos não falávamos de saúde mental. Daí o alerta de Simone Biles [ginasta norte-americana desistiu em Tóquio2020 por este problema] ser essencial. A saúde mental é tão importante como o treino e o descanso para ganhar medalhas. Se eu tivesse tido essa ferramenta – ajuda psicológica – logo no início da minha carreira, as feridas teriam sido menos profundas, mas fui-me adaptando, fui ganhando. Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte das minhas medalhas, porque cada uma tem uma história e nada se conquista sozinho. Muitas das minhas medalhas foram ganhas em alguns dos piores momentos da minha vida. O segredo foi a comunicação com o treinador e por isso digo que também os técnicos deviam recorrer a ajuda psicológica.

É um dos cinco campeões olímpicos do país. Esse estatuto é motivador?
Olho para mim como campeão olímpico em poucos momentos. Um dos grandes segredos da minha carreira sempre foi começar do zero. Sempre comecei um projeto ou uma etapa do zero e sem me pôr sobre estatutos ou num degrau acima dos outros. Começa-se do zero em todas as competições. Como seres humanos temos que ser humildes e quem joga com estas regras normalmente consegue chegar mais longe.

E o insucesso faz parte do sucesso...
Sem dúvida, perdemos muito mais vezes do que ganhamos. Eu para ter 12 medalhas, ou 13, não sei quantas medalhas já ganhei a nível internacional, tive que cair o triplo das vezes e levantar-me. Tive muito mais frustrações. Simplesmente tive que reagir e acho que a minha carreira se espelha um pouco no cair e levantar.

A medalha olímpica no triplo salto foi há 16 anos. Sente que ainda é visto como campeão olímpico ou como o Nelson Évora à beira da reforma?
Neste momento as pessoas olham para mim mais como bailarino por causa do concurso de dança que ganhei [risos]. Acaba por ser irónico, mas é normal, é o poder da televisão. Sou atleta. Os portugueses têm memória, mas todos, incluindo eu, podemos ter memória curta, mas não tenho sentimento de ingratidão nem penso se as pessoas se lembram daquilo que fui ou conquistei. Recebi e recebo carinho dos portugueses todos os dias e isso vale mais do que todas as medalhas que ganhei.

Mas existe mágoa? Disse que a comunicação social o tratou mal...
A comunicação social tem-se baseado muito numa comunicação de massas. Muitas vezes não informa as pessoas, está simplesmente a entretê-las, e na minha opinião o trabalho da comunicação social não é entreter é informar com factos e não procurar mais *likes* e visualizações. Passei a ser conteúdo sensacionalista e para bem da minha saúde mental deixei de ler sobre mim.

Fazendo uma introspeção, o que faria diferente? Alguma vez pensou 'pus-me a jeito'...
Não, nunca me pus a jeito e vou dizer porquê. Posso ter sido polémico, mas apresentei factos e continuo a assumir o que eu disse, não retiro nem uma vírgula. Representei todos os portugueses. Eu não nasci em Portugal e tenho noção disso, mas estou aqui desde os seis anos, não conheço outra nação e mesmo quando em jovem fui solicitado para representar Cabo Verde disse: "não, eu sou português, não conheço outra nação."

Refere-se ao caso das naturalizações no atletismo, quando questionou a pressa com que se naturalizou Pedro Pichardo?
Tinha prometido que não iria falar mais sobre esse tema e iria calar-me porque o tempo põe tudo no seu lugar... quando falei sobre esse tema não foi contra a pessoa e o atleta, mas contra um sistema que permitiu isso e não permite a tantos outros. Fiquei triste com toda a polémica, mas é assunto arrumado na minha cabeça.

Tem 40 anos e não compete ao mais alto nível desde 2021, mas ainda não anunciou o fim da carreira...
O corpo já me disse há algum tempo para me reformar. Já há 10 anos [risos] e entretanto acordo a pensar, bolas, dói-me o corpo todo. Não vou terminar sem dar mais uma alegria aos portugueses. Quero voltar a representar Portugal. Depois sim, já poderei descansar. Tenho pequenas lesões associadas à idade, mas ainda tenho um grande voo para fazer. Estou a treinar com o Mário Aníbal, estou bem, estou em grande forma e só preciso definir o meu regresso, que será sempre como atleta individual.

A nível pessoal, a vida do Nelson também vai dar uma grande volta...
Para melhor. Vou ser pai. Estou muito feliz. Era algo que eu também ambicionava muito. Virá no momento certo da minha vida.

isaura.almeida@dn.pt

AAOP leva saúde mental à AR

Apenas 36,7% dos atletas de alta competição têm acesso a cuidados de saúde mental e 8,8% estão em *burnout*, segundo um estudo do Observatório da Saúde Mental, em cooperação com a Associação de Atletas Olímpicos de Portugal (AAOP), ontem apresentado no II Seminário Nacional de Saúde Mental no Desporto de Alta Competição. Foram ouvidos 147 atletas. O estigma associado à doença ainda é bastante elevado, segundo Luís Monteiro da AAOP, e por isso irá levar o assunto à Assembleia da República. No pós-carreira, 15,3% dos ouvidos mantém consumo excessivo de álcool e 15,2% disse consumir substâncias ilícitas. O evento juntou no Estoril várias personalidades, incluindo a atleta Marta Onofre, os treinadores Mário Aníbal, Nuno Frazão, Albertinho e Ana Almeida, a ex-ministra Maria de Belém, Maria João Heitor do Observatória da Saúde Mental e Francisco George, ex-diretor-geral da Saúde.

Vitória no Jamor coloca Varandas como presidente com mais troféus

SPORTING O atual líder leonino está empatado com João Rocha. Mas se vencer a Taça no domingo, iguala as oito conquistas de Ribeiro Ferreira, presidente na era do *Cinco Violinos*.

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**

Caso o Sporting vença no domingo o FC Porto na final da Taça de Portugal, no Jamor, o presidente Frederico Varandas supera os troféus ganhos durante a gerência de João Rocha e torna-se no líder da história do clube leonino com mais conquistas a nível do futebol profissional, num total de oito, igualando a marca de António Ribeiro Ferreira, presidente do Sporting na era dos *Cinco Violinos* – ganhou seis Campeonatos Nacionais e duas Taças de Portugal.

Varandas, que está no cargo há cinco anos e oito meses, já alcançou dois títulos de Campeão Nacional, três Taças da Liga, uma Taça de Portugal e uma Supertaça, surgindo no segundo lugar entre os presidentes mais vitoriosos, ao lado de João Rocha, que durante os seus 13 anos de mandatos (entre 1973 e 1982) conquistou três campeonatos, três Taças de Portugal e uma Supertaça. Mas, para já, ainda a uma conquista de Ribeiro Ferreira, que esteve à frente dos detinos do clube sete anos (entre 1946 e 1953).

Analisando os presidentes do Sporting só neste século, o atual líder ganha "de goleada", com Dias da Cunha e Filipe Soares Franco a serem os que mais se aproximam, com um total de quatro troféus. No primeiro caso, um campeonato, uma Taça de Portugal e duas Supertaças; no segundo duas Taças de Portugal e duas Supertaças. Já Bruno de Carvalho alcançou três troféus (uma Taça de Portugal, uma Taça da Liga e uma Supertaça).

Augusto Inácio, Delfim e o ex-guarda-redes Beto, três antigos Campeões Nacionais pelo clube enquanto jogadores (o primeiro também como treinador principal, em 1999/2000) falaram ao DN sobre os méritos do presidente. Se Inácio ainda demonstra alguma desconfiança em relação ao presidente dos leões, Delfim e Beto deixam rasgados elogios ao dirigente do emblema lisboeta.

"Frederico Varandas entrou em funções logo a seguir ao triste episódio das agressões de Alcochete e teve de mudar o paradigma do clube. Mal seria se não o tivesse feito… conseguiu enveredar por um maior rigor financeiro e transparência na gestão, com os bons resultados estão à vista", referiu Delfim ao DN.



A comitiva do Sporting foi recebida na segunda-feira pelo presidente da Câmara de Lisboa, Carlos Moedas.

MIGUEL A. LOPES/LUSA

Para Beto Pimparel, o atual presidente "é o líder de uma estrutura que conseguiu criar um ambiente de estabilidade à volta da equipa, pois mesmo depois do 4.º lugar da temporada passada, pediu paciência aos adeptos e os resultados apareceram".

Já para Augusto Inácio, "o sucesso neste campeonato é mérito da estrutura e do treinador, não se podendo dizer que o grande responsável é o presidente, depois de na temporada passada ter-se apontado Rúben Amorim como o grande culpado pela época de insucesso". E acrescenta que "o tão falado projeto desportivo do Sporting é, na verdade, Rúben Amorim, que é treinador, diretor Desportivo e quem escolhe as contratações".

Um presidente consensual?

E já será Frederico Varandas um presidente consensual para os sportinguistas? "Acho que o único presidente consensual no futebol é Florentino Pérez, no Real Madrid [*risos*]. Mas com o decorrer do tempo, Varandas foi sabendo conquistar os sócios e adeptos do Sporting que, de uma forma geral, o respeitam bastante, reconhecendo o trabalho feito", defendeu Beto.

Delfim sublinha que "nem Jesus Cristo agradou a todos", mas não duvida de que a maioria dos adeptos leoninos tem Varandas em boa conta e destaca a forma como enfrentou as claques nos primeiros anos do mandato.

"Entrou em rutura com alguns elementos das claques, que eram prevaricadores e foi muito importante ter encetado essa luta, com a verdade e a transparência a acabarem por prevalecer. Depois, acabou por ser ajudado pelo contexto covid, sem público nos estádios, e o Sporting acabou por ser campeão em 2020/21, o que ajudou a que fosse mais bem aceite pelos sócios", acrescentou Delfim, que, recorde-se, fez parte da lista de João Benedito, concorrente nas eleições para a presidência, em 2018.

> Delfim e Beto dizem que há grande mérito de Varandas no bom momento do Sporting. Augusto Inácio acha que é mais da estrutura de Rúben Amorim.

"Consensual? Como sempre, tudo tem a ver com a bola, que entra ou não. No início da sua experiência como presidente, errou em tudo, nos treinadores, nos jogadores, na gestão… depois teve uma luz e escolheu Rúben Amorim para treinador e tudo mudou", atirou Inácio.

Nos festejos do título, num jantar privado, causou polémica o comentário de Varandas a pedir aos jogadores para "rebentarem" com o FC Porto na final da Taça.

"Quem não diria aquilo, num contexto fechado? A polémica terminou logo aí, pois foram palavras ditas nesse ambiente", diz Delfim, enquanto Beto defende que "qualquer presidente teria aquele discurso no balneário, mas que nos dias de hoje, com as redes sociais, poderia ter tido mais cuidado, embora não tenha dito nada com maldade".

Já Inácio acha que "Frederico Varandas pensou que estava a moralizar os jogadores do Sporting, mas na verdade deu moral aos futebolistas do FC Porto".

dnot@dn.pt

BREVES

Portugal passa a ter adeptos em pé nos estádios

Portugal é um dos países abrangidos pelo alargamento do programa experimental da UEFA que permite a assistência em pé de jogos das competições europeias, já previsto na legislação portuguesa, anunciou ontem o organismo. A UEFA prolongou o Programa de Observação de Lugares em Pé para a época 2024/25 e alargou o âmbito a Portugal, Áustria, Bélgica, Escócia e Países Baixos, depois de ter sido testado na Alemanha, França e Inglaterra, em 2022/23, passando posteriormente a incluir Espanha e Itália. O organismo observou uma tendência crescente para o uso de lugares em pé em algumas provas nacionais e foi sensível ao interesse manifestado por clubes e adeptos para a reintrodução desta prática nas provas europeias, alargando o estudo a países cuja legislação já o permite, como é o caso de Portugal.

Paulo Fonseca apontado para treinar o Milan

Paulo Fonseca vai, ao que tudo indica, ser o novo treinador do AC Milan. A notícia foi ontem avançada pela estação de televisão Sky Sport Italia, garantindo que o técnico português, que está de saída dos franceses do Lille, já tem acertado um contrato de três temporadas, estando em cima da mesa um salário anual de três milhões de euros. Fonseca vai substituir no cargo Stefano Pioli, cuja saída deve ser anunciada depois do jogo da última jornada da Série A, em casa com a Salernitana, agendada para o próximo fim de semana. O AC Milan vai terminar o campeonato em 2.º lugar, chegando assim ao fim um reinado de cinco anos de Pioli à frente da equipa, tendo sido campeão em 2021/22.
A confirmar-se, Paulo Fonseca regressará a Itália, depois de ter orientado a AS Roma nas épocas 2019/20 e 2020/01.

PUBLICIDADE

avisos, tribunais e conservatórias

ELEIÇÃO DOS DEPUTADOS AO PARLAMENTO EUROPEU – 2024

O **Partido Reagir Incluir Reciclar** vem, nos termos e para os efeitos do n.º 4 do artigo 21.º da Lei n.º 19/2003, de 20 de junho, comunicar que constitui Mandatária Financeira Nacional: **Márcia João Braz de Timóteo Henriques**

NOTICE TO INTERESTED PARTIES BY PUBLICATION

IN THE COURT OF THE CIVIL JUDGE, JUNIOR DIVISION 'D' COURT MARGAO. Regular Inventory Proceedings No. 5/2022/D

Dr. Maria Magdalena Fernandes .... Applicant. V/s

Mr. José Manuel Fernandes & Ors. ... Estate leavers/ Deceased

To,

5. Mrs. Thelma Fernandes, major in age, widow of Barata Fernandes and

6. Mrs. Marina Ramos, major in age and her husband,

7. Mr. Ramos, major in age,

8. Mr. Orlando Fernandes, major in age,

All residents of Rua Miguel Bombarda, Lote A/C Primeiro ESQ., 2775, Parede, Portugal).

Whereas the above named applicant instituted Regular Inventory Proceedings in this Court under section 367 of the Goa Succession, Special Notaries and Inventory Proceeding Act 2012 (Goa Act 23 of 2016).

And whereas Dr. Maria Magdalena Fernandes e Bragança, aged 75, Doctor, daughter of José Manuel Fernandes, resident of H.No.2684, Agali, Gogol, Salcete Goa, has been appointed as "Cabeça de Casal" (Head of the family) in the above proceedings.

AND WHEREAS the summons sent to you by Registered A/D Post returned unserved with postal remark "Unknown Address".

AND WHEREAS the above named Applicant has made an application to this Court stating that you be served by way of Publication in any Local News paper circulating in the locality of Parede Portugal and this Court is satisfied that this is a fit case for ordering such a service. YOU are hereby given notice buy way of Publication to take part in the proceedings till its final disposal and file objections, if any, on the **1st day of July, 2024 at 2:30p.m.** You are hereby required to constitute your Advocate having office within jurisdiction of this Court, to choose your place of domicile within the jurisdiction of this Court to receive any other notice which may be required under law to be issued to you, failing which the inventory proceedings will proceed in terms of law.

GIVEN under my hand and. The seal of the Court, this 20th day of April, 2024.

(Sealed) (Neeta Prabhudessai) Superintendent By Order of the Court

ANÚNCIO

Concessão de exploração de serviços

A Unidade Local de Saúde de Entre Douro e Vouga, E.P.E., pretende proceder à **Concessão de exploração de serviço de máquinas de venda automática**, nas 3 unidades hospitalares da Unidade Local de Saúde de Entre Douro e Vouga, E.P.E., sitas em Rua Dr. Cândido de Pinho, em Santa Maria da Feira, Rua da Misericórdia em S. João da Madeira e Largo Rizo Terra em Oliveira de Azeméis.

A apresentação de propostas e dos documentos que as acompanham terá de ser efetuada até às 17 horas do dia 6 de junho, através do endereço de correio eletrónico **concursos@ulsedv.min-saude.pt**.

A concessão será realizada em 2 Lotes, podendo as propostas destinar-se a apenas um ou aos dois lotes.

Será exigido o pagamento de uma compensação mensal:

- **Lote 1** (Unidade de Santa Maria da Feira) – de valor não inferior a €1.600 (mil e seiscentos euros) mensais, acrescido de uma comissão nunca inferior a 20% sobre o valor total de faturação.
- **Lote 2** (Unidades de S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis) – nunca inferior a 35% relava a comissão sobre o valor total de faturação.

Todos os termos e condições fixadas para a concessão constam de Caderno de Encargos disponível no *site* do Hospital em **www.chedv.min-saude.pt/**.

Santa Maria da Feira

O Presidente do Conselho de Administração

MUNICÍPIO DE PORTIMÃO

ANÚNCIO

PATRÍCIA GREGÓRIA MARTINS SANTANA, CHEFE DA DIVISÃO DE GESTÃO URBANA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO, no uso da competência subdelegada pelo despacho exarado no documento interno, com o NIPG. n.º 33316/23, de 21/08/2023, vem, pelo presente anúncio, **NOTIFICAR** os titulares dos lotes da operação de loteamento na Urbanização São Sebastião, Estrada de Alvor – Portimão, nos termos do n.º 3 do artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, para se pronunciarem, por escrito, no prazo de 10 (dez) dias úteis, relativamente ao procedimento de alteração da licença da operação de loteamento localizada na Urbanização São Sebastião, Estrada de Alvor Portimão, titulada pelo alvará de loteamento n.º 2/2003, freguesia e concelho de Portimão, requerida por POSSÍVEL & IMPOSSÍVEL, LDA.

A alteração da licença de operação de loteamento incide sobre o Lote 5, consiste na alteração do limite e da área do lote.

Alteração do polígono de implantação do edifício.

Diminuição do n.º de estacionamentos em cave de 6 lugares, para 4 lugares.

Implantação de mais 11 lugares de estacionamento público na parcela identificada como Equipamento de Utilização Coletiva (EUC).

Alteração das áreas verdes mínimas obrigatórias dentro do lote.

O referido processo pode ser consultado no prazo acima mencionado, na secretaria do Departamento de Gestão Urbanística e Mobilidade, sito no Parque das Feiras e Exposições, Caldeira do Moinho – Portimão, de segunda a sexta-feira, das 9 às 13 e das 14 às 16 horas.

Mais se informa que a falta de oposição escrita à alteração da licença para operação de loteamento, no prazo de 10 dias, a contar da data de publicação deste anúncio, no *Diário da República*, legitima a consequente tramitação do procedimento.

De acordo com a alínea e), do n.º 1, do art.º 112.º e art.º 122.º, do Código do Procedimento Administrativo, passou-se o presente anúncio, que será publicitado nos termos previstos na Lei.

22 de abril de 2024,

A Chefe da Divisão de Gestão Urbana
Patrícia Santana

MUNICÍPIO DE PORTIMÃO

ANÚNCIO

PATRÍCIA GREGÓRIA MARTINS SANTANA, CHEFE DA DIVISÃO DE GESTÃO URBANA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO, no uso da competência subdelegada pelo despacho exarado no documento interno, com o NIPG. n.º 33316/23, de 21/08/2023, vem, pelo presente anúncio, **NOTIFICAR** os titulares dos lotes da operação de loteamento na Urbanização Vale Lagar, Bemposta – Portimão, nos termos do n.º 3 do artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, para se pronunciarem, por escrito, no prazo de 10 (dez) dias úteis, relativamente ao procedimento de alteração da licença da operação de loteamento localizada na Urbanização Vale Lagar, Bemposta – Portimão, titulada pelo alvará de loteamento n.º 1/2005, freguesia e concelho de Portimão, requerida por Rodrigues & Vermelho, Construções, Lda.

A alteração da licença de operação de loteamento incide sobre os lotes 93, 94 e 101, consiste na alteração do polígono de implantação do lote 101.

Transferência de áreas de implantação, de construção e de impermeabilização dos lotes 93 e 94 para o lote 101 e alteração de tipologias e aumento de 4 lugares de estacionamento privativo.

O referido processo pode ser consultado no prazo acima mencionado, na secretaria do Departamento de Gestão Urbanística e Mobilidade, sito no Parque das Feiras e Exposições, Caldeira do Moinho – Portimão, de segunda a sexta-feira, das 9 às 13 e das 14 às 16 horas.

Mais se informa que a falta de oposição escrita à alteração da licença para operação de loteamento, no prazo de 10 dias, a contar da data de publicação deste anúncio, no *Diário da República*, legitima a consequente tramitação do procedimento.

De acordo com a alínea e), do n.º 1, do art.º 122.º, do Código do Procedimento Administrativo, passou-se o presente anúncio, que será publicitado nos termos previstos na Lei.

22 de abril de 2024

A Chefe da Divisão de Gestão Urbana
Patrícia Santana

MUNICÍPIO DE PORTIMÃO

ANÚNCIO

PATRÍCIA GREGÓRIA MARTINS SANTANA, CHEFE DA DIVISÃO DE GESTÃO URBANA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO, no uso da competência subdelegada pelo despacho exarado no documento interno, com o NIPG. n.º 33316/23, de 21/08/2023, vem, pelo presente anúncio, **NOTIFICAR** os titulares dos lotes da operação de loteamento na Urbanização Vale da Horta, Vale França – Portimão, nos termos do n.º 3 do artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, para se pronunciarem, por escrito, no prazo de 10 (dez) dias úteis, relativamente ao procedimento de alteração da licença da operação de loteamento localizada na Urbanização Vale da Horta, Rua da Ami, Vale França Portimão, titulada pelo alvará de loteamento n.º 6/1984, freguesia e concelho de Portimão, requerida por Manuel Custódio Simão.

A alteração da licença de operação de loteamento incide sobre o Lote 13, consiste na sua divisão, em dois lotes designando-se por lote 13A e 13B, com o uso de moradia geminada unifamiliar.

O n.º total de lotes passará de 38 para 39.

O referido processo pode ser consultado no prazo acima mencionado, na secretaria do Departamento de Gestão Urbanística e Mobilidade, sito no Parque das Feiras e Exposições, Caldeira do Moinho – Portimão, de segunda a sexta-feira das 9 às 13 e das 14 às 16 horas.

Mais se informa que a falta de oposição escrita à alteração da licença para operação de loteamento, no prazo de 10 dias, a contar da data de publicação deste anúncio, no *Diário da República*, legitima a consequente tramitação do procedimento.

De acordo com a alínea e), do n.º 1, do art.º 112.º e art.º 122.º, do Código do Procedimento Administrativo, passou-se o presente anúncio, que será publicitado nos termos previstos na Lei.

22 de abril de 2024

A Chefe da Divisão de Gestão Urbana
Patrícia Santana



EDITAL

Processo n.º 16/2023/190/0

NOTIFICAÇÃO

António Carlos Silva Monteiro Bebiano, Vereador da Câmara Municipal de Ovar:

Torna público, nos termos do n.º 2 do artigo 15.º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação, em conformidade com o seu despacho de 14 de maio de 2024, que vai proceder-se à discussão pública da alteração ao Alvará de Loteamento n.º 37/2008, em nome de Hardline – Sociedade Imobiliária, Lda., sito na Rua da Carvalheira – Freguesia de Maceda.

O pedido de alteração para os lotes 18 e 19 foi requerido pelo Senhor Pedro Dias Miguel Moreira, consistindo em:

– Alteração do polígono máximo de implantação da habitação e anexo;

– Construção do primeiro andar opcional.

O período de discussão pública terá o seu início no 8.º dia a contar da publicação do presente edital e terá a duração de 15 dias, encontrando-se a proposta de alteração ao alvará de loteamento disponível, para consulta, no Serviço de Operações Urbanísticas da Divisão de Urbanismo e Planeamento nos dias úteis, das 9 às 16 horas.

No decorrer daquele período, reclamações, observações, sugestões e pedidos de esclarecimentos deverão ser apresentados pelos particulares por escrito e dirigidos ao Presidente da Câmara Municipal de Ovar, sendo entregues em mão ou remetidos por correio sob registo, devendo constar o endereço dos seus autores e a qualidade em que os apresentam.

Para constar e seus devidos efeitos, se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos locais públicos do costume.

Ovar, 15 de maio de 2024

O Vereador com competências subdelegadas e delegadas, por despacho do Presidente da Câmara Municipal, de 04.04.2024, na sequência de deliberação da Câmara Municipal, da mesma data
António Carlos Silva Monteiro Bebiano

emprego



SELECIONA

Diretor para Escola de Hotelaria e Turismo de Vila Real de Santo António

Procedimento concursal para cargo de direção intermédia de 2.º grau

Consultar o DR – II Série, n.º 99, de 22/05/2024
Aviso n.º 10987/2024/2
A oferta encontra-se publicitada em www.bep.gov.pt.
O prazo de apresentação das candidaturas termina a 06/06/2024.

necrologia





JOSÉ FERNANDO VALLES DE FIGUEIREDO VALENTE

(Tenente-General do Exército)

FALECEU

Sua família cumpre o doloroso dever de participar o falecimento de seu ente querido e comunica que o funeral será realizado hoje, dia 23 de maio.

Será celebrada uma missa, às 14h30, na Igreja de Santo António de Nova Oeiras, seguindo depois a sepultar no Cemitério de Oeiras, no Talhão da Liga dos Combatentes do referido cemitério.

P.S.: O Tenente-General, antes de falecer, manifestou o desejo de não se levarem flores, preferindo antes que se faça um donativo à "Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa".

Funerária Central de Paço de Arcos
Tel: 214 418 291



O Centro Comercial Colombo tem um espaço dedicado a Taylor Swift para os fãs.





Das pulseiras da amizade ao *merchandising*. O concerto de Taylor Swift está a chegar

MÚSICA Há uma canção de Taylor Swift para todas as situações da vida. É nisso que os fãs da cantora acreditam e que vão querer celebrar nos dois concertos que a norte-americana vai dar em Lisboa. O DN falou com alguns que se andam a preparar afincadamente há meses.

TEXTO **MARIANA DE MELO GONÇALVES**

A contagem decrescente está a chegar ao fim. Faltam poucas horas para a cantora norte-americana Taylor Swift subir ao palco no Estádio da Luz, amanhã e sábado. Durante três horas de concerto, os fãs vão poder viajar por 18 anos de carreira e 10 diferentes álbuns.

Os *Swifties* (nome que se dá aos fãs de Taylor Swift), há muito que se preparam e contam os dias para os dois espetáculos. Ana Lia Moura, de 26 anos, é uma fã que começou a fazer as chamadas "pulseiras da amizade" já em outubro de 2023. Atualmente tem cerca de 150 pulseiras para trocar com outros *Swifties* nos dois dias de concerto. A troca das pulseiras da amizade começou com uma digressão de Taylor Swift nos Estados Unidos, depois do lançamento da música *You're on Your Own, Kid*, na qual a letra diz "*make the friendship bracelets*" (faz pulseiras da amizade). E desde então, as pulseiras são quase "obrigatórias" entre os fãs mais devotos.

Ana Lia Moura está também a terminar os detalhes das roupas que irá usar. Os fãs da cantora escolhem os seus *looks* p ara o concerto consoante os seus álbuns preferidos. "No primeiro dia, vou com uma roupa inspirada no [disco] *Red*, que é mais ou menos uma imitação do que ela usa no concerto. E no segundo dia, vou com um fato inspirado no álbum *Reputation*", explicou a jovem em conversa com o DN.

Ana começou a ouvir Taylor Swift quando tinha 8 anos, altura em que a americana apareceu no filme de *Hannah Montana* (2009) da Disney. "Acabo por me identificar com várias músicas, porque há realmente uma música da Taylor para todas as situações da vida. Acho que é bom perceber que alguém também passa por essas situações e não estamos sozinhos, de certa forma".

Já para Cristina Oliveira, de 25 anos, os espetáculos de Lisboa serão o quarto e o quinto concerto de Taylor Swift a que assiste. No seu currículo de *Swiftie* já tem três concertos em Paris e mais tarde ainda irá a Londres.

Começou a gostar de Taylor Swift com 7 anos, conta que imprimia as letras das músicas em inglês e português e ainda hoje tem um *dossier* com os álbuns impressos. "Os meus pais ficavam chateados porque gastava os tinteiros todos lá em casa. Recorda ainda que nessa altura os pais não tinham possibilidade de lhe comprar os álbuns dela ou mesmo produtos de *merchandising*. "Agora que trabalho, consigo fazer isso por mim e decidi que utilizar as minhas férias para isto. Inicialmente só ia ao primeiro concerto, em Paris, que foi o primeiro na Europa, mas acabei por aproveitar que estava por lá e comprei para os outros dois dias de concertos", explica ao DN, acrescentando que faz todo sentido porque os concertos acabam sempre por ser diferentes entre si.

Ao todo, Cristina gastou (ou investiu, de acordo com a perspetiva) cerca de 1200 euros , em bilhetes, alojamento e respetivas viagens. "Estive um ano a juntar dinheiro para isso. Mesmo antes de ela anunciar a digressão, supus que ia anunciar datas para a Europa e comecei a preparar-me alguns meses antes."

Também tem as suas pulseiras da amizade, ao todo são 60, para trocar com outros fãs nos concertos de Lisboa. Curiosamente, conta, que os fãs, em Paris eram muito tímidos no momento da troca das pulseiras. "Foi um bocado complicado, porque eles não estavam muito abertos a isso. Estavam um pouco chateados porque estavam muitas pessoas de outros países para o concerto".

Aos 7 anos de idade, Cristina Oliveira imprimia as letras das músicas da Taylor Swift em inglês e português. Ainda hoje tem um *dossier* com os álbuns impressos. "Os meus pais passavam-se, porque eu usava os tinteiros todos. O que eu gosto mesmo nela é a mensagem que ela transmite e a emoção. Consigo reconhecer-me na pessoa que ela é e naquilo que ela pensa", acrescenta, explicando: "O que eu gosto mesmo nela é a mensagem e a emoção que transmite. Consigo reconhecer-me na pessoa que ela é e naquilo que ela pensa", acrescenta.

Em frente à carrinha do *merchandising* de Taylor Swift – que abriu ontem no Parque Mayer –, Anni Huovinen, de 24 anos, Pietari Vehreävesa, de 24, Emmi Huovinen, de 22, e Meri Piirainen, de 21, experimentavam as *sweatshirts* que acabaram de comprar. Os quatros vieram da Finlândia para o concerto de amanhã. "Aproveitamos as férias para vir a Portugal e ver a Taylor Swift. Tentámos ir à Suécia que era mais perto, mas não conseguimos bilhetes", explicou Anni Huovinen.

Com as inevitáveis pulseiras de amizade nos pulsos, cada um com 20, estão prontos para os momentos de troca com os outros fãs. Anni Houvinen explica que começou a fazer a sua roupa para usar no concerto em agosto do ano passado. Vai usar um vestido inspirado no *body* que Taylor Swift usa na primeira parte do concerto. Já Pietari Vehreävesa irá com um casaco de ganga feito pela amiga Anni , baseado no álbum *Reputation*.



Quatro amigos vieram da Finlândia para o concerto.



Ana da Cunha foi com dois amigos comprar *merchandising*.

Emmi Huovinen irá também vestida a partir do tema *Reputation* e Meri ainda não decidiu: sabe sim que terá a ver com o o mais recente álbum, The *Toured Poets Department (2024)*.

Para o concerto, estão a planear chegar ao Estádio da Luz por volta das 10.00 da manhã. "Prevê-se um dia mais quente e estamos com medo. Como somos da Finlândia, não estamos habituados ao sol e a calor", explicou Anni.

No mesmo local, encontramos Ana da Cunha, de 27 anos, com os amigos Nélio Pereira, de 26, e Miguel Rodrigues, de 28, também comprar *merchandising*. Para Ana da Cunha, Taylor Swift tem sido uma companhia sobretudo nos momentos mais difíceis da sua vida. "É como ter uma amiga mais velha que nos entende, só que através das músicas. É bom ver alguém conhecido que é uma pessoa genuinamente boa. Além disso, ela também é obcecada pelos seus gatos, tal como eu que adoro o meu", acrescentou.

Há dias que o Centro Colombo, tem um *Swiftie Spot*, um local, na praça central do centro comercial, onde os fãs da artista podem fazer as pulseiras da amizade, gravar vídeos com acessórios e ver exemplos de roupas para o concerto. Nos dias dos concertos o espaço terá maquilhadores disponíveis para os fãs

Depois de fazer um vídeo no local, Sofia Ferreira, de 16 anos, conta ao DN que vai ao concerto de sábado com a mãe. "Desde bebé que ouço as músicas da Taylor Swift, porque a minha mãe sempre as ouviu", conta. Para Sofia, o que mais gosta em Taylor é a forma como se expressa: "Diz o que muita gente pensa, mas não tem coragem de dizer."

Taylor Swift: rainha dos palcos, das bilheteiras... e dos boletins de voto?

PODER Há uma perceção de que a cantora pode influenciar as eleições norte-americanas, que está a ser levada a sério pelas campanhas, explica analista política.

TEXTO **ANA RITA GUERRA,** LOS ANGELES

Em 2023, a firma de pesquisas de mercado QuestionPro calculou que o impacto do *Eras Tour* de Taylor Swift na economia global foi de cinco mil milhões de dólares. O Banco da Reserva Federal de Filadélfia creditou a recuperação da atividade económica na região com a passagem do *tour* pela cidade. O Turismo de Chicago notou uma tendência semelhante. Em Cincinatti, Ohio? Igual.

No final de 2023, o relacionamento da cantora de *Karma* com o jogador de futebol Travis Kelce beneficiou a sua equipa Kansas City Chiefs, que registou um impulso de 331,5 milhões de dólares antes mesmo de chegar à *Super Bowl*. A final, já a 11 de fevereiro, tornou-se no programa ao vivo mais visto de sempre, atraindo um recorde de 123,7 milhões de telespetadores.

Agora, analistas debruçam-se sobre o fenómeno da artista norte-americana, que vai atuar em Portugal a 24 e 25 de maio, para perceber se a sua extrema influência social pode traduzir-se também em influência política.

Em causa está uma estratégia da campanha do presidente Joe Biden, que se recandidata à Casa Branca em novembro e tem pela frente novamente Donald Trump, que derrotou em 2020. Desta vez atrás nas sondagens por margens curtas, a campanha de Biden calcula que o apoio oficial de Taylor Swift possa fazer a diferença.

Em 2020, Swift apoiou o então candidato democrata Joe Biden e a sua vice-presidente Kamala Harris em outubro, a cerca de um mês das eleições. Foi uma mudança decisiva para a artista, que sempre tentou manter-se afastada de questões políticas para não alienar parte da sua base de fãs.

Mas isso começara a mudar em 2018, ano em que as eleições intercalares resultaram numa *avalanche* democrata a meio do mandato de Donald Trump. Swift tomou uma posição ao apoiar o democrata Phil Bredesen contra a republicana Marsha Blackburn na corrida ao Senado pelo Tennessee. A ultraconservadora ganhou, mas o génio de Swift já não voltou para dentro da lâmpada. E o seu poder e influência cresceram de forma considerável desde então.

"Taylor Swift tem *soft power*", disse ao DN a cientista política luso-americana Daniela Melo, que dá aulas na Universidade de Boston. "Por isso mesmo, Biden tem-se mostrado muito interessado em receber o apoio de Swift e, alternativamente, Trump tem-se mostrado receoso de que isso aconteça, tentando pressioná-la publicamente a não apoiar Biden", explicou. "Portanto, esta perceção de que Swift possa influenciar as eleições está a ser levada a sério por ambos os lados."

Melo lembrou que esse poder ficou patente no ano passado quando Taylor Swift apelou aos seus fãs no Instagram para se registarem como eleitores através do *site* Vote.org: a organização recebeu mais de 35 mil inscrições de novos eleitores em resultado disso.

"O impacto dela é multifacetado", disse ao DN Mark Richardson, responsável da agência Marketing Machine e especializado em segmentação de audiências. "A *Eras Tour* teve um efeito de crescimento económico nas áreas por onde passou e o seu relacionamento com Travis Kelce não só aumentou o interesse nos Chiefs, também levou a um crescimento de 53% no interesse pelo desporto por parte de adolescentes", frisou, citando dados da NFL.

O especialista indicou que ainda é cedo para a artista dar alguma espécie de apoio oficial, até porque a narrativa está a ser dominada pelo julgamento de Donald Trump e pelos debates entre os candidatos. "Se a Taylor Swift chegasse e oficializasse o seu apoio, isso criaria um circo mediático que ultrapassaria o circo que está a acontecer neste momento", apontou. "Penso que ela dará o seu apoio quando tiver o máximo impacto positivo para a campanha, que será mais tarde no ciclo eleitoral."

Mas Richardson não tem dúvida do potencial político de Swift. "Se os democratas fizerem bem o seu trabalho, penso que ela pode decidir a eleição", afirmou. No seu entender, nenhuma outra celebridade neste momento tem capacidade semelhante para "fazer mexer" a agulha e é improvável que Taylor Swift não tome posição mais perto das eleições. "Não vai ficar de fora, com o tipo de visibilidade que tem e os seus valores", considerou.

"Ela tem muita influência, que foi conquistada porque fala a partir do coração, fala de coisas com que as pessoas se identificam, e fá-lo de uma forma que é tão humorística e poderosa, como contagiante."

O especialista em *marketing* prevê que a campanha de Biden aposte em nichos de audiência segmentados, em especial nas redes sociais, com anúncios envolvendo Swift e potencialmente eventos de campanha.

"Se eu fosse estratega democrata, estaria a olhar para os eleitores que continuam a apoiar Nikki Haley", apontou, referindo a republicana que desistiu das primárias em março, mas continua a receber votos de eleitores descontentes com Trump. "Há pessoas que continuam a ir votar em alguém que sabem que não vai conseguir a nomeação e esses são eleitores que podem ser convencidos a votar nos democratas."

Por outro lado, Daniela Melo nota que circulam teorias da conspiração entre os republicanos, segundo as quais Swift está envolvida numa operação secreta do Governo para reeleger Biden. A politóloga salienta que a grande influência de Swift será no incentivo à participação, mais que mudar o sentido de voto.

"Onde a ícone musical pode ter imenso impacto é na afluência às urnas do voto jovem em estados cruciais para os democratas, como Michigan ou Wisconsin", referiu.

"Se Swift vier a apoiar a candidatura de Biden, o mais provável é que o faça perto das eleições para conseguir sensibilizar e dinamizar esse eleitorado para sair de casa no dia das eleições."



CHRISTINE OLSSON / TT / TT NEWS AGENCY / AFP

Biden espera o apoio de Swift, Trump tem pressionado para ela não o dar.



Anya Taylor-Joy ou a fúria mecânica.

Furiosa: ainda há combustível em *Mad Max*

AÇÃO George Miller continua a sua aventura de velocidade no deserto, desta vez com cunho feminino. *Furiosa: Uma Saga Mad Max* não tem a envergadura épica do anterior *Estrada da Fúria*, mas ainda apetece dar umas voltas neste universo.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Entra-se em *Furiosa: Uma Saga Mad Max* com a mesma falta de cerimónia com que se sai. Há qualquer coisa de bastante confortável em estar simplesmente ali, no meio da barulheira das motas e dos carros estapafúrdios, a seguir a linha quase reta das perseguições no deserto, que evoluem para coreografias mais ou menos estafadas. Não nos queixamos. Porquê? Porque George Miller criou um universo desejável aos olhos, em tudo o que ele representa de indesejável. Um universo tão forte, um conceito tão esdrúxulo por si só, que revisitá-lo é como dar um passeio violento e abastecer a visão de sucata prodigiosa, ao som gárrulo das máquinas com rodas.

Ao volante, e de pé no acelerador – embora demore a efetivar essa imagem –, está Anya Taylor-Joy, uma jovem Furiosa que procura a sua vingança, qual eterno motor narrativo. Entenda-se: Furiosa é a personagem que Charlize Theron interpretava em *Mad Max: Estrada da Fúria* (2015), numa união de esforços com o herói de Tom Hardy. O novo filme surge então como uma prequela, ou história de origem, que conta como foi ela parar às mãos de Immortan Joe, em criança, tendo assuntos pendentes com outro vilão, Dementus, que lhe matou a mãe e roubou a infância. Ao quinto título da série, Miller põe esta enganosamente frágil figura feminina a circular pela paisagem pós-apocalíptica de Wasteland, entre pontos industriais e jogos de guerra protagonizados pelos dois tiranos, enquanto se apaixona por um motorista (Tom Burke) que antecipa uma certa postura de Mad Max.

Tudo isto corre sobre rodas, com as habituais longas sequências de ação, que gastam muita gasolina e põem o impulso da escassez ao serviço do ataque constante... Enfim, a nível de argumento, não se pode dizer que *Furiosa* seja substancial ou robusto. A bagagem da escrita é leve e afirma-se sobretudo no Dementus de Chris Hemsworth – cujo tom de maléfico excêntrico pode ser uma derivação do humor do último Thor – e na heroína peso-pluma que Anya Taylor-Joy agarra com os tempos certos de reação e silêncio, já para não falar na linguagem corporal que tem sido o seu apanágio em qualquer contexto. Aqui ela representa, sem dúvida, a reserva de energia de um filme que está em constante movimento, mas não cresce em intensidade. Ouve-se mesmo a palavra "épico" num dos diálogos, remetendo para o futuro, isto é, para o que acontece em *Estrada da Fúria*, essa sim uma peça de arrebatamento total.

> Esta é a história de alguém que só queria encontrar o caminho de volta para casa. O resto é conversa, trepidação e combustível.

Por isso, é justo reconhecer que *Furiosa*, enquanto adenda de um universo, não requeria um tipo de ação orquestral (mesmo que a apresentação há dias, em Cannes, tenha sugerido essa potência). Basta-lhe a nota única de uma missão que se vai tornando cada vez mais solitária, até que os estrondos contínuos dos veículos em velocidade raivosa sejam substituídos por algum apaziguamento. Esta é a história de alguém que só queria encontrar o caminho de volta para casa. O resto é conversa, trepidação e combustível.

Cuidar da casa

ADOLESCÊNCIA As cores de um verão sueco num filme que explora a irmandade. *O Paraíso Queima* venceu no *LEFFEST* o Prémio Especial do Júri para Melhor Interpretação: Bianca Delbravo.

Da Suécia não nos chegam muitos retratos da adolescência, ainda menos de uma adolescência marginal e não-vigiada. Ao entrar no território íntimo de três irmãs que, na ausência da mãe, partilham uma alegre desordem doméstica, *O Paraíso Queima* vem de alguma forma preencher essa lacuna, procurando a vida em estado de efervescência numa certa expressão universal dos laços de irmandade. É de tal modo universal que, aqui e ali, nos faz sentir que "já vimos este filme" – lembrei-me, por exemplo, de *As Irmãs Macaluso* (2020), de Emma Dante, sobre essas personagens do título, cinco irmãs, que também criam o seu microcosmos doméstico, até que a tragédia resolve mudar a face daquela família.

Em *O Paraíso Queima*, primeira longa-metragem de ficção de Mika Gustafson, dança-se com o risco, mas o drama está bem mais diluído. Seguimos Laura (Bianca Delbravo, uma seguríssima debutante), a mais velha das três irmãs, com 16 anos, que tenta substituir a mãe, dentro das suas limitações práticas. A ameaça exterior surge quando os Serviços Sociais pedem uma reunião com a progenitora ausente, o que leva Laura a tentar resolver a situação às escondidas, sem gerar desassossego nas outras duas. Afinal, é verão: entre diversões na piscina com amigas, rituais de crescimento, brigas e música, as férias permitem manter a leveza dos dias, ao mesmo tempo que a heroína silenciosa vai zelando pela felicidade caótica daquele lar.

E a verdade é que Mika Gustafson consegue extrair uma apreciável respiração *punk* da vivência destas jovens, mesmo se o argumento não a solidifica. Menos bem-sucedida é a relação que Laura estabelece com uma mulher adulta, que passa a acompanhá-la nas suas entradas ilícitas em casas de pessoas ausentes, só para estar ali, a desfrutar de um modo de vida endinheirado... É claro que essa personagem surge primeiro como a solução para substituir a mãe perante os Serviços Sociais (e ao sugerir-se a atração física de Laura por ela, complexifica-se o quadro), mas é de tal maneira improvável toda a circunstância, que temos de nos esforçar para dali fazer sentido.

Uma falha que não compromete a sensibilidade de *O Paraíso Queima*, mas ajuda a que este retrato tão cheio de vida, com momentos de puro afeto desarrumado, se torne uma experiência demasiado ténue. **I.N.L.**



O caos feliz da irmandade.



O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
FURIOSA: UMA SAGA MAD MAX	★	★★★★	★★★
O PARAÍSO QUEIMA			★★
MMXX			★★
NADA A PERDER		★★★	
A NATUREZA DO AMOR			★★★
DAAAAAALÍ!		★★★	★★★★
GRAÇA			★★
AINDA TEMOS O AMANHÃ	★	★★★	★★★
O REINO DO PLANETA DOS MACACOS	★★★	★★	★
O SABOR DA VIDA	★★★	★★★★	★★★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

A grande beleza asiática de Miguel Gomes

FESTIVAL Um filme a fugir das expectativas, tal como a personagem de Gonçalo Waddington foge da noiva, Crista Alfaiate. Eis *Grand Tour*, de Miguel Gomes, ontem aplaudido na competição. Um périplo asiático mais ensaístico e contemplativo do que se suponha. E do Brasil, bomba potente de Karim Ainouz, *Motel Destino*. O festival já está ganho.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA,** EM CANNES

Num festival que é marcado por aberrações como a cara de monstro de Demi Moore em *The Substance*, de Coralie Fargeat, pelo corpo cozido e mutilado de Diane Kruger nesse desafiador *The Shrouds*, de David Cronenberg, ou a perfuração à barriga de Trump em *The Apprentice*, de Ali Abassi, como reagir à beleza inclassificável das imagens de *Grand Tour*, ontem em competição no Palais? Talvez fazer como os milhares de pessoas que enchiam a gala: aplaudir com força e ficar tocado pelo brilho nos olhos de Crista Alfaiate, a protagonista. As cerca de duas horas de projeção revelaram uma adesão inabalável a um objeto que não faz concessões às forma mais vigentes do cinema narrativo.


Miguel Gomes e a sua equipa no tapete vermelho. *Grand Tour*, um filme que ousa pedir um novo olhar para o cinema.

Não há zona de conforto para ninguém

É quase certo estabelecer que *Grand Tour* é o filme mais "difícil" do festival, aquele que joga com a poética de uma alquimia de imagens e formalismos, entre um ensaio e uma manifestação de *performance* experimental.

A história, situada no começo do século passado, mostra o desencontro de dois noivos ingleses no sudoeste asiático numa série de viagens entre rios, cidades, selva e montanhas. Uma história que é dividida em dois momentos e pontuada com imagens dos nossos dias em vários formatos, como se de uma aventura de cinema se tratasse, mesmo quando sentimos diálogos escritos com a sinfonia da melhor literatura e sempre a fazerem vénia a uma tonificante ambição de abandono.

Abandono? Ou se calhar perdição: o noivo quer ficar em "casa", a selva, a noção de viagem, pela errância; a noiva não quer destruir um ideal romântico de jura.

Não poder agradar a todos

A beleza deste preto & branco que reconstitui um romanesco próprio de 1918 e de uma ideia concetual da Ásia colonizada é fundamentada em gestos de *mise-en-scène* que são para ser apanhados com generosidade: ficarmos encantados com bolas de sabão, com a elegância de um *travelling* por entre a noite da selva ou pelo enquadramento do rosto triste de Gonçalo Waddington.

Mas claro que é um filme que vai dividir: a *Indiewire* diz que é "impenetrável", enquanto que a *Variety* vai ao céu e escreve que teve um efeito de cometa e a melhor crítica de Espanha aprova.

Grand Tour pode não ser a obra-prima de Gomes, mas tem uma relação com a transcendência da cultura oriental como nunca se viu num filme de um ocidental. Só isso...

Para a lista dos melhores da competição

Se calhar de propósito, ontem na competição só se falou em português. O outro filme a concurso foi *Motel Destino*, de Karim Ainouz, *thriller noir* numa praia do Ceará. Um triângulo amoroso potente inteiramente situado nos corredores e traseiras de um motel, com sexo e o cheiro da morte.

Dir-se-ia que é mais um dos grandes filmes desta seleção, muito provavelmente a obra maior do realizador de *Praia do Futuro* que, aqui, pede ao espectador para fazer parte de um *suspense* tão realista como sensual.

E passa para além do ecrã toda uma animalidade trabalhada de forma instintiva, com cobras, pássaros e um desejo primitivo. Uma fúria que ninguém estava à espera num conto onde todo o desejo acarreta uma revigorante fatalidade. Está comprado para Portugal.

Mastroianni para sempre

FAMÍLIA Revelado na competição de Cannes, *Marcello Mio*, o novo filme de Christophe Honoré, parte de uma certeza insólita e indesmentível: para interpretar Marcello Mastroianni, a única opção possível será a sua filha Chiara.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Eis uma pergunta de algibeira: no leque de atores que podem, ou poderiam, interpretar num filme a figura de Marcello Mastroianni (1924-1996), quem conseguiria fazê-lo com a mais perfeita semelhança física? Pois bem, a resposta implica o reconhecimento de que não será um ator, mas uma atriz. A saber: a sua filha, Chiara Mastroianni. É essa a prova visual, que se confunde com uma lição de amor, do muito belo e terno *Marcello Mio*, de Christophe Honoré, revelado na Secção Competitiva de Cannes.

Que se passa, então? Num tempo de alguma crise de identidade, Chiara compreende que pode "refazer" com impressionante verdade o rosto, os movimentos e a voz do seu pai… a ponto de decidir viver como Marcello! O que, bem entendido, implica o apoio ou, pelo menos, a tolerância afetiva de sua mãe, Catherine Deneuve.

Enfim, importa dizer que não estamos perante uma banal imitação de telefilme, ainda menos uma caricatura. *Marcello Mio* é uma comédia tanto mais delicada e comovente quanto a sua narrativa de muitos ziguezagues temporais – incluindo, inevitavelmente, uma subtil evocação da cena final de *La Dolce Vita* (1960), de Federico Fellini – sabe integrar um pouco de tudo isso, incluindo algumas suaves derivações musicais.


Veja as diferenças: Marcello Mastroianni ou Chiara Mastroianni?

Além de Deneuve, Chiara vai-se cruzando com Benjamin Biolay (com quem foi casada), Fabrice Luchini, Nicole Garcia e Melvil Poupaud, numa verdadeira reunião de afetos no interior da grande família cinéfila. Se o júri presidido por Greta Gerwig quiser distinguir com o Prémio de Interpretação Feminina alguém que possa simbolizar os valores dessa família, então Chiara Mastroianni será a escolha óbvia.

Drama & burlesco

Ainda na competição, num registo bem diferente, mas também centrado numa invulgar composição feminina – Mikey Madison, que vimos em *Era uma Vez Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino – surgiu *Anora*, de Sean Baker. Nele se faz o retrato de uma bailarina de um *cabaret* de *strip-tease* ("*sex worker*", diz a terminologia americana) que se envolve com um jovem russo cuja família, riquíssima, não será o exemplo mais feliz de transparência financeira.

Aquilo que começa por parecer uma anedota "romântica" sem consistência, acaba por se transfigurar num sugestivo exercício narrativo – a meio caminho entre o drama e o burlesco, eis a boa surpresa.

Poesia e vinho: os literatos chineses e a cultura do vinho

O vinho e a poesia são inseparáveis na cultura tradicional chinesa. Os antigos literatos frequentemente recorriam ao vinho para aliviar as tristezas e expressar as suas emoções, usando-o também como fonte de inspiração criativa. O *huangjiu*, comummente consumido pelos antigos, não só ajudava a combater o frio como também estimulava a criação artística, sendo ainda um elemento essencial em cerimónias de sacrifício e celebrações importantes.



Na cidade de Shaoxing, em Zhejiang, região conhecida pela produção de *huangjiu*, revive-se uma tradição das dinastias Tang e Song denominada "Vinho aquecido no fogareiro".



O poema de Li Bai *Bebendo Sozinho com a Lua – Primeira Esquadra*, que foi traduzido para português pelo macaense António Izidro, revela a solidão do poeta e o seu profundo apreço pelo vinho e pela lua.

O vinho e a poesia são inseparáveis na cultura tradicional chinesa. Na antiga China, bebericar o vinho enquanto se compunha poesia e beber para dissipar tristezas eram práticas comuns entre os literatos para lidarem com angústias internas e expressar emoções. Além disso, o consumo de vinho frequentemente servia como fonte de inspiração para os poetas. O grande poeta da Dinastia Tang (701-762) Li Bai, conhecido como *O Poeta Imortal* e *Imortal do Vinho*, era apaixonado por esta bebida.

Entre mais de mil poemas seus existentes, acima de 200 têm temas relacionados com o vinho. A maioria dessas peças foi composta num estado entre a lucidez e a embriaguez, utilizando profusamente metáforas, exageros e personificações como recursos estilísticos. Essas técnicas revelam as emoções intensas do poeta, que vão desde a grandiosidade e desprendimento, até ao gozo imediato da vida e a melancolia perante o fugir do tempo. Um dos seus poemas mais representativos, *Bebendo Sozinho com a Lua*, capta de forma vívida a solidão e a melancolia do poeta.

Contudo, a bebida que Li Bai e outros literatos chineses da antiguidade consumiam não era uma aguardente de alto teor alcoólico, mas sim o *huangjiu*, um vinho amarelo fermentado a partir de ingredientes como o arroz, o sorgo, o milhete, o milho, o trigo e a água, com um teor alcoólico que geralmente variava entre 14 e 20 graus. A substituição do *huangjiu* pela aguardente só ocorreu no final da Dinastia Qing.

Segundo a medicina tradicional chinesa, o *huangjiu* é também considerado como um componente farmacológico. Conforme descrito no *Bencao Gangmu*, a farmacopeia mais famosa da China, "o vinho é naturalmente quente, com sabores picante, amargo e doce; o seu ardor expulsa o frio, o picante dispersa-se e ele promove a circulação de energia e sangue". O vinho referido é o *huangjiu*, e o seu consumo moderado pode melhorar a circulação sanguínea e, consequentemente, ajudar a combater o frio. Assim, o *huangjiu* não apenas era amplamente consumido tanto por literatos quanto pelo povo comum, como também era indispensável nos eventos importantes, casos de festividades, celebrações e cerimónias nupciais ou funerais na antiguidade.

Nos banquetes da Antiguidade, praticavam-se *Jiu Ling* (Jogos de beber), onde o castigo é consumir um copo de vinho. Um dos jogos de beber chama-se *Qi Ju Ling*, que significa jogos com instrumentos. Por exemplo, o *Tou Hu* (atirar ao boião do vinho), em que os jogadores atiram setas ou paus a uma certa distância para um recipiente de vinho, e quem acerta mais vencerá.



Vários calígrafos chineses e estrangeiros reuniram-se no passado mês de abril de 2024, em Lan Ting, Shaoxing, Zhejiang, para experimentar a tradição *Liu Shang Qu Shui*.

Outro jogo com instrumento é o *Liu Shang Qu Shui* (Vaso de Vinho na Água Corrente) em que se colocam copos de vinho num riacho sinuoso, e quem tiver o copo parado à sua frente deve pegar nele e bebê-lo.

No entanto, a maior parte dos *Jiu Ling* são jogos literários, conhecidos por *Wen Zi Ling* (jogos com palavras) para incentivar as pessoas a comporem poesia e versos. Por exemplo, o *Fei Hua Ling* (jogo de flores voadoras), um jogo literário tradicional, no qual cada participante deve recitar um verso de poesia que contenha uma palavra específica sem repetir versos já ditos. Aqueles que falharem terão que beber o vinho como penalidade. As pessoas geralmente não se importam de ganhar ou perder, o que interessa é que se divirtam através deste tipo de jogo e intensifiquem laços emocionais com amigos que têm os mesmos interesses.

Muitas peças famosas de poesia e caligrafia foram criadas por literatos durante os seus encontros com amigos, através de jogos como o *Qi Ju Ling* e o *Wen Zi Ling*, por exemplo, o *Prefácio* aos poemas compostos ao Pavilhão das Orquídeas, do calígrafo Wang Xizhi, e *A Beber*, de Li Bai, entre outras.

Curiosamente, o referido *Prefácio* foi escrito por Wang Xizhi quando estava já um pouco bêbedo, sendo uma obra que mostra os seus excecionais talentos, tanto caligráfico, como literário. Quando ficou sóbrio, Wang Xizhi apercebeu-se de que a obra era extraordinária, e decidiu replicá-la. Embora tenha tentado muitas vezes, não conseguiu reproduzir exatamente a maneira como esta obra calígrafa foi escrita em estado de embriaguez.

Como Li Bai escreveu no poema intitulado *A Beber*:

"*Quantos grandes homens / foram esquecidos / ao longo dos séculos? Grandes bebedores / são mais conhecidos / do que sábios sóbrios.*"

Embora muitos literatos da China antiga se sentissem solitários e melancólicos por não conseguirem realizar os seus ideais de vida, quer bebendo sozinhos, quer com amigos, eles encontraram consolo no álcool, e conseguiram criar uma vasta quantidade de obras poéticas clássicas, que são ainda conhecidas e admiradas pelas gentes de hoje.



INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

Dacia Duster: fazer as contas



Nesta terceira geração do Duster a Dacia delapidou o modelo até encontrar o estado "mais puro" das linhas.

CARRO Exibindo uma estética mais expressiva, a terceira geração do SUV da Dacia chega ao nosso país e obriga os interessados a fazer contas e a questionarem: a versão-base custa mesmo menos de 20 000 euros?

TEXTO **JORGE FLORES**, *MOTOR 24*

Value for money. Poucas marcas procuram, tão afincadamente, encontrar a fórmula perfeita do custo-benefício como a Dacia. As suas contas são diferentes e já há muitos "quilómetros" que o termo *low budget* deixou de fazer parte da equação dos seus modelos.

Nesse sentido, a terceira geração do Duster é a expressão perfeita. Depois de ter mostrado a revolução estética deste SUV (que, desde 2010, vendeu 2,2 milhões de unidades na Europa), a Dacia proporcionou aos jornalistas os primeiros quilómetros ao volante do "carismático" modelo. Fê-lo em Málaga, Espanha, numa apresentação onde foi possível testar ainda as suas competências fora de estrada, já que contempla versões 4x2 e 4x4.

Parece justo afirmar que uma pergunta atravessou a mente de quem conduziu o novo Dacia Duster. Será possível que o preço da versão de acesso esteja ligeiramente abaixo dos 20 000 euros?

Revolução estética

Antes de partirmos para a experiência dinâmica, recordemos as alterações estéticas do novo Duster. Não são poucas. Nesta terceira geração, a marca procurou delapidar o modelo até encontrar o estado "mais puro" das linhas. Não existe um "traço" a mais em matéria de *design*. A secção frontal é de uma verticalidade de assinalável, não escondendo as proteções estriadas das cavas das rodas, a porta da bagageira é de enormes dimensões e as janelas laterais atravessam toda a carroçaria.



O habitáculo é muito coerente e de fácil convivência.

As proteções laterais ligam-se aos guarda-lamas e, depois, às cavas das rodas. Os faróis e as luzes traseiras do novo Duster estão dispostos em "Y", a mesma forma que é visível nas jantes de liga leve (que também não têm crómio). A forma como os materiais são polidos confere-lhe um brilho que não passa despercebido.

Tanto as proteções laterais inferiores como as cavas das rodas, as marcas de identificação, os guarda-lamas, os triângulos no para-choques dianteiro e a proteção da zona traseira foram concebidos num material resistente. Uma solução encontrada pelos engenheiros da Dacia e pelos químicos da LyondellBasell: Starkle. O material já revelado antes no *concept-car Manifesto* é até 30% reciclado.

> As unidades 4x4 têm 217mm da altura ao solo, ângulo de ataque de 31° e ângulo de saída de 36°, o que permite superar terrenos bastante agrestes com muita facilidade.

O novo Dacia Duster recorre à plataforma CMF-B do Grupo Renault, argumento de peso para a qualidade de vida a bordo. Mais: reduziu as vibrações e o ruído de rolamento, permitindo-lhe acolher, pela primeira vez, variantes eletrificadas. Grupos motopropulsores que utilizam tecnologias híbridas moderadas (*mild-hybrid*) e totalmente híbridas (*full-hybrid*). Soluções que as duas gerações anteriores não permitiam.

Recheio tecnológico

O habitáculo é, também ele, muito coerente e de fácil convivência. Tem um pouco de tudo, mas cada coisa tem a sua função. Conta com um ecrã central de 10,1" posicionado no campo de visão do condutor e com um ângulo de 10° na sua direção. Os controlos da transmissão automática são novos e encontram-se associados ao motor Hybrid 140.

Destaque ainda para a superfície das saídas de ar em forma de "Y" (e em tom de cobre na versão *Extreme*), que também aparece à volta dos apoios de braços dos painéis das portas. O nome da marca no centro do volante foi substituído pelo logótipo da Dacia.

A plataforma CMF-B permite ainda criar mais espaço. Não apenas para quem vai a bordo do Dacia Duster – nomeadamente nos bancos traseiros – mas, também, na bagageira, que aumentou a sua capacidade: de 445 para 472 litros.

Ser e parecer

O novo Duster tem um visual robusto e de aventureiro pós-moderno. E não parece apenas... é. Conta com versões 4x2 e 4x4, estas últimas dotadas, inclusivamente, do sistema *Terrain Control*, com vários modos: *Auto*, *Snow*, *Mud-Sand/Off-Road* e *Eco*. De referir que as unidades 4x4 têm 217mm da altura ao solo, ângulo de ataque de 31° e ângulo de saída de 36°. O que permite superar terrenos bastante agrestes com muita facilidade, como foi possível comprovar durante a apresentação internacional.

Existem várias opções em termos de motores – e nenhuma é Diesel. A variante mais elitista (29 000 euros) é a Hybrid 140. Um conjunto que integra um motor 1.6 a gasolina de quatro cilindros com 94cv, dois motores elétricos (motor de 49cv e gerador/motor de arranque de alta tensão) e uma caixa de velocidades automática. A travagem regenerativa e a elevada capacidade de recuperação de energia da bateria de 1,2kWh (230V), permitem circular em modo 100% elétrico até 80% do tempo em cidade, reduzindo os consumos entre 20% (ciclo misto) e 40% (ciclo urbano).

Em estreia temos o TCe 130, disponível por 24 050 euros. Neste caso, entra em cena o motor turbo 1.2 a gasolina de três cilindros, de nova geração, que utiliza o ciclo Miller (perdas reduzidas na bomba otimizam a eficiência) e uma solução híbrida ligeira (*mild-hybrid*) de 48V. Este ajuda o motor de combustão interna em arranques e acelerações, reduzindo o consumo médio e as emissões de CO_2 em cerca de 10%. Este Duster TCe 130 conta com uma caixa de seis velocidades nas versões 4x2 e 4x4.

Por fim, o Duster ECO-G 100. A Dacia não deixa cair esta solução que, em Portugal, é de estranhar não ser mais considerada, dada a poupança que representa no momento de abastecer. Em modo GPL, o Duster liberta, em média, menos 10% de CO_2 do que um motor a gasolina comparável. Pode percorrer até 1300km com os seus dois depósitos de 100 litros – 50 litros de gasolina e 50 litros de GPL. Para mudar de um modo de combustível para o outro, basta carregar num botão integrado no painel de instrumentoss. O preço? Com o nível de equipamento Essential, não mais de 19 150 euros. Lá está, é fazer as contas.



O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 23 DE MAIO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**



A FESTA DA FLOR

A população de Lisboa acolheu bizarramente os grupos de "vendeuses"

A esposa do sr. presidente do Ministerio percorrendo os bancos angariou 11.520$00 de donativos Na Camara Municipal e no Parlamento — A "quête" das alunas da Escola Normal de Benfica ascendeu a 15.500$00



de, tendo colhido na sua tarefa extenuante do dia a importante verba de 15.500 escudos. O director desta escola e os professores foram tambem incansaveis na organização e orientação dos grupos de alunas. As referidas alunas percorrem ainda hoje alguns teatros.

O apuramento de algumas juntas de freguesia

A junta de freguesia do Sacramento, cuja cooperação foi secundada por varias senhoras e alunos das escolas oficiais, angariou até ás 10 horas da noite a importancia de 3 372$90.

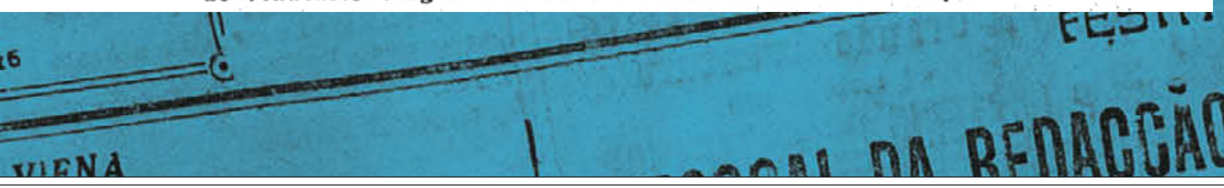
A Junta de Santos-o-Velho, freguesia essencialmente operaria, colheu donativos na importancia de 1.513$10.

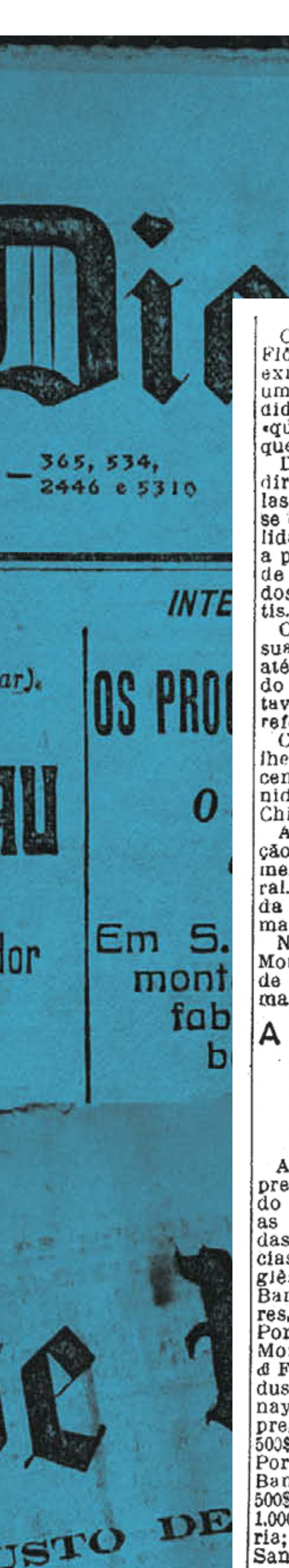
A Junta da Pena apurou até á noite a verba de 1.579$70.

Um incidente lamentavel na Brasileira do Rossio

Dos raros incidentes de deplorar, o mais importante deu-se na Brasileira do

EM CIMA—Um ataque em «fórma»—EM BAIXO—M.me Alvaro de Castro (x) com um grupo de «vendeuses» e alguns vereadores á entrada da Camara Municipal





Como nos anos anteriores, a Festa da Flôr ontem realizada logrou o esperado exito concorrendo toda a população com uma notavel espontaneidade e na medida dos seus recursos para a grande «quête» a favor da prestante instituição que é a Cruz Vermelha.

Desde manhã cedo que 1.500 senhoras, dirigidas pelas Juntas de freguesia e pelas esposas dos membros do governo, se espalharam por toda a cidade e localidades circunjancentes pondo em toda a parte a nota graciosa da sua mocidade alacre, do colorido das suas vestes, dos seus atributos de «vendeuses» gentis.

O povo de Lisboa acolheu-as com a sua urbanidade simples, simpatica e até por vezes bizárra, não se tendo dado qualquer incidente, excepção lamentavel daquelas a que mais abaixo nos referimos.

Como sempre, a grande azafama, a colheita maxima realizaram-se nas ruas centrais da cidade, nomeadamente Avenida, Rossio, as ruas que ali afluem, Chiado, Camões etc.

Ali pelas 11 horas, quando a população daquelas arterias se agita nervosamente nos seus trafegos, o ataque é geral. Ninguem escapa. A símbolica flor da protecção adorna toda a gente, algumas pessoas em constelações opulentas.

Nos bairros populares, Alcantara, Mouraria, Xabregas, etc., o povo humilde acolheu as «vendeuses» com a mesma simpatica solicitude.

A esposa do sr. Presidente do Ministerio percorre os Bancos recolhendo 11.520$00

A senhora D. Maria Rosa de Castro, presidente da grande comissão e esposa do chefe do governo, percorrendo todas as casas bancarias recebeu em troca das suas flores as seguintes importancias, no total de 11.520$00: do Banco Inglês, 150$00; Pinto & Soto Maior, 1.000$00; Banco do Minho, 1.000$00; Lisboa & Açores, 500$00; Casa Tota, 1.000$00; Banco Português e Brasileiro, 1.000$00; Pancada Morais & C.ª, 150$00; José Augusto Dias & F.os, 200$00; Crédit, 150$00 Banco Industrial Português, 200$00; Henri Burnay & C.ª, 500$00, e mais 100$00 dos empregados; Banco Comercial do Porto, 500$00: Banco da Madeira, 100$00; Banco Português do Continente & Ilhas, 200$00; Banco Espirito Santo, 500$00, e mais 500$00 do pessoal; Banco Ultramarino, 1.000$00, e mais 10$00 do sr. conde de Caria; Banco Comercial, 300$00; Fonsecas, Santos & Viana, 500$00: Banco de Portugal, 1.000$00, e mais 100$00 do director de serviço, sr. Mota Gomes.

Na Camara Municipal

A vereação contribui com esc. 200$00 e oferece flôres para a venda a favor da Cruz Vermelha

A sr.ª D. Maria Rosa de Castro esteve tambem na Camara Municipal, onde foi recebida pela vereação, que lhe entregou 200$00, oferecendo-lhe tambem um magnifico ramo de cravos e dando ás senhoras, que a acompanhavam, grande quantidade de flôres naturais para serem vendidas a favor da Cruz Vermelha.

No Parlamento

Não obstante não haver sessão as dadivas atingiram consideravel importancia

Embora não houvesse sessão por falta de numero, umas três duzias de deputados conservam-se na sala trocando impressões. A certa altura, um numeroso grupo de meninas, ruidosas, com açafates lindamente decorados, entrou na sala. Desde os ministros aos mais modestos funcionarios ninguem escapa. Ninguem pretende, naturalmente, escapar. Os açafates despejam-se. Abrem-se magnanimamente as carteiras. A sala dá-nos a impressão duma escola em recreio. Ha ditos graciosos. Os poucos ministros presentes são o alvo principal do ataque. O sr. ministro do Comercio tem o peito constelado como um general de muitas guerras. As «vendeuses» assediam-no. Por cada flôr dá uma nota ao acaso — de 5, de 10 ou 20 escudos. Vem até á galeria da imprensa e diz-nos: «Não se pode ser poder executivo sem a concumitante sumptuaria e algumas moções de desconfiança...».

Mais tarde comparecéu tambem ali o grupo chefiado pela esposa do sr. dr. Alvaro de Castro que sofreu uma grande decepção: tinham desandado os deputados. Todas as senhoras do grupo eram portadoras de grandes ramos de flores naturais para oferecerem aos legisladores. Nem ao menos tiveram o recurso do Senado onde ontem não houve sessão plenaria.

A "quête" das alunas da Escola Normal de Benfica rendeu 15.500$00

As alunas da Escola Normal de Benfica, que já o ano passado prestaram assinalados serviços na mesma festa, foram este ano de uma singular actividade Rossio. Cêrca das 10 e meia da manhã um grupo de «vendeuses» solicitou ao porteiro daquele estabelecimento permissão para ali vender flores. O porteiro disse-lhes que ia transmitir o pedido ao gerente daquele estabelecimento. Nesta altura dois fregueses, os srs. Custodio da Cruz e Antonio Sá Junior, supondo que o porteiro se opuzera á entrada das solicitantes, começaram a bradar imprecações contra aquele empregado. Então o sr. Ferreira de Melo, o socio gerente referido, declarou que as senhoras podiam entrar, mas que na sua casa quem mandava era ele.

Estas palavras azedaram os animos e a breve trecho desenrolava-se uma scena de pancadaria em que intervieram varios fregueses e os empregados daquele estabelecimento. Da refrega sairam feridos Guilherme Leiria, 40 anos, impressor, residente no Bairro Catarino, e Custodio da Cruz, de 39 anos, serralheiro, residente no Campo de Santa Clara, 65, 1.º, os quais receberam curativo no hospital de S. José

Pouco depois os dois primeiros fregueses em questão, o sr. Augusto Ferreira de Melo e o empregado Joaquim Rodrigues eram conduzidos para a esquadra do Teatro Nacional e dali para o governo civil.

Tambem na freguesia do Sacramento foi preso um individuo por ter desacatado a esposa do sr Alfredo Duarte Laureano, vice-presidente da respectiva junta.

Outros importantes donativos

A Companhia Portugal e Colonias deu ás senhoras que ali foram vender flores o importante donativo de mil escudos e a Vaccum Oil Company mandou igual importancia aos escritorios da Cruz Vermelha ao Terreiro do Paço.

* * *

Um grupo de «vendeuses» esteve no govêrno civil percorrendo todas as repartições e fazendo importante colheita. Do mesmo modo todos os ministerios e outras repartições publicas foram visitadas por numerosos grupos com exito semelhante.

Nos teatros

Como já anunciámos, os teatros de S. Carlos, Trindade, Politeama e Eden organizaram varios grupos de artistas que realizaram «quêtes» nos intervalos dos espectaculos. No S. Luís, Nacional e Coliseu dos Recreios a venda da flôr foi realizada pelas alunas da Escola Normal de Benfica. A soma total destas colheitas é muito importante.

Atalanta vence Leverkusen e conquista a Liga Europa

A Atalanta venceu ontem o Bayer Leverkusen, por 3-0, e conquistou a Liga Europa, naquele que foi o primeiro troféu europeu da história da equipa italiana, que impôs aos campeões alemães treinados por Xabi Alonso a primeira derrota da época (estiveram 51 jogos sem perder). Os golos tiveram todos a assinatura de Lookman. Este resultado vai obrigar o Benfica a esperar mais uns dias para saber se tem entrada direta na Champions da próxima época. Para isso acontecer, é preciso que Atalanta fique em quarto lugar na liga italiana.



OLI SCARFF / AFP

Governo alivia restrição ao consumo de água no Algarve

SECA Executivo diz que "decisão foi baseada numa avaliação rigorosa, assente na evidência científica", mas ressalva que "situação continua a ser delicada".

TEXTO **CARLA ALVES RIBEIRO/DV**

O Governo anunciou ontem um alívio nos cortes ao consumo de água no Algarve, decididos pelo anterior executivo. "No que respeita aos alívios anunciados, regista-se um aumento de 2,65 hm3 [hectometro cúbico] no volume autorizado para o setor urbano, de 13,14 hm3 para a agricultura e de 4,17 hm3 para o turismo (incluindo golfe e alojamento turístico)", avançou o gabinete da ministra do Ambiente e da Energia. No conjunto o alívio será de 20hm3, "o equivalente a mais de um mês de consumo total na região".

O anterior ministro do Ambiente e Ação Climática, Duarte Cordeiro, tinha decretado uma redução do abastecimento de água de 25% para a agricultura algarvia e de 15% para o setor urbano para fazer face à seca na região. "A decisão foi baseada numa avaliação rigorosa, assente na evidência científica, na evolução favorável dos níveis de água nas albufeiras do Algarve e, sobretudo, no impacto positivo dos investimentos a realizar no setor da água na região – tanto os já previstos, cuja execução tem sido débil e se pretende agilizar, como novos investimentos", justificou o executivo liderado por Luís Montenegro.

No total, estão previstos 366 milhões de euros de investimentos, dos quais 103 milhões serão novas infraestruturas". O Governo avisou que "estas medidas salvaguardam o abastecimento público no Algarve para o próximo ano", mas ressalvou que "a situação continua a ser delicada e que será alvo de constante monitorização", frisando que "a poupança, o combate ao desperdício e a reutilização serão prioridades" a reforçar".

O primeiro-ministro Luís Montenegro anunciou que o investimentos de 103 milhões de euros será destinado à eficiência hídrica no Algarve, sublinhando que a taxa de execução dos investimentos previstos no Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) está apenas nos 05%.

Estas intenções foram anunciadas após a 19.ª reunião da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca, que decorreu na CCDR Algarve, em Faro.

BREVES

Aguiar-Branco propõe criar voto de repúdio a discursos de ódio no Parlamento

Aguiar-Branco, presidente da Assembleia da República, propôs ontem que, na sequência de uma revisão do Regimento, seja criado um voto de repúdio ou rejeição, perante um insulto ou uma injúria, que será votado quase de imediato. Esta posição foi transmitida pelo secretário da mesa da conferência de líderes, o deputado do PSD Jorge Paulo Oliveira, que adiantou que a discussão da liberdade de expressão dos deputados e a compatibilização com "linhas vermelhas" em relação a discursos considerados xenófobos ou injuriosos foi debatida ao longo de mais de hora e meia. A questão foi levada a conferência de líderes na sequência da polémica da semana passada, em que o presidente do Chega, André Ventura, se referiu à capacidade de trabalho dos turcos. Uma das propostas de Aguiar-Branco passa pela criação de um voto de repúdio, ou de rejeição, em relação a discursos de ódio, ideia que será ainda analisada pelos grupos parlamentares e que requer uma revisão do Regimento da AR. Na conferência de líderes, Aguiar-Branco manifestou "repúdio" em relação a recentes relatos de casos de insultos racistas, ou de misoginia, que a dirigente socialista Isabel Moreira atribuiu a elementos do Chega.

Tribunal anula decisão que reconhecia contrato entre estafeta e a Uber

O Juízo do Trabalho de Lisboa decidiu anular a sentença que reconhecia um contrato de trabalho entre um estafeta e uma plataforma digital devido à falta de citação da empresa, neste caso a Uber. A decisão refere que a citação pessoal por carta registada de uma empresa inscrita no Registo Nacional das Pessoas Coletivas "deve ser endereçada para a sua sede, conforme daquele registe conste". No entanto, de acordo com o tribunal, a mesma "não ocorreu", pelo que "julga-se verificada a nulidade decorrente por falta de citação, anulando-se também os atos que dela dependeram, designadamente a decisão proferida". No final de janeiro, o Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa reconheceu a existência de um contrato de trabalho, sem termo, entre um estafeta da Uber Eats Portugal e a empresa, com retroativos a maio de 2023. O contrato em causa teria retroativos a 1 de maio de 2023, quando entraram em vigor as alterações ao Código do Trabalho. Essa foi a primeira vez que um tribunal português aplicou a presunção de laboralidade entre estafetas e plataformas digitais. A Uber contestou a decisão, alegando não ter sido notificada, porque o Tribunal enviou a notificação, por troca de morada, para a Glovo. Para todos os efeitos, o processo volta ao início, podendo agora a Uber apresentar argumentos contra a presunção de um contrato de trabalho.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



